

## PACOTE AGRÍCOLA

# INCENTIVO AOS PRODUTOS BÁSICOS

*Governo regionaliza a produção, estimula a verticalização, reduz taxas de juros e impostos, reajusta preços mínimos e VBCs e valoriza os produtos da cesta básica. É a modernização da agricultura à vista — 4 e 5*



O secretário Palombini visitou a microbacia de Arroio Cipó, no distrito de Floresta, Ijuí

### MICROBACIAS

## Recursos escassos

*Um programa prioritário para o governo do Estado que não tem recebido o apoio financeiro merecido. Os maiores investimentos na área têm sido feitos pelos agricultores — Última página*

### TRIGO/MS

## Os prejuízos da safra

*A brusone e a ocorrência de geadas em julho podem ocasionar perdas na lavoura de até 50 por cento — 6*

### COTRIJUÍ

## Os 33 anos de fundação

*Como os tempos não estão para festas, a Cotrijuí assinalou seus 33 anos de fundação com a Feira de Produtos Coloniais, uma tradição na região — Centrais*

CADERNO ESPECIAL

## As recomendações técnicas para as culturas de verão

**COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.**



Ijuí — Rua das Chacaras 1513 - Cx Postal 11  
Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-2400  
Telex: 0552199 - Fax: (055) 332-5161  
CGC ICM 065 0007700  
Inscr. INCRÁ n 248 73  
CGC. MF 90 726 506 0001-75

**Porto Alegre** — Av. Julio de Castilhos, 342  
CEP 90030 - Fone (0512) 28-3155 - Telex 5111102 CTXT

**Rio Grande** — Terminal Granelero - 4. Secção da Barra -  
CEP 96200 - Fone (0432) 32-1122 - Telex 532173 CRTS

**Dom Pedrito** — BR-293 - Km 237 - CEP 96450 -  
Fone (0532) 43-1002 - Telex 532362 CRTS

**Campo Grande (MS)** — Rua Ceara, 2245 - Vila Celia -  
CEP 79040 - Fone (067) 382-5048 - Telex 672247 CRTS  
SUBSIDIARIAS

— **Cotriexport Cia de Comércio Internacional**  
Av. Julio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS - CEP 90030  
- Fone (0512) 28-3155 - Telex 5111102 CTXT

— **Cotriexport Corretora de Seguros Ltda**  
Av. Julio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS - CEP 90030  
- Fone (0512) 21-0809 - Telex 5111102 CTXT

— **Cotridata — Processamento de Dados Ltda.**  
Rua José Hickenbick, 66 - Ijuí - RS - CEP 98700 -  
Fone (055) 332-1999 - Telex 553726 CRTS

— **Transcooper — Serviços de Transportes Ltda**  
Rua das Chacaras, 1513 - Ijuí - RS - CEP 98700 -  
Fone (055) 332-3065 - Telex 552212 TSCO  
Dourados - (MS) - BR-463 - Km 4 - Fone (067) 421-3815  
- Telex 674102 TSCO

— **IRFA — Instituto Riograndense de Febre Amosa Ltda**  
Av. Julio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS -  
CEP 90030 - Fone (055) 332-2690 - Ijuí - RS

— **Hospital Bom Pastor S/A**  
Av. David José Martins, 1376 - CEP 98700 -  
Fone (055) 332-2690 - Ijuí - RS

**ADMINISTRAÇÃO**  
**DIRETORIA EXECUTIVA**

**Presidente:**  
Oswaldo Olmiro Meotti

**Vice-presidente/Pioneira:**  
Celso Bolivar Sperotto

**Superintendente/Pioneira:**  
Walter Frantz

**Vice-presidente/Dom Pedrito:**  
Oscar Vicente Silva

**Vice-presidente/MS:**  
Nedy Rodrigues Borges

**Superintendente/MS:**  
Lotario Beckert

**Conselho de Administração (Eletivos):**  
Egon Eickhoff, Jorge Alberto Sperotto, João Santos da Luz,  
Felix Gotardo, Jose Atairdes Conceicao, Jose Jorge Rieth de  
Oliveira, Irani dos Santos Amaral, Deniz Espedito Serafini, Oscar  
Otto Hoerle, Luiz Carlos Roos, Olivio Moraes, Frederico Antonio  
Stefanello, Paulino Stralioetto, Nilton Vieira de Souza, Leonildo  
Anor Potter, Luiz Forcin e Edgar Severo.

**Suplentes:**

Otonildo Zangirolami, Carlos Leodoni Andrichetto, Arlindo Valk,  
Enor Carmiel, Jorge Cleiton Gonzales, Hedio Antonio Weber, Jair  
Castro Rinaldi, Jaime Braz Sperotto, Pedro Guiotto, Sergio  
Tesser, Claudio Pradella, José Edimar do Nascimento, Noe da  
Silveira Peixoto, Omar Cuneigatti, Jorge Verardi Perez, Candido  
de Godoy Dias e Floricio Barreto

**Conselho Fiscal (Eletivos):**

Amario Becker, Valdeci Oli Martinelli e Otaliz de Vargas Montardo

**Suplentes:**

Ervino Egon Preissler, Ivo Jose Basso e Alvor Rosa

**Diretores contratados:**

Vilmar Hendges e Leo Jose Goi

**LOJAS COTRIJUI**

Regional Pioneira.....	26
Dom Pedrito.....	3
Mato Grosso do Sul.....	7
Total.....	36

**CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM**

Regional Pioneira.....	584.800 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Mato Grosso do Sul.....	476.150 t
Total.....	1.371.950 t

**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

**Associado da ABERJE**

**REDAÇÃO**

Dária C. L. de Brum Lucchese, editora; Carmem Rejane Pereira; Raul Quevedo, Porto Alegre; Rosane Henn, Campo Grande e Lucilene Zafalon, Rio Grande

**REVISOR**

Sérgio Corrêa

— Impressão em Off-Set rotativa Solna, na "A Tribuna Regional", Santo Ângelo/RS.

**A**umentar a produção de grãos do país via uma agricultura modernizada. Este, em síntese, o objetivo fundamental do presidente Collor ao lançar seu audacioso pacote de medidas para a agricultura. Além dos Cr\$ 350 milhões para o financiamento da próxima lavoura de verão, ele anunciou a redução dos juros cobrados pelos empréstimos, redução das alíquotas para a importação de insumos e máquinas, os novos Valores Básicos de Custeio, os reajustes para os preços mínimos e a regionalização da produção. À primeira vista, as medidas para a agricultura vêm sendo avaliadas pelas lideranças do setor, como bastante alentadoras e, inclusive, com um certo avanço. Elas podem representar uma mudança profunda, a médio e longo prazos, nos rumos desta agricultura brasileira tão massacrada por tantos acidentes de percursos. No bojo do pacote, a prioridade para os alimentos que formam a cesta básica e, por extensão, um pouco mais de atenção aos pequenos agricultores.

Mas nem tudo está sendo analisado com um "mar de rosas". O pacote tem falhas e muito sérias. Ele nem sequer tocou num ponto muito delicado e que vem, desde que Collor assumiu a presidência, amarrando as relações governo/agricultores: a questão da correção do financiamento

da lavoura anterior. O governo fincou o pé em 84 por cento de valor este corrigido pelo IPC e os agricultores dizem não pagam além da correção da BTN. Esse é um problema que pode, inclusive, atrapalhar o tão sonhado aumento de produção de grãos para 91. De que adianta colocar dinheiro nos bancos — este é, na verdade o grande teste do governo —, se um número significativo de agricultores não vai contar com esse recurso para plantar? Recursos próprios para fazer a lavoura não existem. A descapitalização do agricultor é uma coisa pública e notória. O trigo, outro importante produto da cesta básica, também não levou nada do pacote. O governo não mexeu no preço do produto, hoje muito abaixo dos custos de produção. Em todo o caso, as medidas da nova política agrícola do país estão traçadas e anunciadas. Basta serem cumpridas.

Mas enquanto o governo não coloca o dinheiro para o custeio das lavouras nos bancos e nem resolve o problema da correção do custeio anterior, a Cotrijuí continua mantendo o seu programa troca-troca para a próxima safra. Mas vai participar do programa aquele associado que tem sido fiel à cooperativa. A decisão é dos Conselhos de Administração e de Representantes. Matéria às páginas 4 e 5.

**DO LEITOR.**

**Novos desafios para a agricultura**

**Paulo Roberto da Silva**

O modelo econômico implantado no país, altamente concentrador de renda e extremamente dependente do capital externo, no início como absorvedor e atualmente como repassador de recursos para o estrangeiro, vem submetendo a agricultura a vivência uma das piores crises de sua história.

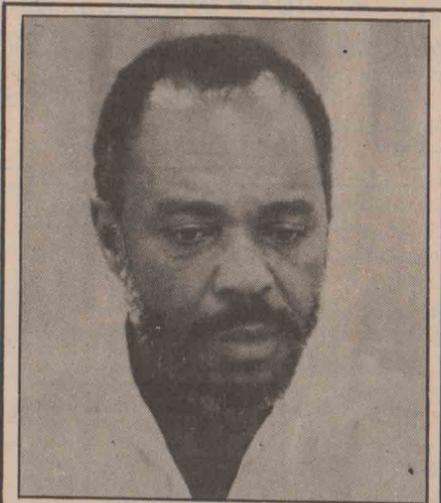
Nos anos 80, enquanto a produção de grãos cresceu 40 por cento, saltando de 50,9 para 71 milhões de toneladas, a área plantada aumentou somente 5 por cento - de 40,1 para 42,2 milhões de hectares.

Apesar destas supersafras, o importante é que neste mesmo período, os produtores rurais tiveram seus preços reduzidos em 27 por cento e o valor da sua produção caiu em 21 por cento. Estes dados são consequência de uma grande perda na relação de troca entre preços recebidos e preços pagos pelo agricultor.

Se em 1980 o produtor necessitava de 2.670 sacos de soja para comprar uma colheitadeira, em 1985 já precisava 4.603 e, em 1989 eram necessários 7.065 sacos de soja. Guardadas as devidas proporções, esta relação é válida para os demais insumos e máquinas utilizadas pela agricultura. Além desta defasagem tremendamente desfavorável, os recursos creditícios para a formação das lavouras foram se tornando, paulatinamente, mais escassos e sobretudo mais caros, alcançando taxas exorbitantes, absolutamente incompatíveis com a rentabilidade do setor.

Tudo isto conduziu a agricultura para um estágio de pré-falência totalmente descapitalizada e altamente endividada. Esta combalida agricultura entra nos anos 90 com sintomas clarívidentes de empobrecimento. A oferta de grãos caiu 14 por cento, ou seja, de 71 para 61 milhões de hectares. Segundo dados dos agentes creditícios, o índice de inadimplência atinge a taxa recorde de 45 por cento. Ou seja: de cada 100 somente 55 produtores conseguem saldar seus compromissos financeiros.

Exatamente quando a agricultura vivencia um estágio de enormes dificuldades, experimentando uma das piores crises de sua história, é convocada para ingressar na chamada "era da moder-



*Conscientização, organização, mobilização e integração competitiva, com eficiência e eficácia, produção com produtividade e rentabilidade são as metas a serem perseguidas*

nidade". Coincidentemente o Governo Federal anuncia sua nova política industrial e o Governo dos Estados Unidos cria a nova Comunidade Econômica da América - CEA -, integrando as Américas, do Alaska ao norte, à Terra do Fogo, ao Sul.

Esta caracteriza-se, principalmente, pela adoção de políticas liberalizantes, determinando o afastamento da atuação do Governo enquanto Estado, dando lugar às atividades privatizantes e busca, via integração, à internacionalização da agricultura.

Para atingir tais objetivos utiliza-se de mecanismos que conduzem a agricultura para uma economia de mercado, tais como: liberação de preços; liberação de cotas de importação tanto de insumos como produtos de consumo final; revisão de taxas e de proteção alfandegárias; criação de um banco de Comércio Exterior com controle privado, entre outros.

Preliminarmente, sem prever os resultados destas medidas pode-se inferir que com relação ao crédito rural, o Governo Federal, via Secretaria do Tesouro Nacional, já vinha demonstrando seu afastamento: em 1985 contribuía

com 92 por cento, mas em 1989 sua parcela de recursos foi de apenas 24 por cento. Isto sinaliza que doravante as verbas para o campo deverão ser oriundas de instituições privadas. Quem serão os beneficiados? De que forma e que custos? São questões de grande importância a serem analisadas.

Igualmente, no que se relaciona com a comercialização dos produtos agrícolas, há a grande polêmica envolvendo a questão dos subsídios concedidos pelos países mais ricos, favorecendo-se ao nível de competitividade internacional. Com o progressivo afastamento do Governo através da Política de Garantia de Preços Mínimos - PGM - , já se anuncia nesta atividade o Sistema Nacional de Comercialização Agrícola da Bolsa Mercantil & de Futuros, com o apoio das instituições bancárias privadas. Este novo sistema já está sendo implantado em 14 Bolsas e em armazéns gerais particulares, a nível de país.

Não é em vão que a Stotler, maior corretora de "commodities" especializada em soja na Bolsa de Chicago - Estados Unidos -, já está participando de um novo banco múltiplo em São Paulo, carreando inicialmente 10 milhões de dólares para as Bolsas brasileiras e, direcionando recursos para o financiamento de negócios de empresas que atuam em operações de "hedging" - garantia - no mercado futuro.

Certamente o estabelecimento destas novas regras causará fortes impactos no setor produtivo nacional. Ao tratar-se de um processo altamente competitivo, exigirá do produtor e de suas entidades uma nova postura agro-sociológica, com profundas e radicais transformações nas suas formas de gestão.

Conscientização, organização, mobilização e integração competitiva, com eficiência e eficácia, produção com produtividade e rentabilidade são as metas indispensáveis que deverão ser constantemente perseguidas para enfrentar e superar os novos e grandes desafios advindos com a nova era da modernização.

**Paulo Roberto da Silva é engenheiro agrônomo e assessor da produção da Fecotrijo.**

URTAS

...O jornalista Políbio Bra-  
... em sua coluna no Correio  
... que a Cooperativa Arroeira  
... Sul, de Pelotas, comprou o en-  
... Helmut Tessmann, de Camaquã.  
... processa 60 mil toneladas  
... parboilizado por mês.  
... se pensando, se fosse o con-  
... cooperativa assumida pelo en-  
... não diriam que o cooperati-  
... como sistema econômico, estaria  
... falimentar...

... Os franceses Bernard Christo-  
... de Acción Solidarietà Tercer  
... e Michel Guilbard, do Mov-  
... Agrário de Missione, Argentina  
... italiana Assunta Christophe,  
... e analista do Mercado Comum  
... estiveram em Ijuí, conhecen-  
... Cotrijuí e sua estrutura e o traba-  
... vem sendo realizado no Centro  
... namento, na área de pesquisa.  
... visitaram, anteriormente a Ar-  
... e agora estão percorrendo o  
... com a finalidade de melhor con-  
... os dois lados do Cone Sul.



Os testes em sementes de milho  
Combatendo os fungos

**CONSERVAÇÃO DE GRÃOS** - Por re-  
... um importante polo de difu-  
... informações entre as cooperati-  
... Estado, a Cotrijuí foi escolhida  
... empresa Ehlers - Engenharia e  
... ções Ltda, de Porto Alegre, re-  
... no Brasil da Industrial Trading  
... CO, com sede em Miami, Estados  
... para testes de tratamento e con-  
... de grãos armazenados. O tes-  
... realizado em grãos de milho con-  
... com diferentes índices de umida-  
... o objetivo de eliminar o apo-  
... causado pela ação dos fungos  
... atacam os produtos armazena-  
... Além da Cotrijuí, a equipe da em-  
... Ehlers, constituída por Raul, Cláu-  
... Fernando Ehlers, e ainda Álvaro  
... e Inácio Palácios, representa-  
... Industrial Trading CO, esteve re-  
... os mesmos tipos de testes no  
... cotrigo, em Cruz Alta. "São pro-  
... que vão trazer vantagens aos agrí-  
...", disse Inácio Palácios referin-  
... o fato do grão poder ser colhi-  
... até 16 por cento de umidade.  
... não vai ter mais riscos de  
... movimento, porque o grão poderá  
... na entrada do silo, sem ne-  
... de fazer transilagem", reforça.

**NOVAS DA TERRA** - A partir da  
... de setembro o Cotrijournal vai  
... um novo espaço fixo reservado  
... assunto que tem trazido muita  
... cabeça aos agricultores: a con-  
... do solo. A responsabilidade  
... espaço é do engenheiro agrônomo  
... Dhein, especialista no as-  
... do Clube Amigos da Terra de Ijuí.



Alceu Collares:  
conhecendo um  
pouco da  
experiência da  
Cotrijuí



Nelson  
Marchezan: a  
diversificação é  
uma das formas  
de viabilizar o  
homem do  
campo



Tarso Genro:  
uma política  
agrícola voltada  
para os  
interesses dos  
pequenos e  
médios  
produtores

Três dos quatro candidatos ao go-  
verno do Rio Grande do Sul estiveram  
visitando a Cotrijuí, em Ijuí, entre os  
meses de julho e agosto: Alceu Colla-  
res, da Frente Progressista Gaúcha, for-  
mada pelos partidos PDT, PSDB e  
PC do B; Nelson Marchezan, da União  
por um Novo Rio Grande, formado  
pelo PDS, PFL, PL e PRN e Tarso  
Genro, da Frente Popular, constituída  
pelo PT, PSB e PCB.

O primeiro candidato a visitar a  
Cotrijuí, ainda no mês de julho e já  
em campanha eleitoral, foi Alceu Col-  
lares. Acompanhado pelos candidatos  
João Gilberto Luccas Coelho, a vice-  
governador; Matheus Schmidt, ao sena-  
do; Amaury Müller, a deputado fede-  
ral e Vanderley Burmann, Darci Pom-  
peo de Mattos e Noli Schorn, à assem-  
bléia legislativa do Estado, Alceu Col-  
lares chegou na Cotrijuí querendo apa-  
nhar um pouco da longa experiência  
acumulada em torno da democracia  
participativa. "Queremos que a demo-  
cracia participativa aconteça na ação  
governamental e não apenas na época  
da campanha", disse Collares ao ser re-  
cebido por Oswaldo Meotti, diretor  
presidente do Grupo Cotrijuí.

Nelson Marchezan, foi o segun-  
do candidato a visitar a cooperativa,  
no início de agosto. Acompanhado pe-  
los candidatos Sanchotene Felice, ao  
senado; Orlando Schneider e Wilson  
Mânica, à assembléia legislativa do  
Estado e Élio Piccoli e Rubens Arden-  
ghi, à câmara federal, Marchezan foi  
recebido pelo diretor superintendente  
da Cotrijuí na Pioneira, Walter Frantz.  
Segundo Marchezan, a Cotrijuí é um  
exemplo de cooperativa com profun-  
da atuação no campo das transforma-  
ções que vêm ocorrendo na área da  
pesquisa. "A Cotrijuí fez, aqui na re-  
gião, a verdadeira reforma agrária,

pois a diversificação de culturas é uma  
das formas de viabilizar o produtor  
no campo". Ao receber das mãos de  
Walter Frantz uma proposta para o  
desenvolvimento da agropecuária no  
Estado, elaborada pela própria coope-  
rativa e que tem como finalidade ser-  
vir de subsídio aos candidatos na elabo-  
ração de seus programas de governo,  
Marchezan disse que a Cotrijuí é uma  
ilha dentro do sistema. Elogiou o tra-  
balho de conservação de solos que vem  
sendo feito na região dizendo que ele  
é um dos melhores do Estado.

Tarso Genro visitou a Cotrijuí  
no dia 8 de agosto, acompanhado pe-  
lo candidato a vice-governador, Sebas-  
tião Pinheiro. Integravam a comitiva  
da Frente Popular, os candidatos à as-  
sembléia legislativa Beto Albuquerque;  
Siderley Oliveira, Renato Becker, An-  
tônio Wünc e Elvino Bom Gass e ain-  
da Raul Ponte e Clóvis Ilgenfritz da  
Silva, candidatos à câmara federal.  
Ao receber de Walter Frantz as sugere-  
ções da Cotrijuí para o desenvolvi-  
mento da agropecuária do Estado, Tarso  
Genro disse que um dos primeiros  
atos de seu governo será o de estar  
voltado para a viabilização das coope-  
rativas de crédito. Ao falar sobre a ne-  
cessidade de reforma agrária no Esta-  
do, Tarso Genro disse que não visuali-  
za nenhuma solução para a questão  
urbana sem uma solução no campo.  
"Não aceitamos no nosso projeto a vi-  
são do dominante do latifúndio", obser-  
vou. Disse que espera contar com o tra-  
balho da Cotrijuí no sentido de melho-  
rar as condições de vida às populações.  
Garantiu que seu governo terá plenas  
condições de traduzir essa visão teóri-  
ca sugerida pela cooperativa na imple-  
mentação de uma política voltada pa-  
ra os interesses dos pequenos e mé-  
dios produtores.

"O governo não tocou num pon-  
to crucial: o dos juros da lavoura pas-  
sada".

A frase é do diretor presidente  
da Cotrijuí, Oswaldo Meotti, destacan-  
do os avanços do pacote agrícola, mas  
mostrando-se preocupado com a ques-  
tão das dívidas dos agricultores, que  
nem sequer foram mencionadas pelo  
governo.

Ocergs agradece

O Fórum Cooperativista Gaúcho  
Eleições/90, realizado no plenário da  
Assembléia Legislativa, em Porto Ale-  
gre, a 18 de julho, teve como leitor da  
proposição apresentada pela Ocergs  
aos candidatos, o tecnólogo Luiz Fer-  
nando Konzen, coordenador da Área  
de Educação Cooperativa da Cotrijuí.

A correção e segurança com que  
aquele colega cumpriu a tarefa, mere-  
ceu elogios de parte da Organização  
das Cooperativas do Rio Grande do  
Sul - organizadora e promotora do im-  
portante encontro político.

Em correspondência endereçada  
por seu presidente em exercício, Frede-  
rico Bavaresco, ao presidente da Cotri-  
juí, economista Oswaldo Olmiro Meot-  
ti, é destacada a participação do cole-  
ga Luiz Fernando.

É do seguinte teor a correspondên-  
cia:

"Senhor presidente Oswaldo Me-  
otti. Temos a satisfação de manifestar  
sinceros agradecimentos pela participa-  
ção do sr. Luiz Fernando Konzen no  
Fórum Cooperativista Gaúcho - Elei-  
ções/90, na qualidade de apresentador.

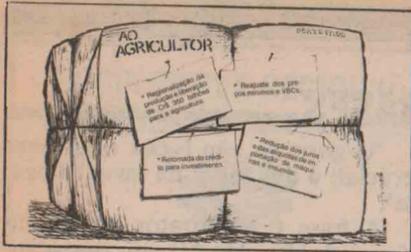
O desenvolvimento dos trabalhos,  
tão bem sucedidos, devem-se também,  
à postura ética e profissional do apre-  
sentador, que soube conduzi-los com a  
seriedade necessária que o momento  
exigia.

Saudações cooperativistas. Frede-  
rico D. A. Bavaresco, vice-presidente  
no exercício da presidência da Ocergs".

Cotrijuí: 33 anos

Os 33 anos de existência da Co-  
trijuí completados no dia 20 de julho,  
data que transcorreu sem nenhuma  
comemoração festiva, mas apenas com  
o próprio trabalho e a lembrança  
em memória dos fundadores já desa-  
parecidos, foi lembrada por autorida-  
des, amigos, fornecedores e impre-  
ssa das regiões de atuação da coope-  
rativa.

Dentre as manifestações de con-  
gratulações e de apoio recebidas pe-  
la diretoria, destacamos as do gover-  
no do Estado, Sival Guazzelli; do  
presidente da Assembléia Legislati-  
va Gaúcha, deputado Glênio Scherer;  
superintendente da Rede Ferroviária  
Federal S.A., engenheiro Edemar  
Mainardi; deputado Tufy Salomão,  
líder do PFL; jornalista José Bacchie-  
ri Duarte, Ouvidor-Geral do Estado.  
De Matilde Salete Mânica, diretora  
da Rádio Repórter de Ijuí. Do prefe-  
ito municipal de Augusto Pestana,  
Darci Sallet, e Daltro Luiz Pasquali-  
ni, da Construtora Pasqualini Ltda.,  
de Ijuí; da Associação Riograndense  
de Imprensa; da Transportadora Qua-  
tro Rodas; do deputado Constantino  
Picarelli; da Prefeitura Municipal de  
Ajuricaba; deputado Celso Bernardi;  
Edemar Tutikian, superintendente  
estadual da LBA; Banco do Brasil,  
agência de Ijuí; do senador José Foga-  
ça; de Antonio Mafuz, da MPM Pro-  
paganda.



# Rumo à modernização

Governo libera Cr\$ 350 bilhões para o plantio da próxima safra, reduz juros, reajusta preços mínimos e VBCs, regionaliza a produção e valoriza produtos da cesta básica

A modernização da agricultura. É por aí que o presidente Collor pretende sair ao lançar, depois de cinco meses de governo, o seu plano agrícola para o país. "Esse é o maior avanço que tivemos na agricultura, de 80 para cá", reconhece o diretor presidente do Grupo Cotrijuí, Oswaldo Meotti. "Não podemos deixar de saudá-lo como alentador para os agricultores", reforça o diretor presidente da Fecotrijo, Rui Polidoro Pinto, acreditando que, desta vez, foram criadas condições para iniciar modificações estruturais na agricultura brasileira. Para Polidoro Pinto, o governo criou, através do seu plano, linhas capazes de reorientar a política agrícola do País.

Nessa caminhada que pode desembocar numa recuperação da produção agrícola - o desejo do governo é de que as novas medidas anunciadas resultem numa produção de 65 milhões de toneladas de grãos em 91 -, o Governo Federal está oferecendo Cr\$ 348,6 bilhões para o financiamento de custeio da nova safra de verão e mais Cr\$ 100 bilhões para serem aplicados na comercialização da produção e em investimentos agrícolas - são Cr\$ 60 milhões para a comercialização e Cr\$ 40 milhões para os investimentos. Com o lançamento do pacote agrícola, a próxima safra de verão deverá ser plantada dentro das novas regras e que buscam não só reverter a situação dos agricultores brasileiros, hoje totalmente descapitalizados e atolados em dívidas, mas também dar início a um novo processo na agricultura: o da regionalização da produção agrícola do País.

No detalhamento do plano agrícola, Polidoro Pinto aponta vários pontos positivos,

destacando o volume de recursos anunciados, "a liberação desses recursos será o primeiro grande teste do governo" -; a retomada de crédito para investimentos; a redução dos juros; a reformulação do Proagro, "que só assegurava o lado financeiro, deixando a descoberto a vida e a economia do agricultor"; a redução de 50 por cento nas alíquotas de importação de máquinas e insumos e reajustes dados aos preços mínimos significativos, "embora ainda tenham ficado abaixo dos reais custos de produção, especialmente no caso dos produtos da cesta básica", observa o presidente da Fecotrijo. Destaca ainda a preocupação com o meio ambiente, a ser preservado via regionalização da produção.

**PARA OS PEQUENOS** - A redução dos juros, de 12 para 9 por cento, não chega no entanto a refrescar totalmente a vida dos agricultores, segundo a visão da Fecotrijo. "Ela beneficia apenas os pequenos agricultores", observa Paulo Roberto da Silva, assessor da presidência da Fecotrijo, que terão uma redução nos seus custos financeiros na ordem de 8,3 por cento. Os médios e grandes produtores, por terem menor participação no VBC - os médios terão direito a 40 por cento e os grandes a 30 por cento - terão seus custos financeiros aumentados. O custo financeiro para o médio produtor vai se elevar em 5,5 por cento e para o grande em 8,3 por cento, isso porque esses agricultores terão que buscar complementação de verbas em outras fontes a juros de mercado", esclarece.

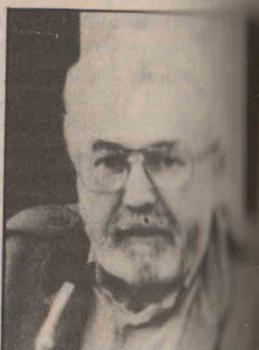
**FALHAS** - Mas tanto Meotti como Polidoro Pinto apontam

algumas falhas no pacote. Polidoro Pinto lamenta a falta de inclusão da revisão no preço do trigo, "produto essencial da cesta básica, mas que está com preço extremamente defasado".

Para o presidente da Cotrijuí, o ponto crucial do pacote está na falta de definição sobre a correção de 84 por cento do IPC de março para os financiamentos contratados pelos agricultores para a lavoura anterior. "O governo não tocou neste assunto", observa Meotti, comparando essa falha a um grande jantar produzido por mestres-cucas famosos, mas que tenham deixado os temperos de fora. "O governo está anunciando a liberação de Cr\$ 450 bilhões para a agricultura, reduzindo juros, impostos nas importações, reajustando preços mínimos e VBCs, regionalizando a produção, mas não es-



Oswaldo Meotti  
falha crucial



Rui Polidoro Pinto  
plano alentador

tá definindo o problema dos juros da lavoura passada", critica.

"Esse é um problema, complementa o presidente da Fecotrijo, que continua deixando os produtores angustiados, pois eles não sabem que atitude tomar". Acredita, no entanto, que, se o governo está realmente disposto a investir na agricultura, promovendo a sua modernização, terá que negociar com os agricultores. Caso contrário, essa situação pode-

rá trazer sérias consequências para a atividade agrícola, incluindo, inclusive, o programa", ressalta Polidoro Pinto, reconhecendo, por outro lado que o pacote, de modo geral, recebe uma nota que vai de razoável a bom. "O governo está fazendo o que se agrária vinha reivindicando há muito tempo. Agora nos resta esperar que os cursos anunciados cheguem a tempo da lavoura ser plantada finaliza.

## VALOR BÁSICO DE CUSTEIO (VBC) E CALENDÁRIO DE LIBERAÇÕES

Safra das Águas - 1990/91  
(BTN de 01.08.90 - Cr\$ 53,4071)

Produto e Área de abrangência	Faixas de Produtividade (Kg/ha) De	Valor Básico de Custeio (VBC) Cr\$ 1,00/ha Até	1ª parcela		Calendário de liberações 2ª parcela		3ª parcela	
			% a partir de	BTN/ha	% a partir de	BTN/ha	% a partir de	BTN/ha
<b>Milho</b>								
Todo território nacional	-	900	4,454,69	83,41	55 AGO	30 OUT	15 FEV	
	901	1,300	6,566,94	122,96	45,88	25,02		
	1,301	1,700	9,100,04	170,39	67,63	36,89		
	1,701	2,100	11,089,45	207,64	93,71	51,12		
	2,101	2,500	12,611,02	236,13	114,20	62,29		
	2,501	3,000	14,731,81	275,84	129,87	70,84		
	3,001	3,500	15,995,96	299,51	151,71	82,75		
	3,501	4,000	19,106,92	357,76	164,73	89,85		
	4,001	5,000	21,724,41	406,77	196,77	107,33		
	5,001	6,000	24,786,24	464,10	223,72	122,03		
	6,001	7,000	29,292,73	548,48	255,26	139,23		
	acima	de 7,000	33,789,22	632,86	301,66	164,54		
					348,07	189,86		
<b>Soja</b>								
Todo território nacional	-	1,250	12,853,98	225,70	75 AGO	15 OUT	10 FEV	
	1,251	1,500	12,967,24	242,80	169,28	33,86		
	1,501	1,750	15,372,17	287,83	182,10	36,42		
	1,751	2,000	16,348,98	306,12	215,87	43,17		
	2,001	2,400	19,150,18	358,57	229,59	45,92		
	acima	de 2,400	19,921,38	373,01	268,93	53,79		
					279,76	55,95		
<b>Sorgo</b>								
Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste	-	1,400	8,988,95	168,31	65 AGO	25 OUT	10 FEV	
	2,001	2,500	11,958,38	223,91	109,40	42,08		
	2,501	3,000	13,467,67	252,17	145,54	55,98		
	acima	de 3,000	15,276,03	286,03	163,91	63,04		
					185,92	71,51		



BANRISUL  
2000  
RUMO AO FUTURO

## CHEGOU A CADERNETA DE POUPANÇA BANRISUL

### UM NOVO TEMPO COMO A GENTE QUERIA

A poupança dos novos tempos é a Poupança Banrisul. Ágil. Moderna. Dinâmica. Abra já a sua. É um investimento totalmente seguro e garantido, com as facilidades da maior rede bancária do Estado.

NOVOS PRODUTOS  
PARA NOVOS TEMPOS  
**banrisul**  
BANCO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, S. A.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

# Restrições ao Centro-Oeste

ainda seja prematura a adoção do plano, pois a mesma somente será conhecida daqui a algum tempo. Entretanto, porém, o governo pretende reverter uma situação de desânimo que impera no meio rural, principalmente naquelas que vêm enfrentando diversas dificuldades, como as do Centro-Oeste, onde a presença de uma nova região de área cultivada na próxima safra, era dada como certa na divulgação do pacote.

Para o presidente da Federação de Agricultura de Mato Grosso do Sul - Famasul, Eduard Mesello, em linhas gerais

as medidas adotadas foram muito boas, principalmente no que se refere ao reajuste dos preços mínimos e investimentos que serão destinados à instalação de agroindústrias nas áreas de fronteira agrícola. Ele não concorda, no entanto, com a regionalização dos preços mínimos, que vai prejudicar o produtor sul-matogrossense. Aqui, pondera, se tem um custo muito alto de produção e por isso os preços pagos ao produtor deveriam ser também os mais altos.

Outro ponto negativo, na opinião do presidente da Famasul, foi a atitude do governo

em ignorar o problema da dívida dos produtores rurais, e apesar das reivindicações incessantes para que se reestude a questão, o assunto parece estar resolvido na área governamental, que nem sequer o mencionou durante a divulgação do pacote.

Desta forma, conclui Metello, vão persistir as dificuldades para a classe rural do Estado, e mesmo reconhecendo que o pacote traz medidas salutaras, ele considera que de certa forma está havendo uma discriminação àqueles produtores situados distantes dos grandes centros consumidores do país.

# Incentivos aos alimentos

O Plano agrícola está estimando a produção em regiões médias e grandes centros consumidores, tentando, desta forma, estimular a comercialização e evitar a intervenção do governo federal. A regionalização dos preços mínimos não deixa de ser um instrumento a ser usado nesta direção. Sendo assim, o arroz teve seu preço reajustado, conforme tabela, em percentuais que variam de 23 a 50 por cento. O preço do algodão foi reajustado em 30 por cento; o do milho em 31 a 54 por cento; o da soja em 25 a 52 por cento; o da mandioca em 38 por cento. O preço mínimo do feijão foi reajustado em 40 por cento. A proposta do governo visa dar prioridades para produtos destinados a alimentação básica. Por esta razão

foram aumentados os limites de adiantamentos com recursos do crédito rural. No caso do arroz e do milho, os pequenos produtores terão direito a 100 por cento do VBC. Os médios receberão 80 por cento e os grandes produtores 60 por cento do VBC. Para o feijão e a mandioca, o adiantamento de custeio será de 100 por cento para todos os produtores, independentemente de classificação.

Para o algodão, cultura de exportação, o governo manteve o mesmo limite de adiantamento para os pequenos: 80 por cento. Os médios tiveram esse limite reduzido de 50 para 40 por cento e os grandes produtores vão ter direito apenas 20 por cento do VBC. Na safra passada eles contavam

com uma participação de 40 por cento. Nos estados de Tocantins, Rondônia e Mato Grosso, os médios e grandes terão direito a 60 e 50 por cento respectivamente.

Caso da soja, minis e pequenos produtores continuam recebendo um limite de 70 por cento do VBC. Os médios tiveram seu limite reduzido de 40 para 30 por cento e para os grandes o adiantamento cai para 20 por cento.

# Mudanças a médio e longo prazos

\* **IMPORTAÇÃO** - Redução das alíquotas de importação de todos os insumos utilizados na agropecuária em 50 por cento.

\* **IMPOSTO** - Regulamentação da Lei 8023, artigo 9. Esta regulamentada nova fonte de financiamento para o crédito rural com o incentivo da isenção do imposto de renda para os produtores rurais.

\* **INVESTIMENTOS** - Direcionamento dos recursos da Finame e do BNDES para investimentos rurais. Para este ano, a destinação de Cr\$ 12 bilhões e, para os próximos quatro anos, Cr\$ 106 bilhões.

\* **FOMENTO** - Liberação dos recursos de fomento para investimentos do Profir - Programa de Financiamento à irrigação -; do Proceder - Programa de Desenvolvimento do Cerrado -; Papp - Programa de Apoio ao pequeno produtor. A disponibilidade de recursos, para este ano, é de Cr\$ 27 bilhões.

\* **AGROINDÚSTRIA** - Recursos financeiros pelo Banco Mundial para investimentos rurais nos Programas PNDA - Programa Nacional de Desenvolvimento Agroindustrial - e PNDR - Progra-

ma Nacional de Desenvolvimento Rural. Recursos na ordem de Cr\$ 370 bilhões.

\* **SEGURO** - Comissão de alto nível vai estudar implantação de um novo seguro rural.

\* **CÂMBIO** - Atualização do mecanismo de fechamento antecipado de câmbio nas exportações de produtos agrícolas para entrega futura em até 360 dias. A medida inclui adiantamento do contrato de câmbio e representa uma nova fonte de auto-financiamento à atividade rural.

\* **CUSTEIO ESPECIAL** - Será realizado mediante caução de apólice de seguro ou contrato no mercado futuro.

\* **EXIGIBILIDADE** - Liberação de valores de exigibilidade recolhidos ao Banco Central como reforço às fontes de crédito rural.

\* **MERCADO FUTURO** - Lançamento do Programa de treinamento e divulgação do mercado futuro de produtos agrícolas. O apoio financeiro do governo é de 400 mil dólares.

\* **RECURSOS** - Destinação, para crédito rural, de 10 por cento dos recursos recolhidos pelo Banco Central do sistema habitacional.

# As diretrizes da nova safra

\* **VALORES BÁSICOS** - O CUSTEIO - Até o ano 90 o VBC era calculado considerando os reais custos de produção. A partir de 1991 o governo está fazendo prevalecer o custo de oportunidade. A média de custos dada aos VBCs foi de 100 por cento.

\* **PREÇOS** - Os novos preços mínimos passam a ser atualizados. O reajuste ficou na ordem de 46 por cento. A prioridade é para produtos da cesta básica. O milho teve reajuste de 31 por cento; a soja de 51 por cento e o arroz de 51 por cento. Foram definidos custos básicos para a cesta básica: milho, feijão, mandioca e algodão. O governo reduziu a participação do Estado na comercialização estimulando a verticalização.

\* **CLASSIFICAÇÃO** - Atualização dos parâmetros de classificação de pequenos, médios e grandes produtores.

\* **CUSTEIO** - Liberação de Cr\$ 350 bilhões para a safra e mais Cr\$ 100 bilhões deverão ser destinados à comercialização (60 por cento) e investimentos (40

por cento). Os recursos são oriundos do Tesouro Nacional, Fontes Constitucionais, Poupança Rural e das exigibilidades bancárias.

\* **JUROS** - Redução da taxa máxima de 12 para 9 por cento ao ano, para os recursos do Tesouro Nacional e do MCR 6.2.

\* **CACAU** - Prorrogação da isenção do imposto de exportação do cacau.

\* **FEIJÃO** - Estímulo às novas lavouras de feijão através de programa especial, com liberação imediata de recursos e assistência integral.

\* **NORDESTE** - Autorizado empréstimos de comercialização da safra 90 no Nordeste.

\* **CANA** - Redução da taxa de equalização do açúcar e do álcool sem onerar o consumidor.

\* **EXPORTAÇÃO** - Liberação de recursos do financiamento do Banco Mundial para exportação de produtos agrícolas - Proexport.

\* **POUPANÇA** - Fixação dos juros de 40 por cento poupança rural a no máximo 12 por cento ao ano, com aplicação de Cr\$ 40 bilhões a 12 por cento ao ano.

## PROGRAMA TROCA-TROCA

# Em prática na próxima safra

O lançamento do plano agrícola não desativa o programa troca-troca da Cotrijuí para a próxima lavoura de verão. A garantia é do diretor presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti, considerando o fato de que, mesmo com a redução dos juros no crédito rural, "muitos agricultores ainda vão preferir não tomar financiamento nos bancos", já que ainda persiste o fantasma da correção monetária. "Uma coisa é tomar financiamento no banco, onde o agricultor nunca sabe o que vai pagar. Outra é pegar todos os insumos necessários na cooperativa, sabendo ao certo quantos sacos de produto está comprometendo", observa. O programa troca-troca para a próxima lavoura de verão da região foi aprovado em reunião dos Conselhos de Administração e de Representantes, realizada no início de agosto.

Pelas estimativas iniciais, o programa troca-troca - o produtor leva todos os insumos necessários para a formação da sua lavoura e paga no final da colheita em produto - poderá atingir, só no caso da soja, em torno de 120 mil hectares de planta na região. Mas ele também poderá se estender a outras culturas como o milho e a pipoca. Com vistas a ter uma idéia mais clara da área a ser financiada pelo programa troca-tro-

ca, a Cotrijuí está iniciando um cadastramento dos produtores interessados. De posse desse levantamento preliminar, a Cotrijuí terá condições de buscar os recursos necessários para garantir o programa. **BONS ASSOCIADOS** - As normas do programa troca-troca desta safra não serão as mesmas praticadas no ano passado. Por decisão do Conselho de Administração, só serão beneficiados pelo programa aqueles associados que sempre cumpriram suas obrigações com a cooperativa através da entrega da sua produção e que não estejam devidamente comprometidos com os bancos. Os pedidos dos associados serão avaliados do ponto de vista administrativo e técnico, por comissões formadas em cada uma das Unidades da Regional. "Vai ser um financiamento seletivo destinado apenas a associados fiéis à cooperativa", dei-

xa claro Meotti. Entende que agindo desta forma a Cotrijuí vai, inclusive, atender a uma antiga reivindicação do quadro social que é o de estabelecer tratamentos diferenciados para os bons associados.

Outro cuidado a ser tomado pela Cotrijuí na hora da concessão dos financiamentos: beneficiar com o programa apenas aqueles agricultores que usam o mínimo de tecnologia na lavoura como forma de ampliar a possibilidade de fazer uma boa colheita. "Não pretendemos liberar recursos para quem simplesmente joga a semente na terra", disse Meotti durante a reunião com o Conselho de Representantes. Não estamos impondo o tamanho da lavoura, mas ela terá que apresentar uma produtividade convincente", disse ainda, prevendo para o caso da lavoura de soja, uma produtividade ao redor dos 30 sacos por hectare.

Reunião dos Conselhos de Administração e de Representantes em discussão o programa troca-troca para a próxima safra



# TRIGO

## Safra frustrada

As perdas nas lavouras de trigo no Mato Grosso do Sul podem chegar a 50 por cento. Causas: as fortes geadas ocorridas no final de julho e a volta da brusone

Embora ainda não se possa prever com exatidão os prejuízos, pode-se afirmar com toda certeza que as geadas ocorridas no final de julho em toda a região tritícola de Mato Grosso do Sul vão trazer enormes perdas às lavouras e conseqüentemente ao bolso dos produtores.

De acordo com um levantamento preliminar da área técnica da cooperativa, dos quase 200 mil hectares que estão sendo ocupados com trigo nesta safra, uma área de cerca de 70 por cento foi atingida pela geada e nestes locais a perda pode chegar a 50 por cento. Talvez seja precipitado considerar metade da produção perdida, mas os casos de quebra de 70 ou 80 por cento não foram poucos e também porque a meteorologia prevê novas frentes frias como a de final de julho, até meados de agosto, fazendo deste inverno o mais frio dos últimos anos no Centro-Oeste.

Com esta rasteira que o clima deu nos agricultores, foram abaixo as perspectivas de uma safra excelente e certamente a produção ficará bastante aquém das 313 mil toneladas previstas no início de julho, uma produção aliás, que já seria bem inferior a do ano passado, pois nesta safra a área de trigo foi reduzida pela metade devido a indefinição da política agrícola do governo além da escassez de recursos oficiais para os custeios.

Um dos motivos para a diminuição da área tritícola foi a incerteza quanto a compra do trigo, que desde 1962 vem sendo feita pelo Governo Federal, e que pretendia já neste ano deixar a incumbência nas mãos da iniciativa privada. A decisão final sobre o assunto só foi dada no dia 23 de julho, quando o Ministro da Agricultura, Antônio Cabrera, anunciou que a produção deste ano ainda será adquirida como nos anos anteriores, atendendo assim a reivindicação de produtores de todo o país, que não aceitavam a hipótese de mudança na política de aquisição em pleno andamento da safra.

Outra solicitação do setor se refere ao preço pago pelo cereal, que está, segundo os triticultores, totalmente defasado em relação aos custos de produção. No Estado, por exemplo, uma saca de trigo consome cerca de Cr\$ 1 mil para ser produzida, mas o seu preço, entretanto não chega a 600 cruzeiros.

Se este preço não for reajustado, pondera Nedy Borges, vice-presidente da cooperativa no MS, se espera que grande quantidade de trigo produzida este ano seja utilizada na pró-

## O que é brusone

A brusone do trigo é uma doença causada por um fungo do gênero *Pyricularia* e foi detectada pela primeira vez no Norte do Paraná em 1985. A incidência no primeiro ano de ocorrência foi esporádica. Em 1986 houve maior disseminação nas regiões Norte e Oeste do Paraná, Noroeste de São Paulo e Sul de Mato Grosso do Sul, acarretando prejuízos consideráveis à produção. Na safra de 1987 a situação se agravou, tendo a doença atingido proporções epidêmicas a partir do final da primeira quinzena de julho naquelas mesmas regiões. Em alguns casos, provocou a perda total das lavouras.

O uso de cultivar suscetível, a presença de inóculo da safra anterior, a multiplicação do inóculo em trigo semeado cedo e sementes infectadas, associados às condições ambientais favoráveis (alta umidade e temperatura acima de 22 graus) são fatores que têm contribuído para o desenvolvimento da doença.

O dano maior da brusone se dá quando ocorre a infecção na ráquis, limitando o desenvolvimento dos grãos e provocando a morte da parte imediatamente superior à lesão, causando o branqueamento parcial ou total da espiga.

pria propriedade. Será mais vantajoso o agricultor usar o trigo para seu consumo ou para alimentação animal do que vender para o governo. Ele considera muito remota a possibilidade de aumento no preço do trigo este ano, e apesar da defasagem ser gritante, acha que isto não vai sensibilizar os técnicos da equipe econômica do governo. Borges afirma ainda que a privatização de compra do trigo nacional é irreversível e deverá ocorrer já na safra do próximo ano.

Sem reajuste, o trigo deverá mesmo ser comprado a 178,89 BTN por tonelada, o que equivale no mês de agosto a Cr\$ 9.553,99.

**A VOLTA DA BRUSONE** - Além dos problemas de geadas e do preço do grão, outro fato tirou o sono de muito agricultor: a incidência de brusone nas lavouras deste ano. A doença, que ainda não tem um controle eficiente, também vai colaborar com uma diminuição de produtividade e em alguns locais sua ocorrência atingiu níveis alarmantes.

Na região de Indápolis, onde a maioria é composta de pequenos produtores, poucas lavouras escaparam do ataque. Lá foram plantados 13 mil hectares de trigo e como a maior parte da lavoura foi feita com recursos próprios, pouca tecnologia foi utilizada para reduzir os custos de produção. O agrônomo local da cooperativa, Eduardo Brandt, conta que pouca gente usou fungicida e outros defensivos ou adubo e por conta disto a produtividade que em anos anteriores alcançava as 40 sacas por hectare, nesta safra não chegará a trinta.

A brusone, que apareceu em praticamente todo o Estado, na maioria dos casos não

trará prejuízos significativos mas em Indápolis muitas lavouras estão com infestação de 80 a 90 por cento. Nestes casos, calcula Brandt, metade da produção está perdida. Mas qual o motivo de um ataque tão intenso da doença nesta safra? Para o agrônomo, um dos principais motivos foi o clima, uma vez que na época de formação do grão fez muito calor. Além disso, a responsabilidade pode também ser atribuída à variedade Anahuac, a preferida dos agricultores locais pela alta produtividade, mas que é ao mesmo tempo a mais suscetível à brusone.

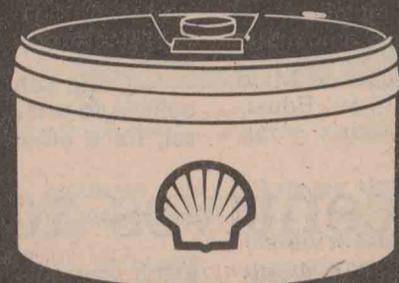
O associado Henrique Zanzi, que planta trigo há aproximadamente 30 anos e foi um dos primeiros a cultivar o cereal na região, diz que não se lembra de um ataque tão grande de brusone como o que atingiu sua lavoura este ano. Ele plantou 42 hectares, usando na maior parte da área a variedade Anahuac. Só com a brusone ele já havia perdido em torno de 30 por cento da produção, isso sem contabilizar os efeitos das geadas. Desta forma o associado calcula que vai colher mais ou menos 20 sacas por hectare, uma produção bem inferior ao colhido em anos passados, quando ele obtinha mais de 35 sacas por hectare.

Mesmo assim, Zanzi, que plantou com recursos próprios, diz que não se arrependeu de ter feito a lavoura de trigo e sua esperança é que sobre um pouco de dinheiro para aplicar na próxima safra, mas ressalta que só vai plantar trigo novamente se houver disponibilidade de alguma variedade tão boa quanto a Anahuac e que seja resistente à doença. Senão, conclui o produtor, vou plantar milho no lugar que sempre foi destinado ao trigo.

LUBRIFICAÇÃO  
DE MÁQUINAS  
AGRICOLAS

## Rimula

### O Super Óleo do seu dia-a-dia



Rimula  
Super MV

Conteúdo 20 litros

Multiviscoso para motores Diesel turbo e aspirados

Agora você tem um óleo que facilita as partidas a frio e mantém a viscosidade adequada em qualquer temperatura ou condição de serviço, aumentando o tempo de vida do seu motor, diminuindo o número de retíficas e economizando lubrificante e combustível. A melhor maneira de se celebrar uma parceria conquistada pela consagrada linha de produtos Shell para lubrificação de máquinas agrícolas.

### Rimula CT

Recomendado para motores que operem em serviços pesados, mantém o motor sempre limpo e tem aditivos especiais que combatem a oxidação, a corrosão e o desgaste. Menos oficina e muito mais produtividade.



### Tellus

Especial para sistemas hidráulicos industriais e para todas as aplicações que peçam um lubrificante de alto nível de desempenho. Contém aditivos antioxidantes, antidesgaste, antiferrugem e antiespuma.



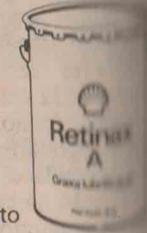
### Spirax

Protegendo da umidade as engrenagens e outros componentes de eixos, é recomendado para caixas diferenciais, de redução, de câmbio, de direção e juntas universais. Excepcionalmente resistente à deterioração por uso prolongado.

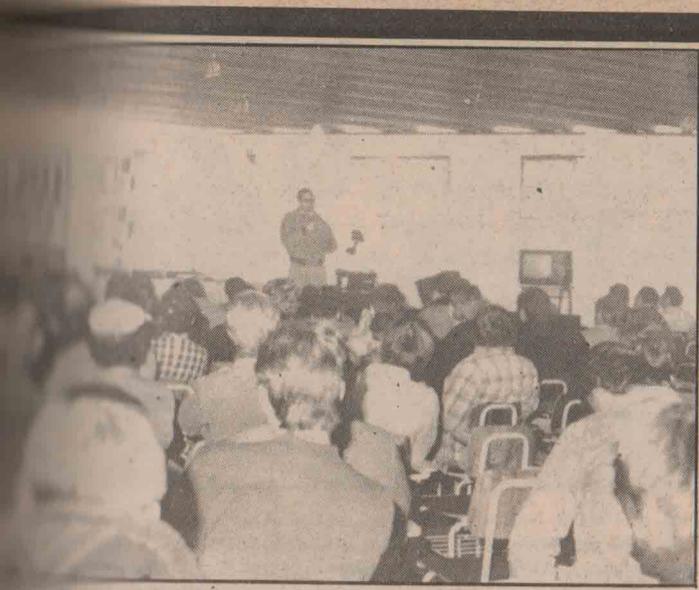


### Retinax

Recomendada para todos os pontos lubrificados à graxa, mantém sua estabilidade e resistência tanto em altas como em baixas temperaturas. Uma moderna fórmula de graxa para lubrificação de máquinas agrícolas.



 **Shell**  
Líder mundial em lubrificantes



Bruno Michel, da Cooperativa Central Oeste Catarinense, preocupado com a qualidade do produto final é fundamental

## CITROS

# A experiência de Santa Catarina

A experiência da Cooperativa Central Oeste de Santa Catarina na área de industrialização de citros foi contada pelo gerente da unidade de Videira, Bruno Michel durante o Seminário de Citricultura realizado no dia 1º de agosto dentro da programação do Centenário de Ijuí

Temos o cuidado de garantir um excesso de qualidade pela citricultura na região. Colocamos a mão em mais uma alternativa, mais uma fonte de trabalho para o produtor". O alerta veio pelo gerente da Cooperativa Central Oeste Catarinense, unidade de Videira, Santa Catarina, o agrônomo Bruno Michel durante o Seminário de Citricultura que aconteceu no dia 3 de agosto, no Parque de Exposições Assis Brasil. O evento foi promovido pela Comissão de Agropecuária do Centenário de Ijuí e contou com a participação do Secretário da Agricultura do Estado, Marcos Palombini.

Bruno Michel falou da importância de Santa Catarina na produção de citros. A Cooperativa Central Oeste Catarinense congrega 16 pequenas propriedades singulares que também atuam em outras áreas. A produção de citros representa uma parcela muito pequena do faturamento global da unidade. Mas de acordo com as afirmações de Michel, a produção iniciou de forma séria em 1989, o que vem ocorrendo em Ijuí. As cooperativas atuam na produção de laranja na região, a "caipira", mas sem nenhuma tecnologia e passavam para a Suécia Bento Gonçalves, "aquecendo a idéia de industrialização própria", assinalou. Uma nova empreitada em uma pequena cooperativa Agropecuária Videirense na área de sucos, teve muito sucesso por falta de concorrência comercial para o mercado interno. A Central deu seu pontapé. Assumiu a cooperati-

va Agropecuária Videirense, fez os investimentos necessários e ingressou na produção de suco de laranja. O início foi meio retraído, sem grandes entusiasmos. O objetivo primeiro era justamente o de aproveitar a laranja produzida na região. Uma segunda etapa veio com a industrialização dessa produção. "Ao ingressar na fase de industrialização tivemos condições de dar à cultura um outro caráter, mais comercial", diz colocando a laranja, a partir desta etapa, como uma alternativa econômica para a pequena propriedade. A exportação do suco concentrado, segundo Michel, viabiliza uma melhor remuneração para a matéria-prima produzida pelos produtores da região.

**DENSIDADE ECONÔMICA** - Alguns aspectos, no entanto, têm levado ao incentivo da citricultura em Santa Catarina. Um destes aspectos apontados pelo Michel durante sua palestra a produtores, técnicos e extensionistas, está relacionado com a densidade econômica oferecida pela laranja. Justificando sua afirmação, disse que, em apenas um hectare de laranja é possível obter uma receita bruta e líquida bem acima da obtida com outras culturas como a soja, milho, feijão, entre outras. "É a busca de alternativas com maior densidade econômica", disse Michel, colocando a citricultura como uma opção importante dentro das pequenas propriedades. "A citricultura é uma alternativa que oferece condições para que o agricultor possa progredir, sobreviver, mesmo em condições de pequenas propriedades".

Agora a questão econômica, citou a ecologia e as condi-

## A "menina dos olhos"

Considerada a "menina dos olhos" do atual governo do Estado, a citricultura significa, segundo palavras proferidas pelo próprio Secretário da Agricultura, o desejo do Rio Grande do Sul de diversificar as suas atividades agrícolas. Marcos Palombini esteve em Ijuí, no dia 3 de agosto, participando da Reunião Estadual da Comissão de Microbacias do encerramento do Seminário de Citricultura promovido pela Comissão de Agropecuária do Centenário de Ijuí.

Palombini reiterou, na oportunidade, a prioridade citricultura, manifestando convicção de que o programa terá continuidade, mesmo que ocorram mudanças políticas a partir da eleição do novo governador do Rio Grande do Sul. "Foi por esta razão que, por ocasião do lançamento do programa, ainda no ano passado, tivemos a preocupação de envolver outros segmentos da sociedade", destacou, referindo-se a participação de associações, empresas privadas, prefeituras e cooperativas. Garantiu que a participação de todos esses segmentos da sociedade vai dar garantia e consolida-



Walter Frantz, Valdir Heck, Marcos Palombini e Vulmar Leite No encerramento do Seminário de Citros, a consolidação do projeto na região

ção ao projeto de citricultura. "Existe hoje uma consciência formada em todo o Estado da importância da citricultura na busca de alternativas de diversificação", disse ainda, certo de que este é o caminho para os produtores fugirem da monocultura.

Ao alertar sobre a necessidade dos projetos de citricultura incluírem a industrialização, Marcos Palombini disse que não concebe a geração de riquezas fora da região produtora. "Não podemos transformar Ijuí e municípios da região em meros produtores de matéria-prima para outros centros. A produção, a industrialização, a transformação e o aproveitamento dos subprodutos devem gerar recursos na própria região produtora. "Não queremos mais continuar sendo meros repassadores de matéria-prima para os grandes centros", reforçou o Secretário da Agricultura insistindo na idéia de implantação de agroindústrias nas regiões produtoras de citros.

ções climáticas favoráveis ao desenvolvimento da cultura, como fatores que somaram pontos na decisão da Central investir na industrialização de sucos. Disse que o aspecto ecológico vai ser influenciado pela cobertura vegetal permanente.

**EVOLUÇÃO** - O importante, recebeu Michel, é começar com o pé firme, pensando, principalmente na qualidade do produto, pois vamos enfrentar um mercado bem exigente. No primeiro ano em que passou a trabalhar com citros, a Central Oeste Catarinense recebeu 2,14 mil toneladas de laranjas que produziram 174 toneladas de suco concentrado. No segundo ano o recebimento ficou em 1,28 mil toneladas e 178 toneladas de suco concentrado. Em 86 a Central recebeu 4,6 toneladas de produto que resultaram em 391 toneladas de suco e em 87 recebeu 9,8 mil toneladas de suco concentrado. Mas foi em 88 que ocorreu um recorde de recebimento: 11,7 mil toneladas de laranja que produziram 891 toneladas de suco concentrado. Em 89 a produção caiu em "função de um errinho de estratégia de recolhimento do produto", esclareceu o agrônomo.

Na área de suco de uva, a Central aumentou, já neste ano, a sua produção, "toda ex-

portada", através da ampliação de sua indústria. No processamento do limão, produziu 36 toneladas de suco e 2,1 toneladas de óleo da casca do limão. A próxima investida é na casca da laranja, através da secagem e pelétização da própria casca, "a ser aproveitada como ração ou queima na caldeira".

**PROBLEMAS** - Mas a Central enfrenta, ainda hoje, uma série de problemas que atrapalham em muito a produção da indústria de sucos. Faltam variedades tardias de laranja. As variedades comuns são todas precoces. "A indústria funciona 90 dias e acaba a produção. A ociosidade gera uma alta rotatividade de pessoal e isso não é bom para a indústria", diz Michel. Com o processamento do limão e da uva, o período de funcionamento da indústria vai aumentar para 120 dias.

A excessiva pulverização da matéria-prima é outro problema apontado pelo gerente da unidade de Videira. Cada propriedade tem de 50 a 100 pés de laranja comum "espalhadas numa região muito grande e gerando um custo muito alto no recolhimento". A própria localização da indústria tem-se refletido em problema na medida em que a área produtora de laranja está situada no extremo oeste de Santa Ca-

tarina. A falta de mudas de qualidade para o fomento da produção tem atrapalhado em muito a expansão da indústria na região. "Temos um trabalho de fomento visando o plantio de variedades tardias, mas temos esbarrado na falta de mudas de qualidade", diz Michel. **PROJETO** - Mas nem todas as dificuldades apontadas pelo gerente da Central Oeste Catarinense, unidade de Videira, têm atrapalhado o novo projeto de implantação de uma indústria em Chapecó/São Miguel. Para atender a essa indústria já foram plantadas, em 1989, 134 mil mudas de laranja. Em 1990 foram plantadas em torno de 200 mil mudas; em 1991 deverão ser plantadas 500 mil mudas; em 1992 um milhão de mudas; em 1993 1,2 milhão de mudas e, em 1994 um milhão 254 mil mudas. Para atender a essa futura indústria, a Central vai precisar de 4,2 milhões de mudas de laranja. A meta é receber, já a partir de 1992, em torno de 2,6 mil toneladas de laranja. Em 1994 essa produção vai render 11 mil e 360 toneladas de produto, produção esta que ainda pode ser absorvida pela unidade de Videira". A partir de 1995 a nova unidade de produção já deverá estar em funcionamento e em condições de absorver as 6,7 mil toneladas de produto.

## LONA CARRETEIRO

Proteção o tempo inteiro

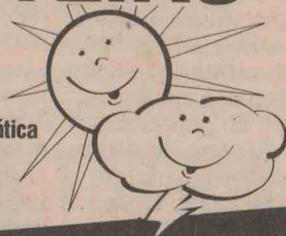
No campo e na cidade, na chuva ou no sol, proteja melhor tudo que você quiser com Lona Carreteiro!

Lona Carreteiro é mais durável

- Porque é resistente
- Porque é 100% impermeável
- Porque tem ilhoses plásticos de metro em metro que não enferrujam nem rasgam a lona

Lona Carreteiro é mais prática

- Porque é leve e maleável
- Porque tem uso múltiplo
- Porque é encontrada em 14 tamanhos



Lona Carreteiro

itap S.A. divisão do paraná  
Mais informações fone: (011) 268-2122

Fórum Eleições/90 promovido pela Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul na Assembléia Legislativa, questionou os quatro candidatos ao governo do Estado sobre comportamento administrativo para com o sistema



José Fogaça, do PMDB; Nelson Marchezan, da União por um Novo Rio Grande; Frederico Bavaresco, presidente em exercício da Ocergs; Josemar Riesgo, secretário do Conselho Curador da Ocergs; Tarso Genro, pela Frente Popular; Alceu Collares, Frente Progressista Gaúcha e Leopoldo Deves, superintendente da Ocergs. Em debate as propostas dos quatro candidatos ao governo do Estado para o sistema cooperativista

## COOPERATIVISMO

# Candidatos prometem apoio

No que depender da boa vontade de cada um dos candidatos ao governo do Estado, o cooperativismo vai ficar bem servido a partir do próximo ano, quando o futuro chefe do Executivo gaúcho assumir o Palácio Piratini. Pelo menos foi a conclusão a que se chegou ao término dos debates de 18 de julho, na Assembléia Legislativa, com a realização do Fórum Cooperativista Gaúcho, promovido pela Ocergs - Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul. Os quatro postulantes ao cargo foram unânimes em manifestar apoio e a enaltecer a importância do cooperativismo na economia dos países.

Antecipando-se, o candidato da Frente Popular, Tarso Genro, chegou a ler para o plenário anteprojeto de lei que, se eleito, encaminhará à Assembléia, criando o Programa de Financiamento para Investimentos nas Pequenas Propriedades e Microunidades de Produção Rural, visando o aumento de produtividade e a fixação do homem à terra. Ressaltando o seu bom propósito - como fez questão de destacar, Tarso Genro deu ênfase ao Art. 3º do referido anteprojeto, que diz, textualmente, o seguinte:

"Os recursos do programa de que trata esta lei serão regidos por um conselho de administração integrado por representação das cooperativas agrárias e de crédito do Estado, do Banco do Estado, do governo do Rio Grande do Sul, dos pequenos agricultores e trabalhadores rurais".

**PROPRIEDADE SOCIAL** - Já o candidato da Frente Progressista Gaúcha, Alceu Collares, destacou que o seu partido tem uma doutrina sobre o sistema empresarial e as cooperativas, baseado no pensamento do senador Alberto Pasqualini, que define bem os diferenciais desses segmentos. Disse: "Temos a empresa privada, que é a regra; a empresa social, que são as estatais - pois o que é do povo é propriedade da sociedade, e a organização coope-

rativa, que busca o benefício social através da integração de esforços e responsabilidades coletivas".

Lembrou que no seu tempo de simples funcionário dos Correios e Telégrafos fundou e presidiu uma cooperativa de consumo, que ajudou, em muito, a "engordar" os salários dos modestos funcionários, porque conseguia vender bem mais barato do que o comércio tradicional. Disse que, se eleito, pretende estimular ao máximo esse tipo de atividade em benefício dos mais pobres e necessitados. Anunciou ainda a formação de conselhos regionais para a população eleger as prioridades e ajudá-lo a governar.

Prometeu Ciems rurais administrados pelas cooperativas e condomínios de produtores rurais, onde serão incluídos insumos, uso comum de máquinas agrícolas e galpões para armazenagem, visando aumentar a produção e a produtividade. **SISTEMA DE TROCAS** - O candidato Nelson Marchezan, da União por um Novo Rio Grande, recordou que no passado o cooperativismo nasceu protegido, mas ao desenvolver-se livrou-se dos privilégios. Destacou o papel relevante das cooperativas de crédito para o desenvolvimento econômico e social do Estado.

Anunciou a intenção de reforçar o setor para baratear o custo do dinheiro. Garantiu que "uma das nossas metas é o sistema de trocas, onde o produtor poderá pagar com a produção, livrando-se dos bancos e do sistema financeiro tradicional, que enriquece sempre, apesar de muitas vezes o produtor não obter nenhum retorno adicional por sua produção".

Garantiu que seu governo será voltado para os pequenos, e que nessa missão não dispensará a contribuição das cooperativas, que deverão crescer e se preparar - com pesquisas e tecnologias - para os desafios do terceiro milênio, que se aproxima. Prometeu também cursos técnicos para especializar o setor e atenção especial

à recuperação dos solos através das microbacias.

**INTERVENÇÃO DO ESTADO** - O candidato do PMDB, José Fogaça, colocou seu trabalho parlamentar (como senador constituinte) em favor das cooperativas. Destacou que a Constituição de 1988, da qual foi relator-adjunto, empenhou-se junto a seus pares para livrar as cooperativas de toda a forma de intervenção estatal. E anunciou que "nossa meta agora é contribuir, ao máximo, para regulamentar o novo sistema tributário". Disse que já temos aprovada a lei que contempla as propostas do setor.

Prometeu criar o Conselho Estadual do Cooperativismo, cuja função primordial será assessorar o governo. Garantiu que o atual governo do PMDB "é totalmente identificado com a prática do cooperativismo. Lembrou que os três secretários da Agricultura têm origem no setor: Jarbas Pires Machado, Odacir Klein e Marcos Palombini. E que o sistema troca-troca foi criado pelo seu partido, o PMDB, dando como exemplo disso o milho, que teve sua produtividade aumentada de 2.000 quilos em 1987, para 2.400 quilos/hectare em 1990.

As manifestações dos candidatos foram antecedidas da

leitura de um manifesto feito pelas entidades que formam o sistema cooperativo gaúcho, tendo sido destacado a importância das cooperativas na produção de gêneros alimentícios, bens de serviço e de crédito. O documento afirma que 50 por cento dos alimentos consumidos pelos gaúchos são produzidos pelo sistema cooperativo, "que representa um braço de apoio sempre estendido à cooperação, ao aumento da produtividade, e não para pedir incentivos ou subsídios".

A tônica forte da exposição de motivos feita pelas lideranças do cooperativismo gaúcho foi a ênfase dada a condições ideais para trabalhar. O calcanhar-de-aquiles do sistema, conforme foi colocado pela Ocergs - que concentra a força política do cooperativismo no Estado - é a concorrência desleal de outros segmentos econômicos, e principalmente a sonegação de tributos. Há denúncias de que 80 por cento do feijão e 50 por cento da carne transitada e consumida no Estado, não pagaram ICMS, quando é sabido que as cooperativas pagam integralmente esses e outros impostos que lhe são tributados.

COMITÊ EXECUTIVO - A

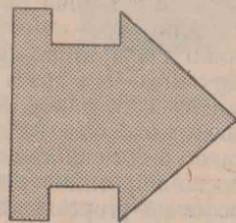
organização do Fórum foi feita por um comitê executivo que vai se manter ativo até a realização da eleição. É integrado pelos advogados Josemar Riesgo, da Justiça Eleitoral do Estado e Edgar Schulze, conselheiro da Unimed, e o cooperativista Santo Desorci, conselheiro da Ocergs e presidente da Cooperativa dos Trabalhadores de Ijuí. Os trabalhos do Fórum Cooperativista Gaúcho - Eleições/90, foram orientados pelo presidente em exercício da Ocergs, Frederico Bavaresco. A leitura da proposta da Ocergs foi feita por Luiz Fernando Konzen, coordenador de Educação Cooperativa da Cotrijuí.

O advogado Edgar Schulze, integrante do comitê permanente da Ocergs, disse que a intenção foi exatamente de ouvir os candidatos e atender suas propostas para o sistema. Nunca se pretendeu estabelecer um debate entre eles, "porque não seria conveniente por um princípio de ética cooperativista, estimular contradições de ideologia ou práticas administrativas", assegurou, "que se pretendeu sempre, e o objetivo foi alcançado, finalizou Schulze, foi ouvi-los, sem nenhuma idéia preconcebida".

**COTRIJUI**

**Sementes Fiscalizadas**

PUREZA E  
GERMINAÇÃO  
GARANTIDAS EM:



\* GRANDES CULTURAS  
\* FORRAGEIRAS  
\* HORTIGRANJEIROS  
\* CULTURAS ALTERNATIVAS



COTRIJUI

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA  
Fone: (055)332-3820 - Telex: 552199 - Fax: (055)332-5161 - Ijuí/RS

# POLÍTICA

O senador José Fogaça falou ao Cotrijornal sobre a "estrutura basilar" de administração que pretende implantar no governo, caso chegue à chefia do Executivo gaúcho. Seu programa está alicerçado em 174 itens.

FOGAÇA

## O programa de governo do PMDB

Acho que a preocupação que deve manifestar o candidato ao governo do Rio Grande do Sul, hoje, é saber um diagnóstico correto do estágio político e econômico de como ele se encontra. É um Estado com grande potencial agrícola, mas é preciso ter consciência de que ele é, também, e acima de tudo, ideal para se transformar num grande centro industrial. Embora a agricultura esteja entre os assuntos prioritários, precisamos redobrar esforços para industrializar a produção e abrir novos mercados, inclusive de alta tecnologia.

Assim o senador José Fogaça, candidato ao governo do Rio Grande do Sul pela sigla do PMDB, falou na entrevista onde fala sobre o programa de governo. Seguindo na tese da industrialização, disse o senador que o Estado tem 6,8 por cento do que é produzido pelas cooperativas agrícolas, é industrializado por 10 por cento. É uma situação que fica evidente, portanto, precisamos fazer um grande esforço e que tenhamos projetos bem claros e objetivos, visando a criar uma sólida base para desenvolver a indústria.

**OBJETIVO BEM CLARO** - O senador disse que antes de partir para a apresentação de seu programa de governo e da filosofia que implantará, caso chegue à chefia do Executivo, desejava fazer um breve histórico, sob o aspecto, da administração de Pedro Simon na chefia do Executivo, uma vez que a própria gestão obedecerá a essa orientação e os mesmos princípios.

Disse que o PMDB, partido que pertence, tem um programa bem claro para governar o Estado. Que desde que Pedro Simon assumiu o governo em março de 1987, vem desenvolvendo um excelente trabalho e tomando medidas nesse campo administrativo, no campo econômico, que mostra uma absoluta clareza a respeito do partido, e que é denominada diretriz que ele caminha.

Seu projeto de governo está estruturado em duas diretrizes, ou em dois postulados, como diz. O primeiro é a busca de eficiência do Estado. Um Estado que se proponha operacionalmente ágil, pela modernização administrativa, para servir como alavanca da economia. O segundo elemento desta visão, é a busca de modernidade.

**DÍVIDA DE 110 BILHÕES** - Para ele, o Estado não pode ser um sorvedouro de dinheiro; não pode ser um poço sem fundo, que existe só para consumir recursos. "Quando assumimos o governo do RGS, através do governador Pedro Simon disse - o orçamento era altamente deficitário. A receita estava longe de cobrir as despesas. Só para dar um exemplo: a folha de pagamento consumia 113 por cento da arrecadação e a dívida pública chegava a 110 bilhões de cruzados, o que representava setenta vezes a arrecadação mensal do Estado. No início, teve-se de fazer empréstimos para pagar empréstimos, e o processo constituía-se numa enorme bola de neve.

Mas essa história, hoje, é bem conhecida. A luta de Pedro Simon para recolocar o governo nos trilhos é de conhecimento do povo gaúcho, e não preciso dizer mais. Governou-se com parcimônia. Já em fins de 1987 o orçamento dava mostras de equilíbrio. E em 1988 apresentou mostras de saúde, tanto que em dezembro apresentou superavit, e o governo passou a investir na prestação de serviços e a montar infra-estrutura. Estradas, escolas, saúde pública, ciência, tecnologia, educação, e tudo isso associado a um combate efetivo à sonegação, que não foi voltada para os pequenos, mas para os grandes que sonegavam.

Simon pagou os 400 quilômetros de estradas deixadas pelo governo anterior e construiu 2.500 quilômetros, o que significa haver dobrado a quilometragem de estradas construídas nos últimos 40 anos. Construiu e reformou escolas e equipou a polícia civil e a Brigada Militar, com 1.500 veículos novos.

**MEU PROGRAMA DE GOVERNO** - Penso que o papel do futuro governante gaúcho será dar continuidade a esse trabalho. De minha parte, prometo que será essa a minha missão. Preparar o Estado para integrar a economia do Cone Sul, até porque, a integra-

ção é um fenômeno que ocorre em todo o mundo. Quero a população infantil dentro das salas de aula, e professores mais qualificados. Essa é uma das prioridades que elegi, pois a formação escolar é a base para a modernização do Estado e da economia. Quero introduzir cursos de nível médio e de pós-graduação para a graduação do servidor público, para que o Estado seja eficiente como uma alavanca para motivar o progresso. Considero que uma das



O candidato ao governo do Estado pelo PMDB, José Fogaça. Preocupação: uma situação política e econômica do Rio Grande do Sul

maneiras de ser nacionalista, hoje, ressalta José Fogaça, é lutar pela busca de competitividade. O nome do nacionalismo, em meu entender, diante do quadro mundial que se esboça, é competição em alto nível. É por essa trilha que me lançarei, promete o candidato.

E penso que não devemos temer a competição. Os países que já se integram, como no Mercado Comum Europeu e na América do Norte, criaram mecanismos compensatórios para defesa mútua das

economias regionais. Quando um determinado produto apresenta distorção de preço que venha prejudicar o parceiro, é disparado, automaticamente, o fator compensatório, que reequilibra os preços. Também não é permitida a prática do "dumping".

**174 PROJETOS** - José Fogaça diz enquadrar-se no melhor gabarito para governar. "Listados por nós, elaboramos por nossa equipe, um elenco de 174 projetos a um custo, já estimado, de 3,5 bilhões de dólares. Muitos deles, por prioridades, já serão atacados nos primeiros meses de nossa administração", enfatizou o candidato.

Continuando, diz: a estrutura basilar de nossa administração estará fixada em cinco pontos essenciais, que são, setor petroquímico, em todas suas variáveis; o setor metal-mecânico, o de agro-indústria, o calçadista, inclusive ampliado e interiorizando os pólos, o auto-mobilístico e o de alta tecnologia.

Vamos estimular o projeto de citros, já iniciado pelo governo Pedro Simon. É um projeto em que, além das prefeituras municipais, as cooperativas estão integradas. A Cotrijornal é uma delas, lembra o candidato, que ainda promete implantar um pólo de alta tecnologia em Ijuí, onde, diz já haver estudos adiantados com a Unijuí. Previstos, também, um centro de bio-tecnologia, centro de química fina, centro de eletrônica embarcada e centro de informática. As verbas para esses projetos já estão garantidas - diz - dentro do orçamento de 1,5 por cento previsto na Fundação de Amparo à Pesquisa, já sancionado pelo governo Guazzelli.

Vamos estimular o projeto de citros, já iniciado pelo governo Pedro Simon. É um projeto em que, além das prefeituras municipais, as cooperativas estão integradas. A Cotrijornal é uma delas, lembra o candidato, que ainda promete implantar um pólo de alta tecnologia em Ijuí, onde, diz já haver estudos adiantados com a Unijuí. Previstos, também, um centro de bio-tecnologia, centro de química fina, centro de eletrônica embarcada e centro de informática. As verbas para esses projetos já estão garantidas - diz - dentro do orçamento de 1,5 por cento previsto na Fundação de Amparo à Pesquisa, já sancionado pelo governo Guazzelli.

Vamos estimular o projeto de citros, já iniciado pelo governo Pedro Simon. É um projeto em que, além das prefeituras municipais, as cooperativas estão integradas. A Cotrijornal é uma delas, lembra o candidato, que ainda promete implantar um pólo de alta tecnologia em Ijuí, onde, diz já haver estudos adiantados com a Unijuí. Previstos, também, um centro de bio-tecnologia, centro de química fina, centro de eletrônica embarcada e centro de informática. As verbas para esses projetos já estão garantidas - diz - dentro do orçamento de 1,5 por cento previsto na Fundação de Amparo à Pesquisa, já sancionado pelo governo Guazzelli.

### GALPÕES DE CONCRETO PRÉ-MOLDADO

+ ECONÔMICOS

+ DURÁVEIS

+ RESISTENTES



Pavilhão rural para confinamento de animais - Linha 2 Leste - Ijuí

#### EMPREGOS:

- Indústrias
- Depósitos
- Pavilhões sociais
- Pavilhões rurais ideais para:
  - Confinamento de animais
  - Depósito de produtos químicos
- Garagens
- Oficinas



ENGENHARIA E CONSTRUÇÃO INDUSTRIALIZADA  
Rua 15 de Novembro, 491 - Ijuí em frente ao Fórum  
Tel.: (055) 332-2383 Ramal 4

Eng. Civil Roberto Fengler



COTRIEXPORT  
CORRETORA DE  
SEGUROS LTDA.

PARA SEGUROS DE:  
INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES PESSOAIS  
- RESIDENCIAIS E OUTROS  
Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513  
Fone 332-2400 - ramal 364  
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342  
3º andar - Fone 28-31-55

# A frustração dos produtores

*A frustração foi geral ao final do XXVII Congresso Estadual de Economia Orizícola. O apoio que deveria sair do ministro Cabrera foi transformado em pedido de socorro. Sem saída, arrozeiros decidem entrar na justiça contra o Banco do Brasil, questionando o reajuste dado aos financiamentos de custeio*

Sob o lema "Chega de plantar esperanças", foi realizado em Bagé de 27 a 29 de julho, o XXVII Congresso Estadual de Economia Orizícola, que debateu uma longa pauta de assuntos e encaminhou pedidos urgentes de solução às autoridades do país. O documento intitulado "Carta de Bagé", síntese das decisões aprovadas e que está sendo enviado às autoridades e técnicos da área financeira do governo, é uma amostra dos problemas que vêm sendo enfrentados pelos produtores.

Os arrozeiros chegaram à conclusão que o valor de mercado do produto, hoje, chegou a seu nível mais baixo desde 1985. Sendo que a perda real do produtor, que diz possuir a maior produtividade do mundo — está levando a lavoura à falência, sem perspectivas de retorno.

A conclusão dos congressistas, aprovada na Carta de Bagé, foi de ajuizar ações contra o Banco do Brasil, questionando reajuste do débito dos orizicultores. Eles querem pagar os empréstimos calculados na base do BTN, mas o banco exige o pagamen-

to reajustado pelo IPC, o que aumentam os débitos em mais 43 por cento. E isso — lembra o vice-presidente da Associação dos Agricultores de Dom Pedrito — sem falar nos juros que estão sendo calculados no mês anterior à implantação do Plano Collor. Com isso, diz Ricardo Pilecco, o aumento vai a 97 por cento.

**PROCEDIMENTOS TRAUMÁTICOS** — Causou impacto traumático nos congressistas reunidos em Bagé, a declaração, feita em discurso, pelo ministro da Agricultura e Reforma Agrária, Antônio Cabrera, ao dizer que nada mais podia fazer pela classe, e que pedia socorro aos orizicultores.

Os produtores se dizem impossibilitados de socorrer o Ministro, pela razão, aliás, singularíssima, de não terem meios de socorrer-se a si mesmos. Outro argumento bastante comentado pelas lideranças dos orizicultores, é atribuído ao diretor de Crédito Rural do Banco do Brasil. Teria dito que o banco não quer perder.

**CAMINHO DO JUDICIÁRIO** — Por considerar o índice

da correção ilegal, o Congresso Orizícola decidiu discutir a questão através do judiciário. Cada produtor deverá entrar com ação contra o banco, conforme a deliberação aprovada pelo plenário do Congresso.

A Federação das Associações dos Arrozeiros do Rio Grande do Sul, entidade promotora do XXVII Congresso Nacional, alertando os congressistas para o cumprimento do dever constitucional que têm, de elaborar, na Lei Complementar, a Lei Agrícola e a regulamentação que trata da aplicação de juros sobre empréstimos destinados ao cultivo. Esse compromisso foi assumido perante o plenário, pelo presidente da Federarroz, Breno Pinheiro Prates.

**POR UMA LEI AGRÍCOLA** — Os orizicultores pretendem que a lei agrícola, além de estabelecer normas fixas para os produtores administrarem suas empresas na direção de uma agricultura moderna, livre e competitiva, tome o mercado soberano, onde impere a liberdade e a competência. Eles desejam liberdade de

comércio, inclusive no mercado internacional, pois dizem acreditar na competitividade nacional e na capacidade empresarial de seus companheiros orizicultores.

Eles prometem fazer pressão ante as autoridades fazendárias e monetárias, no sentido de encontrar meios legais para a "internacionalização de custos dos insumos, meios para obterem maiores informações de mercado externo e a criação de salvaguardas contra subsídios praticados por outros países produtores concorrentes".

A impressão que ficou entre as lideranças da classe dos arrozeiros, foi de quase frustração, de desestímulo. O ministro Antônio Cabrera — que honrou os congressistas com sua presença, não chegou a prometer nada de concreto, de objetivo.

Por todas essas, segundo queixam-se os produtores, e conforme tem acontecido nos últimos encontros oficiais dos produtores, somou-se mais uma frustração na expectativa de uma classe que se sente prejudicada, a ponto de estar beirando a falência.

## DOM PEDRITO Um caso especial

O prefeito municipal de Dom Pedrito, Rul Bastide, aproveitou a realização do XXVII Congresso Estadual de Economia Orizícola para encaminhar documento especial ao ministro Antônio Cabrera, onde solicita ação especial ao seu município. O argumento colocado pelo prefeito pedritense é a ver com a seca, que assolando o município nos últimos anos, ao ponto de exigir do estado de calamidade pública.

O documento, que foi entregue em mãos ao Ministro, é baseado em quatro itens principais. Pede liberação, já, pela rede bancária dos financiamentos de custeio para a próxima safra de arroz, sendo o financiamento em juros suportáveis pelos mutuários. Atendimento das "instantes demandas do setor agrícola, no que respeita aos empréstimos vencidos". Finalmente, um tratamento diferenciado para Dom Pedrito, diante do que ficou demonstrado com a ênfase que se deve dar à calamidade pública, que se abateu sobre o município, cujos reflexos perduram intensamente nos campos social e econômico, conforme dá ênfase o documento entregue ao Ministro.

**NOVO**  
**DUAL® 960<sup>CE</sup>**

**Nunca foi tão fácil ajustar-se a estas Medidas Econômicas**

**ATENÇÃO**

Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (máscara, luvas, consulte um Engenheiro Agrônomo).



**NOVA CONCENTRAÇÃO**  
960 gr de metolachlor por litro.

**FACILIDADE NO TRANSPORTE, MANUSEIO E MENOR NÚMERO DE EMBALAGENS PARA ELIMINAR**

**DUAL® 960<sup>CE</sup>**  
**SUA BOA NOVA COMPANHIA**



MODERNA TAMPA DE VEDAÇÃO

EMBALAGEM RESISTENTE DOTADA DE FORTE ALÇA ANATÔMICA

NOVA EMBALAGEM DE 10 LITROS

EMBALAGEM QUE EVIDENCIA O NÍVEL DO PRODUTO

EXCLUSIVO MEDIDOR DE DOSE

FÓRMULA NÃO CORROSIVA

Não corrói as mangueiras dos pulverizadores.

CANTONEIRAS ACHATADAS

**CIBA-GEIGY**

IMPORTANTE: Após esvaziar a embalagem, proceder a uma tripla lavagem e verter as águas de lavagem no tanque do equipamento de aplicação.



SICREDI-RS

# CREDIAJU — COOPERATIVA DE CRÉDITO RURAL DE AJURICABA LTDA.

## BALANÇO PATRIMONIAL

	30.06.90 Em Cr\$	30.06.89 Em NCz\$
<b>ATIVO</b>		
Ativo ANTE.....	<b>1.181.051,16</b>	<b>240.949,95</b>
Responsabilidades.....	994.617,86	45.636,63
Operações Interfinanceiras.....	9.056,13	- 0 -
Créditos Vinculados.....	9.056,13	- 0 -
Bco. Comercial Dep. Lei 8024/90.....	9.056,13	- 0 -
Operações de Crédito.....	103.499,76	27.724,45
Oper. Tit. Desc. e Fin. S. Priv.....	103.499,76	28.396,45
Oper. Créd. Liq. Duvidosa.....	- 0 -	(672,00)
Provisão p/CLD.....	- 0 -	(672,00)
Outros Créditos.....	63.432,46	157.610,87
Receitas a Receber.....	60.932,46	2.119,67
Val. a Ordem Bacen Lei 8024/90.....	- 0 -	155.491,20
Diversos.....	2.500,00	- 0 -
Outros Valores e Bens.....	10.444,95	9.978,00
Outros Valores e Bens.....	10.444,95	9.978,00
<b>TOTAL DO ATIVO.....</b>	<b>1.181.051,16</b>	<b>240.949,45</b>

## PASSIVO

	30.06.90 Em Cr\$	15.03.90 Em NCz\$
<b>PASSIVO</b>		
CIRCULANTE.....	<b>1.095.941,59</b>	<b>185.477,01</b>
Depósitos à vista.....	785.429,74	88.195,17
Obrigações p/Emprést. e Repasses.....	- 0 -	30.000,01
Emprést. no País Instit. Oficiais.....	- 0 -	30.000,01
Outras Obrigações.....	310.511,85	67.281,83
Fiscais e Previdenciárias.....	33.251,54	6.591,77
Diversas.....	277.260,31	60.690,06
PATRIMÔNIO LÍQUIDO.....	<b>85.109,57</b>	<b>55.472,94</b>
Capital.....	201.513,00	58.673,00
De Domiciliados no País.....	201.513,00	58.673,00
Correção Monetária.....	110.802,92	55.618,30
Sobras ou Perdas Acumuladas.....	(227.206,35)	(58.818,36)
<b>TOTAL DO PASSIVO.....</b>	<b>1.181.051,16</b>	<b>240.949,95</b>

## NOTAS EXPLICATIVAS

01 - Apresentação das Demonstrações Financeiras.

A Cooperativa de Crédito Rural de Ajuricaba Ltda. - CREDIAJU - iniciou suas atividades em 19.01.90, depois de longo período de esmerado esforço de organização de um grupo de Produtores Rurais ajuricabenses que acreditam na sério os ideais Cooperativistas, com o apoio decisivo da Cotrijul, cidade de Ajuricaba.

As Demonstrações financeiras estão sendo apresentadas de acordo com legislação específica do Sistema Cooperativo e preceitos do Plano Contábil das Instituições do Sistema Financeiro Nacional - COSIF.

02 - Principais Práticas Contábeis

03 - Atribuição do resultado

As receitas e despesas são apropriadas mensalmente, pelo regime de competência.

04 - Efeitos inflacionários

Reconhecidos através da Correção Monetária dos valores que compõem o Patrimônio Líquido, com base na variação do BTN/F e, cujo saldo encontrado se refletido no resultado do Semestre.

05 - Imobilizado

A CREDIAJU ainda não possui imobilizado próprio. As instalações, móveis, máquinas e equipamentos utilizados são cedidos pela Cooperativa de Crédito - Cotrijul - e encontram-se registrados na Contabilidade em contas de Compensação, apenas para fins de controle.

06 - Capital Social

O Capital Social está representado pela participação de 257 associados, montante de Cr\$ 201.513,00 (duzentos e um mil, quinhentos e treze cruzeiros).

07 - Plano de Estabilização Econômica

08 - Procedimentos de Conversão

Na data-base de 15.03.90, após o encerramento do Balanço Patrimonial em Cruzados Novos, todos os valores constantes da escrituração contábil foram convertidos para Cruzeiros na paridade de NCz\$ 1,00 para Cr\$ 1,00.

09 - Efeitos Sobre a Situação Patrimonial e de Resultados

Os recursos próprios em Cruzados Novos, cujos valores não foram convertidos para Cruzeiros, está demonstrado pelo respectivo saldo da data do Balanço Patrimonial, pela seguinte rubrica:

10 - Créditos Vinculados

Banco Comercial - Depósitos Lei 8024/90 - Cr\$ 9.056,13

Verifica-se que nenhum associado possuía saldo superior a NCz\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzados novos), em conta corrente na data da edição do Plano de Estabilização Econômica, ou seja, 15.03.90.

11 - Resultado Líquido apurado no período de 16.03.90 a 30.06.90, atingiu o montante de Cr\$ 168.387,99 (cento e sessenta e oito mil, trezentos e oitenta e sete cruzeiros, noventa e nove centavos negativos) e foi levado a Sobras ou Perdas Acumuladas.

12 - Fica-se interessante frisar que a CREDIAJU tinha apenas 55 dias de existência, quando o "Plano Brasil Novo" foi editado o qual atingiu de maneira decisiva principalmente o Sistema Financeiro Nacional, no qual essa Cooperativa de Crédito se insere, o que veio a influenciar de forma determinante o resultado líquido negativo do semestre.

PAULO OTTONELLI - Diretor Presidente

VALFRIDES ALVES DE SOUZA - Diretor Administrativo

ELVIO LUIZ BANDEIRA - Diretor Crédito Rural

AURI JOSÉ BOFF - CPF 308.146.180/49 - CRC 45.573

## PARECER DO CONSELHO FISCAL

O Conselho Fiscal da Cooperativa de Crédito Rural de Ajuricaba Ltda. - CREDIAJU - no desempenho de suas funções legais e estatutárias, tendo acompanhado as atividades da Cooperativa durante o seu primeiro semestre de atuação, examinado de maneira minuciosa o Balanço Geral, Demonstrativo de Resultado, os Livros Contábeis, o Caixa e demais documentos relativos a esse período encerrado em 30.06.90, manifesta-se por seus pareceres abaixo assinados, de parecer favorável a sua aprovação.

Ajuricaba, 05 de julho de 1990

Alcides Bandeira

Edgar Freier

Edgar Prauchner

## DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO

DISCRIMINAÇÃO	30.06.90 Em Cr\$	15.06.90 Em NCz\$
RECEITAS OPERACIONAIS..... (1)	242.552,49	90.504,32
Rendas de Operações de Crédito.....	207.420,25	83.410,65
Rendas de Títulos e Valores Mobiliários.....	23.425,81	7.081,95
Outras Receitas Operacionais.....	11.706,43	11,72
DESPESAS OPERACIONAIS..... (2)	355.755,86	(93.704,38)
Despesas de Obrigações p/Emprést. e Repasses no País.....	(39.683,20)	(3.046,97)
Desp. de Pessoal, Proventos, Benefícios, Treinamentos, Enc. Sociais.....	(234.296,11)	(58.862,62)
Outras Despesas Administrativas.....	(76.723,63)	(30.405,95)
Aprisionamento e Ajustes Patrimoniais.....	- 0 -	(672,00)
Outras Despesas Operacionais.....	(5.052,92)	(716,84)
RESULTADO OPERACIONAL (1 - 2)..... (3)	(113.203,37)	(3.200,06)
RESULTADO DA CORREÇÃO MONETÁRIA..... (4)	(55.184,62)	(55.618,30)
SOBRAS/PERDAS LÍQUIDAS (3 - 4).....	(168.387,99)	(58.818,36)

# A sua Cooperativa tem TILT®

Produto registrado na DIPROF/SDSV/IMA sob o n.º 030583-88  
\* Marca registrada da Ciba-Geigy, Basileia, Suíça.

0060790



# Sem festas

Os 33 anos de fundação da Cotrijuí foram comemorados com a já tradicional Feira de Produtos Coloniais que neste ano reuniu 10 núcleos do interior de Ijuí. Homenagem à parte ficou por conta do programa especial, Rádio Ligado.

Nada de festas, que os tempos estão mandando apertar ainda mais o cinto. Assim, a Cotrijuí comemorou seus 33 anos de fundação. A data de 20 de julho assinala, na verdade, três acontecimentos que marcaram a vida dos agricultores da região: o da fundação da Cotrijuí ocorrida há 33 anos atrás, o da fundação do Terminal Graneleiro Luiz Fogliatto, de Rio Grande e o da criação do Cotrijornal. O Terminal de Rio Grande comemorou 20 anos de fundação e o Cotrijornal 16 anos.

Mas o dia 20 de julho não passou em brancas nuvens. Uma homenagem especial, por conta

da Rádio Progresso de Ijuí, assinalou a data. Durante duas horas - das 9,00 às 11 horas - o programa especial "Rádio Ligado", transmitido diretamente da Sala do Produtor da Cotrijuí, com a participação da direção eleita, associados e funcionários, contou um pouco da história da cooperativa na região ao longo destes 33 anos.

**FEIRA COLONIAL** - Desde 1982, quando comemorou seus 25 anos de fundação, a Cotrijuí tem procurado realizar, na data de aniversário de sua fundação, a Feira de Produtos Coloniais. Em sua nona edição e já tradicional na região, a Feira deste ano

contou com a participação de 10 núcleos do interior de Ijuí, que trouxeram para vender na cidade, salames, queijos, presuntos, mel, melado, natas, frutas, verduras, galinhas, entre tantos outros produtos que hoje fazem farta a mesa do agricultor, apesar dos tempos difíceis.

A IX Feira de Produtos Coloniais foi aberta com o hasteamento das bandeiras nacionais pelo presidente da Fecotriço, Odacir Klein, do Rio Grande do Sul pelo diretor vice-presidente da cooperativa na Pioneira, Celso Sprotto e da Cotrijuí pelo presidente do Sindicato Rural de Ijuí, Reinholdo Kommers.

**ORGANIZAÇÃO** - "Ao festejar seus 33 anos, a Cotrijuí está escrevendo não só a sua história econômica, mas também uma história com dimensões culturais e políticas no sentido da organização das pessoas", disse o diretor superintendente da cooperativa na Pioneira, Walter Frantz, ao abrir oficialmente a IX Feira de Produtos Coloniais da Cotrijuí. O cooperativismo e a Cotrijuí procuram, numa economia de mercado, abrir espaços de po-



A IX Feira de Produtos Coloniais da Cotrijuí há 10 anos atrás: a da diversificação das atividades agrícolas já realizadas assinalou os 33 anos de

der econômico, de participação e de decisão 'aqueles que, pela sua natureza econômica, não o podem fazer de maneira individual, reforçou ainda, citando o volume de impostos gerados pela cooperativa como exemplo da importância econômica assumida pelo sistema na região. Esse volume de recursos gerados representa, segundo Frantz, a contribuição dos agricultores que trabalham na terra em busca do bem comum.

O professor Mario Osório Marques, diretor da Livraria

Unijuí Editora, também presente na solenidade de 33 anos da Cotrijuí e em questões referentes ao município de Ijuí e sua história das tradições e cultura de raízes". Garantia a própria história da cooperativa explicaria se não estivesse fundada num solo de há muito antes trabalhado e como precursores os que trouxeram da velhas tradições em solidariedade, da orga-



Mário Osório Marques História enraizada num solo há muito trabalhado

## "Rádio Ligado" na Cotrijuí

**Rádio Ligado.** Um novo programa da Rádio Progresso de Ijuí a integrar os eventos comemorativos do Centenário do município através da história e do reconhecimento do trabalho de empresas clientes da emissora. O primeiro programa "Rádio Ligado", de uma série já levado ao ar, foi transmitido diretamente da Cotrijuí, no dia em que a cooperativa comemorava seus 33 anos de fundação. Na homenagem prestada pela emissora ijuicense, um pouco da vida da Cotrijuí ao longo de todos estes anos e do trabalho na região em busca da organização da produção e do produtor associado.

"Estamos prestando uma homenagem e, ao mesmo tempo, buscando valorizar o trabalho que estas empresas vêm fazendo pelo município", observa José Luiz Bonamigo, diretor geral da Rádio Progresso de Ijuí, entusiasmado com o novo programa. O programa já prestou o mesmo tipo de homenagem às prefeituras municipais de Ajuricaba, Pejuçara e Jóia. Na pauta, para os próximos dias, um programa nos mesmos moldes, transmitido diretamente da Imasa. "É a forma que encontramos de levar um

pouco mais da história das empresas de Ijuí e região até os nossos ouvintes", justifica.

Mas o programa "Rádio Ligado" não é apenas uma das inovações da Rádio Progresso dentro do clima de Centenário do município de Ijuí. Uma nova mentalidade, "fruto dos ventos da democracia", segundo Bonamigo, começa, também, a traçar um novo perfil para a programação da emissora. "Estamos em busca de uma programação mais popular, sem, no entanto, cair no brega", deixa claro o diretor pretendendo dar à emissora um cunho mais opinativo. Nesse novo desafio, a Rádio Progresso está indo de encontro aos ouvintes, "sem medo de colocar no ar a sua opinião", a sua crítica", garante o empresário.

**DA SALA DO PRODUTOR** - O programa "Rádio Ligado" em homenagem a Cotrijuí foi transmitido para toda a região no dia 20 de julho. Durante duas horas, os radialistas André Schimidt da Rosa, Milton Silva e Adelar Amarante, auxiliados por Valmir Beck da Rosa, responsável pelo programa "Informativo Cotrijuí", levado ao ar todos os domingos pela própria Rádio Progresso

em cadeia com a Municipal de Tenente Portela, conversaram com a direção eleita, técnicos, associados e funcionários da cooperativa numa transmissão direta da Sala do Produtor.

O diretor presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti, falou um pouco da história da Cotrijuí nestes 33 anos de existência, homenageou os associados fundadores da cooperativa e destacou os desafios "que ainda precisam ser vencidos". O trigo, o carro-chefe da economia da região na época da fundação da cooperativa, foi desbancado pela soja e hoje compete, em condições semelhantes, com tantos outros produtos que hoje integram os programas de diversificação. "Nesse espaço de quase 15 anos, pulamos de dois produtos para quase 300", destacou o diretor agrotécnico da cooperativa na Pioneira, o agrônomo Léo Góti, procurando dar destaque ao programa de diversificação de culturas, uma idéia solidificada na região.

As dificuldades de recebimento de produtos, a falta de secadores foram lembradas pelo associado e ex-diretor da Cotrijuí, Euclides Casagrande. "Como naque-

la época não existiam secadores, toda a produção era entregue no ponto. Não se colhia produto úmido", recorda Casagrande. Para o diretor vice-presidente da Cotrijuí-Pioneira, Celso Sprotto, a chegada da cooperativa na região mudou a mentalidade dos agricultores. "A produção começou a ser orientada", disse ainda, colocando a presença da cooperativa como fundamental no desenvolvimento das comunidades regionais.

O trabalho de organização do quadro social, "onde o instrumento de trabalho foram as reuniões de núcleos", foi o assunto da participação do diretor superintendente Walter Frantz. "O processo de organização do quadro social representa, na sociedade regional, uma escola de formação de adultos", destacou Frantz. O agrônomo e pesquisador João Miguel de Souza falou sobre os programas de produção da Cotrijuí na região, mas deu ênfase pa-



No programa especial "Rádio Ligado" aos 33 anos da cooperativa... presença da direção eleita, associados

ra uma questão de dar os rumos de estes novos tempos. "Os novos terminam muitas posturas", disse alusão a necessidade de viabilizar a agricultura via aumento de produtividade, tanto na como animal.

O programa transmitido diretamente da Cotrijuí contou com a participação dos associados, Oswaldo Beyer, Ruy Michel, João Carlos Schimidt, Volney de Mattos e pesquisadores de Treinamento

# A maior de todas

A Feira reuniu 21 produtores de Ijuí e movimentou em torno de Cr\$ 800 mil



pectativas", observa Noemi Huth, educadora da Cotrijuí na Unidade de Ijuí, considerando em sua análise a crise econômica pela qual passa o país e que vem refletir diretamente no bolso do consumidor e também o período de

outros. "Sobrou muito pouco produto", garantiu a Noemi.

**QUALIDADE** - Na reunião de avaliação da Feira, a própria Comissão Organizadora chegou à conclusão de que, a cada ano, a Feira de Produtos Coloniais se aperfeiçoa ainda mais, buscando melhorar a qualidade dos produtos comercializados. "Os produtores estão se especializando", diz a educadora. A novidade deste ano, tirando o volume de pro-

duto comercializados, correu por conta da etiquetagem dos produtos expostos. Cada produto era identificado com etiqueta onde aparecia o nome do produtor responsável e a sua localidade. "É uma forma do próprio produtor se preocupar mais com a qualidade e a apresentação do produto", assinala Noemi, para quem as etiquetas também servem para que o produtor faça propaganda do seu produto.

Sábado, 21 de julho. Um dia dos mais frios do ano. Mesmo assim, bem cedinho e tudo ainda branco de geada, a movimentação era grande em direção à cooperativa. Eram produtores e suas famílias se preparando para mais uma Feira de Produtos Coloniais da Cotrijuí. Todo o excedente de produto que existia na propriedade, veio para a cidade para ser vendido na Feira dos 33 anos de aniversário da Cotrijuí. Em sua nona edição - ela existe desde 1982 -, a Feira de Produtos Coloniais da Cotrijuí, além de representar uma mostra da variedade de produtos e subprodutos que hoje, mesmo em tempos difíceis, fazem farta a mesa do produtor da região, também significa a consolidação de uma idéia implantada há cerca de 15 anos atrás: a da diversificação das atividades agrícolas.

Produtores dos núcleos de Piratini, Linha 1 Oeste, Colônia Santo Antônio, Dr. Bozano, Linha 2 Oeste, Aracy Serres, Linha 7 Leste, Linha 6 Norte, Alto da União, Linha 6 Oeste, Arroio das Antas e Linha 4 Leste, trouxeram para vender na cidade produtos como verduras, frutas, galinhas, salames, ovos, queijos, natas, presuntos, cucas, schmiers, vinhos, pães caseiros, doces, entre tantos outros produtos e subprodutos produzidos na colônia. Por volta das 10 horas da manhã, quem aproveitou o sábado frio para ficar até mais tarde na cama, já não encontrou mais galinha, ovos, salames secos e queijos à venda. Às 16 horas, depois da apresentação da etnia alemã, os 21 produtores pertencentes aos 10 núcleos encerraram a Feira que movimentou perto de Cr\$ 800 mil. Também presente à Feira a Associação de Apicultores de Ijuí.

"Esta foi a maior Feira já realizada, tanto em termos de volume de produtos como em volume de vendas, chegando, inclusive, a superar as ex-

realização da Feira. Mas a exemplo do que tem ocorrido em Feiras anteriores, os produtos de origem animal - queijos, natas, ovos, salames, entre outros - foram os que tiveram maior saída.

Por volta das 10 horas, os 400 quilos de galinha colocados à venda na Feira já haviam sido comercializados. O salame seco, outro produto com bastante procura, começou a faltar antes do meio-dia. Em torno de 420 quilos de salame seco foram comercializados durante a manhã. A Feira registrou ainda à venda, em volume significativo de cerca de 100 dúzias de ovos; 200 quilos de queijo; 70 quilos de nata; 120 quilos de feijão; 300 quilos de melado; 150 quilos de rapadura de amendoim; 200 quilos de erva-mate, entre



Pedro Dalla Rosa  
A palavra em nome dos núcleos

## A palavra do associado

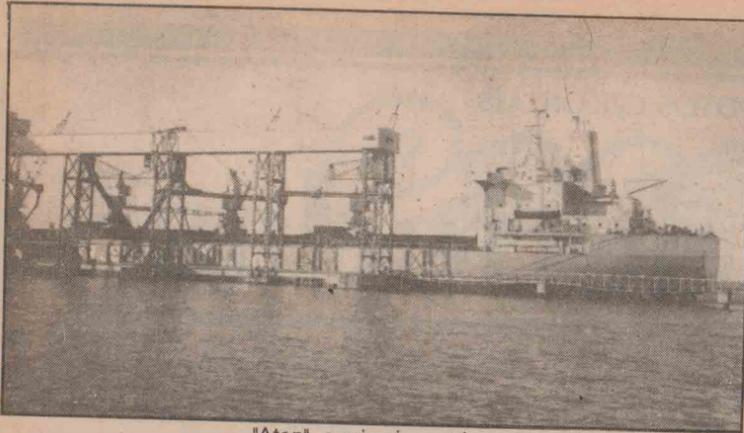
"Queremos agradecer a Cotrijuí, que todos os anos oportuniza esta Feira onde podemos mostrar o que se pode produzir dentro do sistema de diversificação da produção", disse o seu Pedro Dalla Rosa, durante a solenidade de abertura da IX Feira de Produtos Coloniais da Cotrijuí. Seu Pedro, da localidade de Colônia Santo Antônio, interior de Ijuí, falou em nome dos associados. Considera a Feira como um acontecimento onde os produtores podem somar idéias e trocar experiências, fato que ajuda a melhorar o sistema de produção de cada produtor. "O lucro financeiro é muito importante, mas o que vale mais é a troca de idéia, a confraternização, o diálogo entre os produtores e a própria cooperativa", garantiu seu Pedro.

## Exaltação à Bandeira.

A produção de trigo é decorrente da atividade foliar das plantas.

Preservar as folhas, especialmente a Folha Bandeira, é garantir a produção.





"Aton", o primeiro navio a receber água no Terminal

## Água potável para navios

Armadores agora economizam tempo no Terminal Luiz Fogliatto

Desde julho, o Terminal Graneleiro da Cotrijuí passou a oferecer mais um serviço aos navios que passam por seu cais de atracação, onde foi instalado um equipamento para tomada de água potável. Apesar de ter conseguido da Corsan o quadro de controle do volume de água, a Cotrijuí arcou com as despesas de toda a instalação. Conforme Ivo Aquino Rasia, gerente técnico do Terminal, foram adquiridos 894 metros de cano de quatro polegadas para a tubulação, mais 150 metros de mangueira flexível para atingir o tanque de água potável da embarcação.

Dependendo da tubulação de recebimento do navio, o equipamento tem uma capacidade de fornecimento de água na ordem de 50 metros cúbicos por hora. O primeiro navio a se beneficiar desse serviço na Cotrijuí, foi "Aton", de bandeira egípcia, que carregou 50 mil litros de água. Ele esteve no Terminal Luiz Fogliatto para levar 11.750 toneladas de farelo. Os seis primeiros navios, contando com o "Aton", abasteceram 930 metros cúbicos de água. Essa quantidade esteve distribuída, conforme requisição consecutiva de cada navio, em 50, 100, 180, 400 e 100 metros cúbicos.

### OPERAÇÃO MAIS ÁGIL

- Na opinião do gerente técnico, essa nova prestação de serviço no Terminal da cooperativa, em área destinada ao superporto de Rio Grande, tem colaborado muito com o navio, uma vez que permite um acompanhamento da agilidade do Terminal no escoamento dos diversos produtos. "Às vezes, exemplifica Rasia, se terminava o carregamento da soja ou farelo e o navio tinha que ficar esperando terminar o abastecimento de água.

Ocorre que o abastecimento de água, antes desse serviço ser prestado pelo Terminal, se dava através de solicitação à administração do porto rio-grandino. O método é bem demorado, pois além da capacitação da chata (pequena embarcação), muitas vezes, ser insuficiente para suprir o pedido de uma só vez, não é sempre que ela está à disposição.

Quando não tinha que ficar no aguardo das várias viagens que a barcaça fazia para trazer água, o navio fazia uma nova atracação no porto novo só para abastecer. Agora, economizando tempo, o agente do navio que está atracado na Cotrijuí precisa apenas enviar um telex (531120/531110/532657) com uma solicitação da quantidade desejada.

## COTRIJUI

TERMINAL GRANELEIRO LUIZ FOGLIATTO

# Em fase de informatização

De agora em diante, todo o serviço de transmissão de dados e de relatórios pode ser feito no próprio Terminal

Uma das unidades da Cotrijuí que mais tarde entrou na informatização de suas atividades, o Terminal Graneleiro está prestes a consolidar esse processo. Considerando a sensível melhoria dos controles, o gerente administrativo-financeiro, José Constantino Dalmas, frisa que a transmissão de dados e relatórios já podem ser extraídos diretamente, ao passo que antes, esse trabalho era todo feito via malote.

Desde setembro do ano passado, funciona no Terminal Luiz Fogliatto, o equipamento Cobra, alugado da subsidiária Cotridata. Antes disso, enquanto o programa já estava em andamento, o sistema de controle de estoque era feito pela Universidade do Rio Grande (Furg). Hoje, mapas estatísticos, faturamento e FCC - funcionários e conta corrente - são feitos por esse equipamento.

Mas já estão participando a essa nova fase do Terminal, três microcomputadores, pelos quais funcionam os controles da contabilidade, folha de pagamento e da cantina. No entanto, eles estão sendo adaptados para, em um prazo de 90 dias, fazerem todo o controle do Terminal.

**CARACTERES** - Segundo informante, Jânio Werner Feijó Pohlmann, responsável pelo Centro de Processamento de Dados do Terminal, o equipamento Cobra, alugado da Cotridata, apresenta 504 K de memória, um passo que os micros apresentam uma memória maior com 704 K. Por outro lado, quanto ao disco dos micros conta com uma capacidade de 10 mega, o do Cobra tem capacidade de 10 mega, de 67 milhões de caracteres.

Acooplados ao Cobra, um equipamento multiusuário, funcionam quatro terminais 200 e mais duas impressoras, uma de 10 linhas e a outra de 400 por minuto. Uma marca Sid 502 e os outros dois Processadores XT, os três "PC" - computador pessoal - podem ser operados individualmente.

Pohlmann destaca a importância da informatização pela rapidez que se pode obter. "Agora o Terminal está com um nível hábil maior". Assim ele conclui, pois antes tinha que ser feito com muita atenção. Hoje, ganha-se no mínimo 10 dias nessa função.

## 25 milhões de toneladas

Quase atingindo a "casa dos 20", o Terminal da Cotrijuí já computa cerca de 25 milhões de toneladas de produtos movimentados, mais de 2.200 navios operados, entre soja, farelo, trigo e óleo, além de ter recebido uma média de 409 mil caminhões, 211 mil vagões e 1.250 barcaças. Mas não apenas a passagem do petroleiro russo "General Bragatione" marca a história do Terminal Luiz Fogliatto, como já foi citado. Ele esteve no seu cais, de 21 a 25 de setembro de 1974, levando três dias para carregar 13.950 toneladas de soja, quantidade que seria facilmente carregada em poucas horas por um graneleiro.

Dois anos após essa curiosidade, em 1976, o porto de Rio Grande via chegar no berço de atracação da Cotrijuí o maior navio recebido da época, sendo que algumas pessoas afirmam ainda não terem visto igual. Era uma embarcação de bandeira norueguesa, o navio "Polyvicking", medindo aproximadamente 270 metros, com capacidade para 110 mil toneladas. Só para se ter uma idéia, ainda hoje, os principais graneleiros atracados no porto rio-grandino, apresentam uma capacidade média entre 60 a 80 mil toneladas. Mas, apesar de toda sua capacidade, o "Polyvicking" levou da Cotrijuí apenas 9.507 toneladas de farelo. Segundo recordam

antigos funcionários, teve que carregar com os tanques cheios para possibilitar a operação.

Apesar do Terminal Graneleiro ter sido inaugurado oficialmente em 16 de maio de 1972, com a presença então Presidente da Companhia, Emilio Garrastazu, já em novembro de 1971, a balsa triga em suas moções, bem antes da inauguração, dava o primeiro navio operado no Terminal "Santo", de bandeira norueguesa, com capacidade de 100 mil toneladas. A segunda, o "Neide", de bandeira alemã, em julho de 1972, levou pela primeira vez feijão para exportação.

# Milho no limpo produz mais.

Mercê Registrada Ciba-Geigy - Suíça - Produto registrado na D.P.R.O.F. S.O.S. - M.A. 100 - 027.166.5

**ATENÇÃO** Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo.

**ANDEF**  
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

**CIBA-GEIGY**  
DIVISÃO

# PRIMESTRA

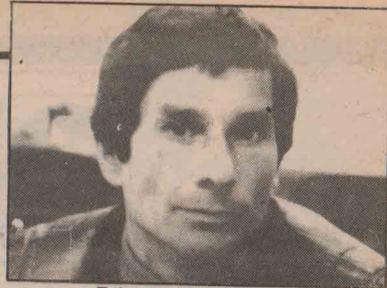
## IJUÍ/FORMOSA

# Atrás da soja

Governo da Província de Formosa quer levar 50 famílias de agricultores brasileiros para incrementar a lavoura de soja na região e quebrar o monocultivo do algodão



Nestor Gromenida



Eduardo Ocampo

## Em busca de alternativas

O algodão é a principal cultura da Província de Formosa, Argentina, com possibilidade de vir a ocupar, na próxima safra, 70 mil hectares. A vontade de cair fora desse monocultivo está levando o governo e os agricultores da região a buscar novas alternativas de produção. A soja, por exemplo, seria uma destas alternativas viáveis, mas a sua expansão está, hoje, praticamente nas mãos de agricultores brasileiros. "Potencial para a produção de soja existe, o que falta é maquinário, armazéns, estrutura de transporte e de comercialização da produção", disse Eduardo Ocampo, pesquisador do Inta, durante Seminário realizado na Afucotri de Ijuí, onde a cultura da soja foi o principal assunto.

A área cultivada com soja na região de Formosa anda ao redor dos 6.000 hectares, "com variedades e épocas de semeaduras definidas", esclareceu o agrônomo. A média de produtividade, "sem utilização de fertilizantes, tem oscilado entre 2.000 e 2.500 quilos por hectare. Mas onde o agricultor tem utilizado a tecnologia recomendada, com um adequado manejo de cultivo, a média de produção tem variado de 3.000 a 4.500 quilos por hectare. El Colorado, Pirane, Laguna Blanca, Espinillo, Vila Gal. Günes, são as regiões de Formosa que apresentam as melhores condições para o cultivo da soja. As variedades recomendadas são a Stuart, Bragg, Famailla 940 — uma variedade do Inta — e a Asgrow 7372. O período de colheita vai de abril a junho, "com sérios problemas de disponibilidade de maquinário".

Além disso, existe a possibilidade de cultivo do milho, hortigranjeiros, girassol e forrageiras. "A pecuária leiteira é uma atividade inviável em função da falta de raças adaptadas", observa. Os milhos híbridos são aqueles que têm apresentado maiores rendimentos.

**FORRAGEIRAS** — 97 por cento da superfície da Província de Formosa é coberta por pastagens naturais que alimentam em torno de 1,1 milhão de bovinos. A produção de carne em quilos por hectare/ano varia de 22 a 40 quilos, "isso em produção extensiva", explica o pesquisador da Área de Forrageiras do Inta, engenheiro agrônomo Carlos Roig. A carga animal — em pastagem natural — é de 3 hectares por cabeça.

Mas também existe a possibilidade de criar bovinos em pastagens cultivadas. Para os períodos de pouca inundação, o Carlos citou o cultivo de pangola e o dicantio. Para zonas mais baixa, recomenda a setária. Mas a espécie mais difundida entre as gramíneas é o dicantio, por apresentar maior produção de massa verde que a pangola. É uma forrageira que se multiplica por semente, o que facilita a sua implantação. Também se adapta às condições da região, a leucaena e a melilotus.

Transferência de 50 famílias e o arrendamento de 20 mil hectares de terra com a expectativa de levar o governo da Província de Formosa, Argentina. Seminário técnico realizado em Ijuí, no dia 18 de maio, com a finalidade de avaliar as potencialidades da região de Formosa com ênfase especial à cultura da soja, o seminário contou com a presença do Ministério da Agricultura e do Comércio Exterior para Assuntos Econômicos e Recursos Naturais da Província, Nestor Gromenida, diretor de Comércio Exterior, Leoncio Aguayo, diretor de Tecnologia e Experimentação em Soja — Inta — Salta, e ainda os técnicos pesquisadores Eduardo Ocampo, especialista em Forrageiras, e Luiz Roberto, da área de Hortigranjeiros, Rosalino Ortiz. Também presentes ao Seminário foram os associados da Cotrijuí.

A integração Ijuí/Formosa ainda não se solidificou devido a problemas técnicos, mas as tratativas para a transferência de terras da região para a agricultura argentina vêm se arrastando há mais de um ano. "A presença de agricultores brasileiros para a Província de Formosa vai representar um avanço tecnológico e cultural", ressaltou o subsecretário Nestor Gromenida em alusão a necessidade que a região tem de fugir do monocultivo do algodão. "Fundamentalmente Formosa precisa romper o monocultivo e, para tanto, precisa contar com a colaboração dos agricultores associados da Cotrijuí, disse Gromenida considerando em sua avaliação a falta de identificação dos agricultores argentinos com a soja. "A nossa cultura é o algodão e não a soja", reforçou.

Em troca da tecnologia e da cultura da soja, a ser levada pelos agricultores associados da Cotrijuí na região, o governo da Província de Formosa está oferecendo terras que poderão ser arrendadas. Mas os contratos de arrendamento, no entanto, terão que ser firmados diretamente com os produtores. "O governo não tem terras para oferecer", deixou bem claro Gromenida, garantindo, que os agricultores brasileiros terão, de parte do governo, assistência técnica, sob a responsabilidade do Inta e do Ministério da Agricultura e apoio logístico visando solucionar todos os trâmites burocráticos.

Nestor Gromenida disse também que não existe a possibilidade do governo oferecer privilégios aos agricultores brasileiros. "O tratamento será o mesmo que vem sendo dado aos agricultores argentinos", observou. Ace-

nou com um provável acesso ao crédito, "pois o programa não pode fracassar", desde que sejam atendidas as exigências do sistema bancário".

Num primeiro momento o interesse dos argentinos é o de viabilizar a transferência de 50 famílias, "mas tudo vai depender da facilidade com que os produtores brasileiros puderem levar seu maquinário para a Argentina", disse Leoncio Aguayo. A própria área a ser arrendada vai depender do resultado da primeira avançada, "pois serão estes primeiros produtores os responsáveis pela difusão da aptidão da Província para o cultivo da soja", observou o diretor do Comércio Exterior. Mas a princípio, essa área ficaria ao redor dos 20 mil hectares.

**COMPRA VIÁVEL** — A questão do arrendamento das terras causou uma certa preocupação entre os agricultores presentes ao Seminário. "Não podemos unicamente transferir nossos conhecimentos, valorizar as terras e depois sermos mandados de volta para casa", observou um dos agricultores presentes. A compra de terras é viável, assegurou Leoncio Aguayo, desde que o agricultor esteja radicado na Província. Ninguém precisa nacionalizar-se para poder adquirir terras, mas radicar-se de forma definitiva. Esse é um dos requisitos a ser exigido de quem deseja adquirir terras na Província de Formosa", destacou.

## Acima das expectativas

Os resultados ficaram acima das expectativas. Essa constatação dos técnicos do Inta da Cotrijuí, ao avaliar os resultados obtidos em testes experimentais plantados com variedades recomendadas para o Rio Grande do Sul em duas regiões distintas de Formosa, Argentina. Nessas regiões, variedades como Dourados, Iguazu, CEP-20 e BR-4, chegaram a superar os 4.000 quilos por hectare", destaca o engenheiro agrônomo da Cotrijuí, Aírton de Jesus, responsável, pelo lado técnico, pela implantação e acompanhamento dos testes em Formosa.

Os quatro canteiros experimentais implantados nas regiões de Formosa norte e sul — seguiram às recomendações de semente, densidade, espaçamento e profundidade sugeridas pelos agricultores associados da Cotrijuí. "Só não foi usado nenhum tipo de herbicida", lembra Aírton. Pelo lado argentino, os experimentos foram acompanhados pelo engenheiro agrônomo e

pesquisador, Eduardo Ocampo, do Inta de Colorado. "O nosso objetivo, assinala o técnico argentino, foi avaliar o nível de adaptação destas cultivares nas condições de solo e clima da região de Formosa e também conhecer o potencial de rendimento de cada uma delas.

Mas apesar dos excelentes resultados obtidos em solo argentino, algumas variedades, principalmente aquelas de ciclo mais longo, como a Santa Rosa e a Dourados, apresentaram problemas de acamamento. Outras, também de ciclo longo, não se adaptaram muito bem ao ambiente, "apresentando, inclusive, problemas de retenção foliar", assinala Aírton. Foram registrados, ainda, problemas com intenso ataque de percevejo, "que exigiram dois controles" e com ervas daninhas. Formosa é uma região que se caracteriza por apresentar sérios problemas com ervas daninhas, principalmente do sorgo alepense — a macega braba — e o cíperos rotundos — a tiritica.

## Atenção, triticultor!

Pequena amostra dos estragos da Helminthosporiose:

10% = 18kg

Cada 1% das Folhas Bandeiras atingidas por mancha foliar maior que 1 milímetro — num hectare — corresponde um prejuízo de 18 kg de grãos (\*).

(\* Dr. Erlei Melo Reis - Eng. Agr. M. Sc. Ph.D. Fitopatologista (Trabalho realizado em Triticale).

## MERCADO EXTERNO



Quem esperava que a "perestroika" fosse a porta de entrada da soja para a URSS ou Países do Leste Europeu, deve andar amargando uma leve frustração. O volume de produto importado ano passado pela URSS mostra que, por enquanto, não existem motivos para grandes euforias. O processo de abertura econômica não está muito adiantado.

### URSS E PAÍSES DO LESTE

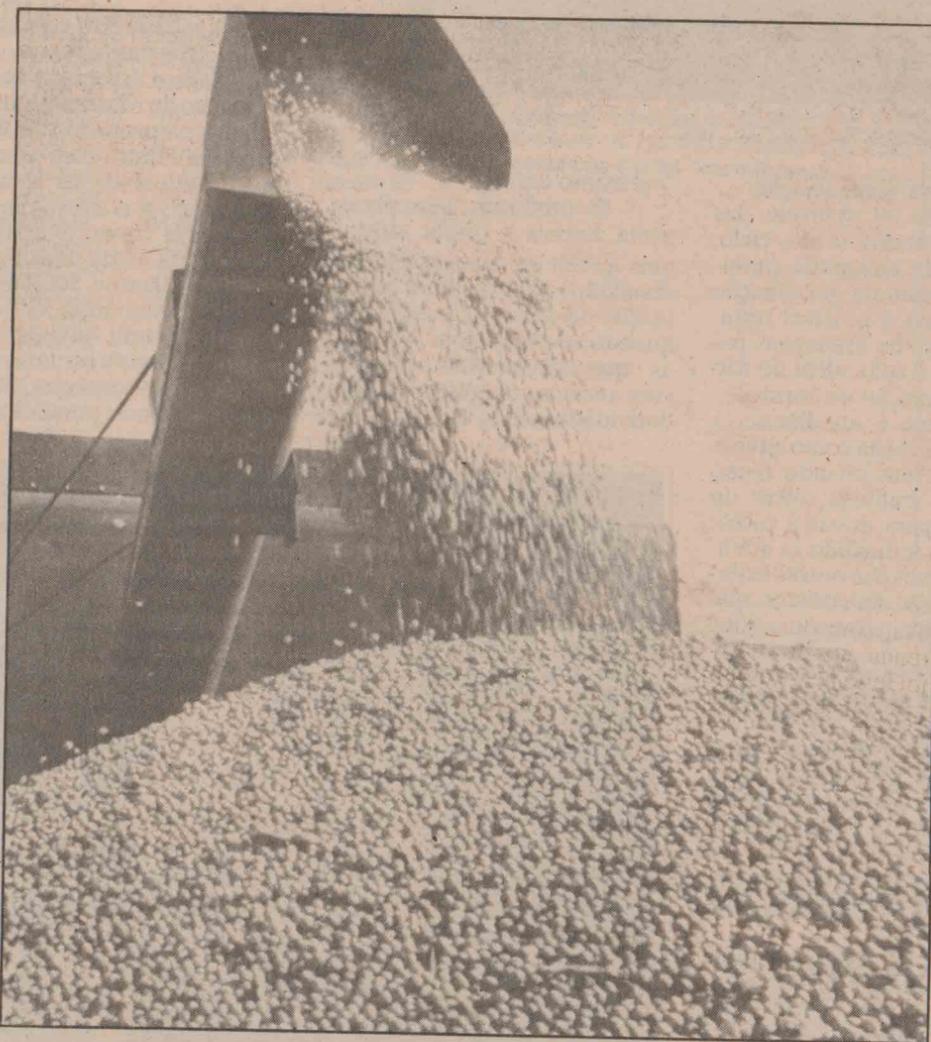
# Mercados indefinidos

Argemiro Luís Brum - Montpellier - França

Por ocasião do Fórum da Soja promovido pelo jornal "O Interior", em colaboração com a Fecotrig, no dia 23 de maio passado, tive a oportunidade de colocar algumas idéias sobre as tendências do mercado da URSS e dos chamados Países do Leste. Na ocasião afirmei que pessoalmente não estava muito otimista quanto ao potencial de consumo de soja que estaria se abrindo naqueles países em função da "perestroika". Na verdade, chama-me a atenção o fato de que, passados quase quatro anos de "perestroika", a situação no Leste Europeu mostra cada vez mais que o processo de abertura está difícil, não oferecendo, por enquanto, motivos para grandes euforias sob o ponto de vista de quem exporta soja para aquela região. A análise que realizamos neste artigo confirma esta nossa preocupação.

**1. UM MERCADO IMPORTADOR, PORÉM...** De um lado temos a URSS, que é importadora de soja. A julgar pela tabela nº 1, publicada na página ao lado, suas importações se concentram sobretudo no farelo e muito pouco no grão de soja. Em 1989 as importações de grãos de soja ficaram em apenas 800 mil toneladas contra 1,4 milhão de toneladas em 1988. De fato, com exceção do ano de 1986, quando as importações de grãos atingiram 2,0 milhões de toneladas, a história soviética no que tange as importações deste produto nos últimos 12 anos é de uma extrema estabilidade. Em outras palavras, a "perestroika", iniciada em 1987, não tem modificado a demanda soviética por grãos de soja. Entretanto, no que tange ao farelo, o novo período soviético é muito mais promissor. Como a tabela nº 1 nos indica, as importações de farelo de soja por parte da URSS, que eram pequenas, exceção feita ao ano de 1983, cresceram significativamente a partir de 1987 para alcançar um recorde de 3,9 milhões de toneladas em 1989. A julgar pela tendência apresentada nos primeiros três meses do ano em curso, tais importações deverão se estabilizar já que as mesmas ficaram em 1,3 milhão de toneladas entre janeiro e março, isto é, no mesmo volume de igual período do ano passado.

De outro lado, temos os chamados Países do Leste (Bulgária, RDA, Hungria, Romênia, Polônia e Tchecoslováquia), cuja situação é diferente em relação a URSS. Suas importações de grãos são fracas, tendo atingido 320 mil toneladas em 1989 após terem alcançado 920 mil em 1987. Por sua vez, a produção interna de soja (750 mil toneladas no ano passado) abastece em boa parte a demanda da indústria local de trituração que esmagou 1,1 milhão de toneladas em 1989, fato que a conserva dentro de uma regularidade impressionante nestes últimos 12 anos, pois a mesma se manteve entre 1,0 e 1,5 milhão de toneladas no período. Quanto



A URSS importou, em 1989, apenas 800 mil toneladas de grãos de soja...  
... contra 1,4 milhão de toneladas em 1988

as importações de farelo, as mesmas são bem mais significativas! Em 1989 os Países do Leste importaram 3,2 milhões de toneladas de farelo de soja. Entretanto, como a tabela nº 2 nos indica, tais importações estão estagnadas nestes níveis desde 1982. Além disso, é importante notar que entre 1980 e 1981 as mesmas ultrapassaram os 4,0 milhões de toneladas o que significa dizer que elas se reduziram nos anos seguintes.

Constatamos assim que a realidade do mercado da URSS e dos Países do Leste nestes últimos 12 anos (incluindo aí mais de 3 anos de "perestroika") não nos permite muita euforia, exceção feita às importações soviéticas de farelo de soja.

**2 - OS SOVIÉTICOS VISAM A INDEPENDÊNCIA ALIMENTAR** - A "perestroika" visa proporcionar uma abertura política a fim de proporcionar um clima propício a mudanças radicais a nível econômico. A tal ponto que o objetivo é transformar a economia socialista em economia de mercado no mais puro sentido liberal.

Dentro deste contexto, fica eviden-

te que o fracasso da "perestroika" significará um recuo nas reformas econômicas e um possível retorno a situação vivida antes de Gorbachev. Com o agravante que a URSS hoje está com sérias dificuldades de caixa, fato que colocará entraves enormes para a realização de suas importações. É, um fracasso significa retirada do apoio econômico do ocidente, ao menos a curto prazo, como foi o caso da China Continental por ocasião dos fatos ocorridos em junho de 1989 na praça Tiananmen.

No que tange ao problema de caixa, cabe ressaltar que, segundo as últimas informações divulgadas na Europa, a inadimplência soviética frente às suas importações já alcança hoje, no total, a cerca de 3 bilhões de dólares. Ao mesmo tempo a dívida externa vem crescendo rapidamente tendo aumentado em 15 por cento no ano passado, chegando a 48 bilhões de dólares em 1989 (ela havia ficado estável entre 1982 e 1987).

Para agravar esta situação, os dois principais produtos de exportação soviéticos, o petróleo e o ouro, vêm sofrendo sérios problemas de queda em suas

cotações internacionais. No caso do petróleo, além dos baixos preços internacionais, sabe-se hoje que a produção soviética caiu em 10 por cento em 1989 devendo cair ainda mais em 1990 (12,27 milhões de barris/dia contra 13,8 milhões em 1989 e 12,8 milhões em 1988). Isto se deve a três fatores: o envelhecimento dos poços de petróleo, a questão estrutural de produção e os movimentos sociais dos últimos anos; e as lutas étnicas nas diferentes repúblicas soviéticas.

Quanto ao ouro, suas cotações internacionais caíram, em meados do ano passado, para 353,50 dólares por onça (31,1 gramas), atingindo assim o nível mais baixo nos últimos 10 anos. Por trás desta queda existem, paradoxalmente, as vendas de ouro realizadas pela própria URSS. Em meados de junho informava-se que já haviam atingido 220 toneladas desde o início do ano de 1990. O volume de todo o ano de 1989 é mais interessante é que tais vendas tecem através de um metal mais antigo. Isto significaria que os soviéticos estariam utilizando seus estoques de ouro, avaliados em 2.500 toneladas. Ao mesmo tempo, sabe-se que a URSS está fazendo empréstimos no exterior e oferecendo como garantia o ouro. Consta que entre 200 a 300 toneladas de metal já foram assim comercializadas. Como a tendência é de um bom volume deste total ser realizado realmente, os preços tendem a manter baixos para o futuro.

Já um sucesso da "perestroika" exigirá, a curto prazo, um aumento das importações de alimentos por parte da URSS. Entretanto, a médio e longo prazo tudo indica que a produção agrícola soviética crescerá graças ao aumento da produtividade e aos novos investimentos que nela serão realizados.

Afinal, o objetivo soviético de atingir até a metade da atual década suas necessidades alimentares, não acreditamos que o mesmo seja alcançado.

Pelo sim ou pelo não, o futuro dentro deste contexto, não pode ignorar os hoje considerados como progressos do setor agrícola alcançados na segunda metade da década de 80. Apesar de modestos, possibilitaram a diminuição das importações médias de 50 milhões de toneladas de grãos para 30 a 40 milhões.

No que tange as oleaginosas, as mesmas deverão continuar sendo produzidas nos próximos anos, pois o desenvolvimento da produção animal tende a aumentar o abastecimento de carne e tende a crescer. Assim, no próximo ano os volumes importados pelo país com oleaginosas estagnariam nos últimos anos.



FRIGORÍFICO/DOM PEDRITO

# Um trunfo nas mãos dos pecuaristas

Coordenador da Comissão da Carne, Valter José Pötter, explica porque a Regional Dom Pedrito antecipou início da entressafra de abates

A unidade frigorífica da Regional Cotrijuí em Dom Pedrito esteve paralisada por 30 dias, para reparos de rotina nas instalações, antecipando-se, assim, à entressafra. No período, os empregados gozaram férias coletivas, sem prejuízo de seus salários.

A antecipação da entressafra, neste ano, ao ser decidida, foi explicada pelo coordenador da Comissão da Carne junto à Regional, médico-veterinário Valter José Pötter. Ele disse, na ocasião, que a posição do frigorífico, hoje, é a mesma em termos econômicos, do final do mês de março do ano passado. Porém, salientou que a Regional veio de um balanço negativo em 1989, contabilizando um prejuízo da ordem de Cr\$ 5 milhões na unidade frigorífica.

A seguir, disse, tivemos um primeiro trimestre com pequeno volume de abates, consequência de uma seca que se prolongou até o final de fevereiro. Em março, graças a um esforço conjunto da direção da Regional e associados, criada a Comissão da Carne, foram feitas várias reuniões, refletindo-se no aumento de entrega de gado para abate. Com o melhor desempenho operacional, houve equilíbrio financeiro, porém, ainda não o suficiente para amenizar prejuízos acumulados do passado.

**RESULTADOS APERTADOS** - Mas Valter José adverte que a atividade do frigorífico em si, é singular, não proporcionando grandes resultados de lucro. Aliás, é bastante apertada a margem de atuação, especialmente para uma cooperativa, que contabiliza a totalidade dos custos operacionais além dos compromissos com fisco, o que nem sempre ocorre com marchantes e pequenos abatedores.

Se levarmos em conta esse item - que é o mais importante - ressalta o empresário, chegaremos à conclusão de que é muito difícil administrar esse importante setor. Porque o que acontece com as cooperativas é que elas não têm o poder de fazer o preço da matéria-prima, pois é o mercado que os regula. O mesmo acontece com o mercado do boi vivo. Por consequência, as cooperativas e grandes frigoríficos se vêem obrigados a buscar mercados cada vez melhores. A partir daí desenvolve-se uma competição que é muito salutar a nível de produtor, mas que ocasiona uma situação cada vez mais difícil para as cooperativas.

**A TRANSPARÊNCIA DA COOPERATIVA** - Valter José Pötter coloca a seguinte questão. Por que o mercado pode pagar mais do que as cooperativas conseguem remunerar o produtor? E responde:

"Existem variáveis de mercado, que outras empresas que trabalham na área frigorífica possuem e as cooperativas não. A exportação, por exemplo. No caso da Cotrijuí é sabido que a planta frigorífica não é autorizada a exportar para outros países, especialmente do chamado Primeiro Mundo, aonde a carne vale mais. Há também outra variável muito importante: a tributação

Walter Pötter



fiscal.

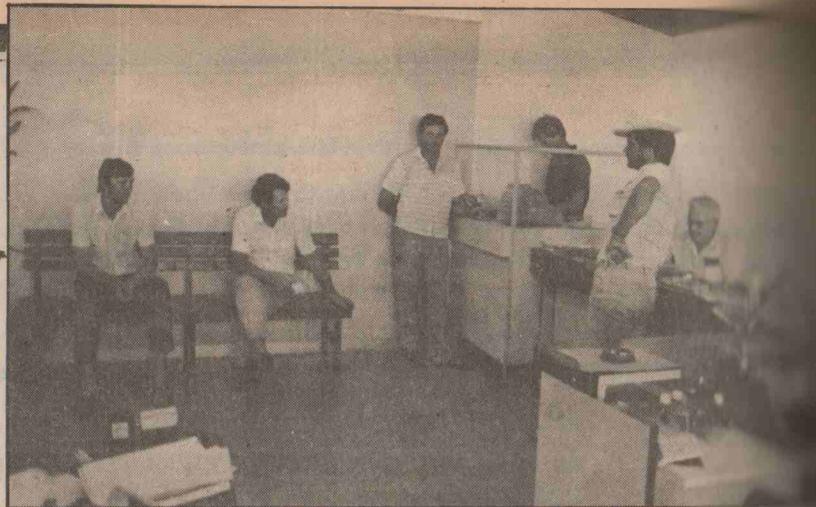
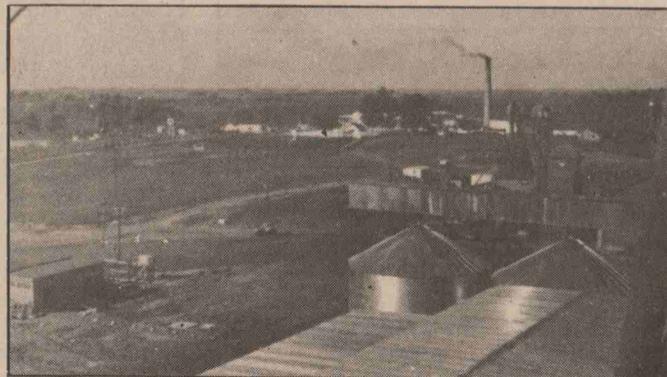
As cooperativas, em especial a Cotrijuí, pagam religiosamente todos os tributos. Isso, naturalmente, reduz a margem de lucro. Sabe-se que há abatedouros - frigoríficos, marchantes, que conseguem pagar mais pelo quilo do gado em pé. Mas nem sempre é da venda dessa carne que eles viabilizam os negócios. Quase sempre existem prolongamentos de atividades que acabam redundando em reforços de economia financeira. Quanto a cooperativa, só a presença dela junto ao produtor é garantia de tranquilidade para produzir. No entanto, essa presença tem um custo. E outro custo - ao qual nem sempre são penalizados os marchantes particulares - é o da tributação total. Na cooperativa tudo é transparente, diz Valter José. Todos os custos são integralmente contabilizados e cumpridos.

**O MERCADO DE CARNES** - Se considerarmos a Cotrijuí Regional Dom Pedrito como uma empresa só, constatamos que seus resultados são positivos, diz o empresário. Está aí o balanço do exercício de 1989 para provar isso.

Outra variável utilizada por algumas empresas do ramo é a inadimplência. Quantas falências e concordatas assistimos a cada ano, de empresas que trabalham com carne, e deixam os produtores em prejuízo? Nós, pessoalmente, consideramos que os produtores devem sempre prestigiar suas respectivas cooperativas, até como fator de legítima defesa de seus interesses.

A carne configura um mercado instável, duvidoso, sem muitas garantias. Quanto ao frigorífico, é evidente que vem deixando a desejar. Mas nos compartilhamos da idéia da administração da Regional, de que é preciso melhorar seu desempenho. É um patrimônio nosso e também nossa garantia de que com ele em funcionamento, teremos um trunfo na mão até para melhorar o preço de nosso gado, enfatizou Valter José.

Frigorífico de Dom Pedrito Abates estão recomeçando



A Credipel atua em Augusto Pestana, Jóia e Ijuí. Seu quadro social está formado por 2.572 agricultores

CREDIPEL

## Há 65 anos ao lado dos produtores da região

A Cooperativa de Crédito Rural Pestanense Ltda, a Credipel, de no município de Augusto Pestana, foi fundada em 21 de maio de 1924 e teve como base o sistema Raiffeisen. É uma das poucas cooperativas de crédito no Estado que teve a sua origem nas antigas Caixas Rurais. Acredita-se que a cooperativa de crédito de Augusto Pestana só permaneceu em função da sua luta, perseverança e confiança do agricultor da região.

Além do município de Augusto Pestana, a Credipel atuou em Jóia, congregando, ao todo, 2.572 associados representados por um Conselho de Administração e um Conselho Fiscal. O quadro funcional está formado por 21 pessoas que realizam atividades técnicas, administrativas e contábeis nos diversos níveis da estrutura organizacional.

Ao longo de seus 15 anos de existência, a Credipel passou por várias dificuldades. Mas, nestes últimos anos deu uma virada de mesa na situação, movendo uma reestruturação interna organizacional, "empreendimento necessário para assegurar à cooperativa a estabilidade econômica e a manutenção do quadro social", observa Iolanda. Num segundo momento, ela procurou reestruturar-se no plano financeiro, de forma que pudesse atender às necessidades de seus associados. Essa reestruturação já mostrou resultados. No ano passado, por exemplo, apesar da estabilidade política e econômica do país, a Credipel encerrou seu exercício com um resultado positivo inesperável, "conforme os associados puderam constatar durante a Assembleia Geral realizada no dia 19 de março deste ano", recorda a comunicadora.

**SERVIÇOS PRESTADOS** - O Plano Brasil Novo trouxe momentos importantes na vida das cooperativas de crédito rural. Mas é de responsabilidade da cooperativa alocar recursos financeiros e materiais para o cumprimento de suas atividades, atuando de forma economicamente racional e competitiva, "visando corresponder de forma positiva às necessidades de seus associados", observa Darlan Pedro Bellarmino, gerente da Credipel. "A Credipel, assim como todas as demais cooperativas, reforça o gerente, vem desempenhando no sentido de poder atender a todas as necessidades de seu quadro social. E cita como exemplo o caso da compensação de cheques e ressarcimentos de recursos, fruto de um convênio assinado com o Banco do Brasil.

Além disso, a cooperativa continua oferecendo aos seus associados serviços tradicionais, como cheque especial, aplicações financeiras, poupança, empréstimos pessoais com taxas abaixo do mercado, investimentos em equipamentos das contas de luz e telefone rural, crédito em conta corrente dos valores do leite, entre outros.

**PERSPECTIVAS FUTURAS** - Os diretores Bruno Van Der Sand, Ernão Der e Horst Walter Schünemann, apontam como prioridade para o futuro a necessidade da cooperativa tornar-se uma instituição eficientemente administrada como empresa financeira e, como associação de pessoas, mais participativa. Essa participação, segundo os diretores, deve vir através da participação do quadro social, "onde os associados sejam permanentemente consultados e informados sobre as decisões prioritárias de sua cooperativa".

Apesar do cooperativismo brasileiro ter conquistado na Constituição sua autonomia em relação ao Estado, "um significativo marco na sua história", apontam a necessidade de cada cooperado prosseguir nessa conquista de esforços em torno de um ideal que se propõe corrigir os desequilíbrios sociais e econômicos deste país.



COTRIEXPORT  
CORRETORA DE  
SEGUROS LTDA

PARA SEGUROS DE: INCÊNDIO  
VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES  
RESIDÊNCIAS E OUTROS  
Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513  
332-2400 - ramal 364  
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos  
3º andar - fone 28-31-55

# Vendas muito tímidas

considera muito importante, e conveniente, que não se perca de vista aquela região, cujas potencialidades são imensas e tendem, provavelmente, a receber um ainda maior alento com as mudanças que ocorrem no bojo de suas economias. O presidente soviético já marcou para os primeiros dias de janeiro a data para dar início a nova fase das relações comerciais da União Soviética com o resto do mundo, quando seguirá os valores de merca-

do e adotará moedas fortes em suas transações. Isso quer dizer que a URSS, que sempre foi um grande consumidor de produtos do mundo capitalista, principalmente produtos primários, vai continuar sendo um parceiro de respeito. Mas se por qualquer razão isso não se confirmar, então a tendência que vislumbro é que o mercado da soja continue a manter-se calmo, prevê o Treiguer. **INCENTIVOS AGRICOLAS** - De qualquer modo, é sabido

que a produção interna dos países que compõem a área jurídica do MCE tende a manter-se num bom nível, visto que os incentivos que recebem dos respectivos governos, é um forte estímulo para prosseguir na agropecuária. Mas é claro, sempre haverá espaço para produtos oriundos do Terceiro Mundo, principalmente se os preços forem competitivos. Treiguer pede atenção para Portugal, por considerar que é propício para

que, através dele, nos mantenhamos mais próximos da Europa. A França é outro mercado de singular importância, principalmente pela facilidade de um intercâmbio que pode se tornar cada vez mais dinâmico, através das cooperativas. E nesse sentido, podemos dizer que já estamos lá, porque a Cotrijuí mantém um relacionamento muito afetuosos com as cooperativas francesas, em especial a La Cana - Centrale Cooperative.

## nova linha de secadores KW

KW 115/R - KW 215/R  
KW 315/R - KW 330/R

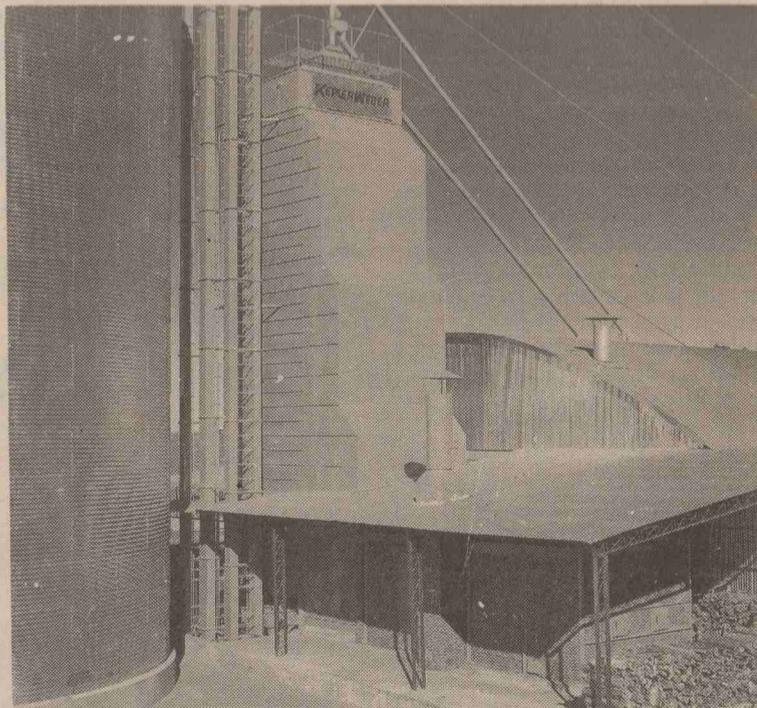
# secam mais, sem enxugar suas reservas.

Os secadores de cereais que compõem a Nova Linha KW, foram projetados e desenvolvidos à semelhança dos demais. Porém, com inovações muito importantes, que fazem deles secadores indispensáveis em suas instala-

ções de armazenagem. Secam 20/40/60 ou 100 toneladas de grãos por hora, com mais segurança e menos despesas. Pois, nesta Nova Linha de secadores KW, o que é menos vale mais. Veja alguns itens:

- MENOS poluição, MAIS reserva de ar respirável.
- MENOS potência instalada, MAIS reserva de energia.
- MENOS consumo de combustível, MAIS reservas naturais.
- MENOS espaço físico para instalações, MAIS opções de lay-out.
- MENOS custo final, MAIS dinheiro em sua conta.

Equipe suas instalações de armazenagem com os novos secadores KW e descubra todas as boas surpresas que esta linha lhe reserva.



OS SECADORES DA NOVA LINHA KEPLER WEBER PODEM SER ADQUIRIDOS PELO CONSÓRCIO.

## KEPLERWEBER SUA SAFRA MERECE ESTA MARCA

• Panambi/RS: Fone (055) 375-2322 • Porto Alegre/RS: Fone (0512) 41-1044 • Curitiba/PR: Fone (041) 253-6606 • São Paulo/SP: Fone (011) 288-2122 • Campo Grande/MS: Fone (067) 382-3013 • Cuiabá/MT: Fones (065) 322-0382, 322-0302 e 322-0396 • Goiânia/GO: Fone (062) 241-2041.

SONDER

Coordenação: João Carlos Schiffer — méd. veterinário  
Alaor José Daltozo — tecnólogo em cooperativismo



Jarbas Sperotto, Mauri Porazzi e Lauri Seifert  
Dois meses de convívio com agricultores franceses

## O segredo dos franceses: tecnologia e gerenciamento

*Troca de experiências. O objetivo que levou um grupo de agricultores brasileiros até a França, em estágio de dois meses*

Uma agricultura desenvolvida, altamente técnica e produtiva. A constatação é dos três agricultores da região, Lauri Rogério Seifert, de Ijuí, Jarbas Sperotto, de Santo Augusto e de Mauri Porazzi, de Ajuricaba e refere-se ao tipo de agricultura praticada na França. Lauri, Jarbas e Mauri e mais outros nove agricultores brasileiros de outros Estados, estiveram realizando, no período de maio a junho, estágio em cooperativas e propriedades rurais francesas. O estágio dos jovens agricultores associados da Cotrijuí na Pioneira e desenvolvido junto a Cooperativa de La Canã, fez parte do Programa Franco-Brasileiro de Cooperativas e contou com o apoio da Confederação Francesa de Cooperativas Agrícolas e da Organização das Cooperativas Brasileiras.

A organização da agricultura, segundo pode perceber Jarbas Sperotto, está diretamente relacionada com a própria organização econômica do país. "Por ser um país organizado em todos os setores, a agricultura também aparece organizada de maneira surpreendente", diz Jarbas destacando a existência de uma política agrícola definida para o setor, capaz de garantir preços compensadores e mercado para a produção.

O nível tecnológico empregado na atividade agropecuária foi outro ponto surpreendente para os agricultores brasileiros. "Na França se investe muito dinheiro em pesquisa", observou Mauri Porazzi. O agricultor aceita pagar impostos porque sabe que esses impostos vão retornar em forma de benefícios", completa Lauri, citando a produtividade do trigo, que em algumas lavouras chegam a média de 10 mil quilos por hectare, como exemplo dessa disposição do agricultor francês de investir em tecnologia e buscar melhores resultados. "Atrás dessa tecnologia, observa Jarbas Sperotto, encontra-se a pesquisa".

**ORGANIZAÇÃO** - A organização da agricultura, segundo constataram os três brasileiros, se reflete na forma de

organização dos produtores. "O governo francês não está preocupado com o êxodo rural, porque, de qualquer forma, a produção continua aumentando", destaca Jarbas. De 1980 para cá, a população rural reduziu em 5 por cento, mas a produção continuou crescendo "porque os agricultores continuaram investindo em tecnologia, sempre buscando melhores produtividades".

Mas é através da organização que os produtores conseguem ser atendidos pelo governo. Um exemplo de organização e de força política aconteceu por ocasião de uma corrida internacional de ciclismo. Tentando negociar melhores preços para seus produtos, os agricultores interromperam a corrida jogando esterco de ovelha na estrada. "No outro dia o governo recebeu, em audiência, os agricultores", informou Jarbas. Outro episódio assistido pelos agricultores da região estava relacionado com a produção de leite. Descontente com a sua cota de produção de leite, um outro agricultor levou cinco vacas para a porta do Museu Louvre, "e também foi recebido pelo governo para discutir a sua situação".

**LIÇÃO** - O estágio pela La Canã e por várias propriedades rurais francesas, deixou uma lição aos agricultores brasileiros: é preciso investir no aumento da produtividade, tentando buscar, sempre, uma especialização na atividade. "Nada se produz com mágica. Mas precisamos nos conscientizar de que temos de nos especializar em determinada atividade, seja pecuária de leite ou suinocultura", observou Jarbas. Para Mauri Porazzi, essa especialização é que vai determinar um aumento da produtividade. "As propriedades dos agricultores franceses não são sofisticadas. Vimos estábulos construídos com tocos de eucaliptos. Só que eles investem em alimentação e é aí que está o segredo, a garantia de uma melhor produtividade", assegurou, certo de que essa é uma boa lição tirada da agricultura francesa.

### PREÇOS DO LEITE

Os preços do leite, que desde o último dia 9 de março não tiveram nenhum aumento, tiveram dois reajustes, um de 10 por cento em 28 de agosto e outro de também de 10 por cento no último dia 7 de agosto, totalizando um acumulado de 21 por cento desde a decretação do Plano de Estabilização Econômica da Nova República. Estes preços, que ficaram muito aquém dos custos de produção, que em final de julho já assinalaram um custo de produção a nível de produtor, está gerando grande descontentamento entre os produtores que vêem seus custos aumentarem quase que diariamente. Os preços são os seguintes: leite tipo consumo, 17,87; leite tipo indústria, 14,11; leite excesso, até 20 por cento, Cr\$ 16,07; acima, Cr\$ 14,11 leite ao consumidor, Cr\$ 29,30.

### MANEJO DE SILAGEM

Para se conduzir uma ensilagem, o tempo de duração é de 21 dias, quando se depois a estabilidade ou dormência. A partir daí, para o uso da aveia, já poderão ser abertos os silos para fornecimento aos animais.

A silagem para as vacas de leite, se recomenda que se trate os animais logo após a ordenha, ou se for necessário, no mínimo três horas antes da ordenha, para evitar que esta transmita cheiro ao leite. O consumo da silagem pode ser facilitado pela adição de um pouco de sal ou mel.

Quando se vai fornecer silagem, deve-se retirar dos cochos as sobras do trato anterior. Se houver sobras de silagem nos cochos, o produtor deverá regular a quantidade. A quantidade de silagem que o animal come não deverá exceder a 50 ou 60 por cento da necessidade diária de matéria seca consumida pela vaca em produção.

O emprego de silagem, feno, pastos e concentrados permitem obter uma ração de elevada eficiência na produção de leite. O feno de alfafa é o melhor complemento para a silagem, vindo a seguir os trevos e leguminosas gramíneas, mas das leguminosas é o melhor.

### LEITE - REFRIGERAÇÃO

A qualidade do leite não melhora mediante a refrigeração, porém mantém a qualidade inicial, desde que seja feita rapidamente após a ordenha. Recomenda-se que o leite alcance a temperatura de 4°C duas horas após a ordenha e que fique nesta faixa de temperatura até o momento da pasteurização, para chegar ao consumidor a uma temperatura tolerável pela legislação federal em 10°C no momento da comercialização.

Sendo o leite um alimento nutritivo, também serve de alimento para uma série de microrganismos que em contato com ele, mais a temperatura ambiente, se multiplicam e dessa forma facilitam a acidificação. Quando resfriado o leite reduz a multiplicação destas colônias de bactérias, impedindo dessa maneira a sua acidificação.

Basicamente existem três tipos de resfriadores que podem ser utilizados conforme o tamanho da produção: de imersão, de placas ou de expansão.

Os tanques de imersão se adaptam às pequenas propriedades e utilizam a água como condutor de frio, e o leite fica nos tarros comuns. No segundo caso, também é utilizada a água que fica nos espaços separados por placas e alternados por espaços ocupados por leite. No último caso, o resfriamento é feito através das paredes de aço do tanque.

A importância do resfriamento, além de estar diretamente ligada à manutenção da qualidade do produto, está também ligada à economia na produção, uma vez que durante o verão que se aproxima, os investimentos em resfriadores feitos pelos associados são pagos em pouco tempo, e dessa forma evita a condenação do leite por alta acidez, desde que se observem as práticas normais de higiene do leite.

### EXPOINTER

A partir do próximo dia 25, até dia 30 de agosto, estará ocorrendo o Expointer deste ano. Aos produtores de leite fica o alerta para que busquem se organizar com vistas a participação de excursões que estejam sendo organizadas em suas unidades. Sempre com boas amostras em gado de leite, está aí uma boa oportunidade de os produtores que estão na atividade de leite poderem se atualizar.

### TROCA DE FORRAGEIRAS E ADUBO POR LEITE

Os produtores de leite da Cotrijuí foram beneficiados por um novo programa de troca, que contou com a participação da Cotrijuí, CCGL, e produtores de leite. Foram entregues, entre os dias 6 e 12 de agosto, forrageiras de milho e adubo para pagamento em leite. O volume total de leite contratado pelo produtor será dividido em três parcelas, que serão pagas em 20 de setembro, 20 de outubro e 20 de novembro.

### FINANCIAMENTO DE TERNELEITE

O programa de financiamento de terneleite, iniciado em abril, está encerrando no dia 31 de agosto. Com seis meses de carência e pagamentos nos sétimo e oitavo mês, o programa de terneleite propiciou aos produtores de leite um maior volume de entrega do produto durante os meses de maior produção de cotas.

### LEITE EXCESSO

Conforme decisão da última reunião do Conselho de Administração da CCGL, realizada dia 10 de agosto, ficou decidido que para o mês de setembro ainda não haverá aplicação do leite excesso.

### A mastite em discussão

Estas vacas, embora não manifestem a doença, são animais enfermos, que albergam microrganismos no úbere, capazes de serem transmitidos a outros animais. Quando não existe a manifestação da doença, chama-se mastite subclínica. Ela reduz em 25 por cento a qualidade e a quantidade do leite

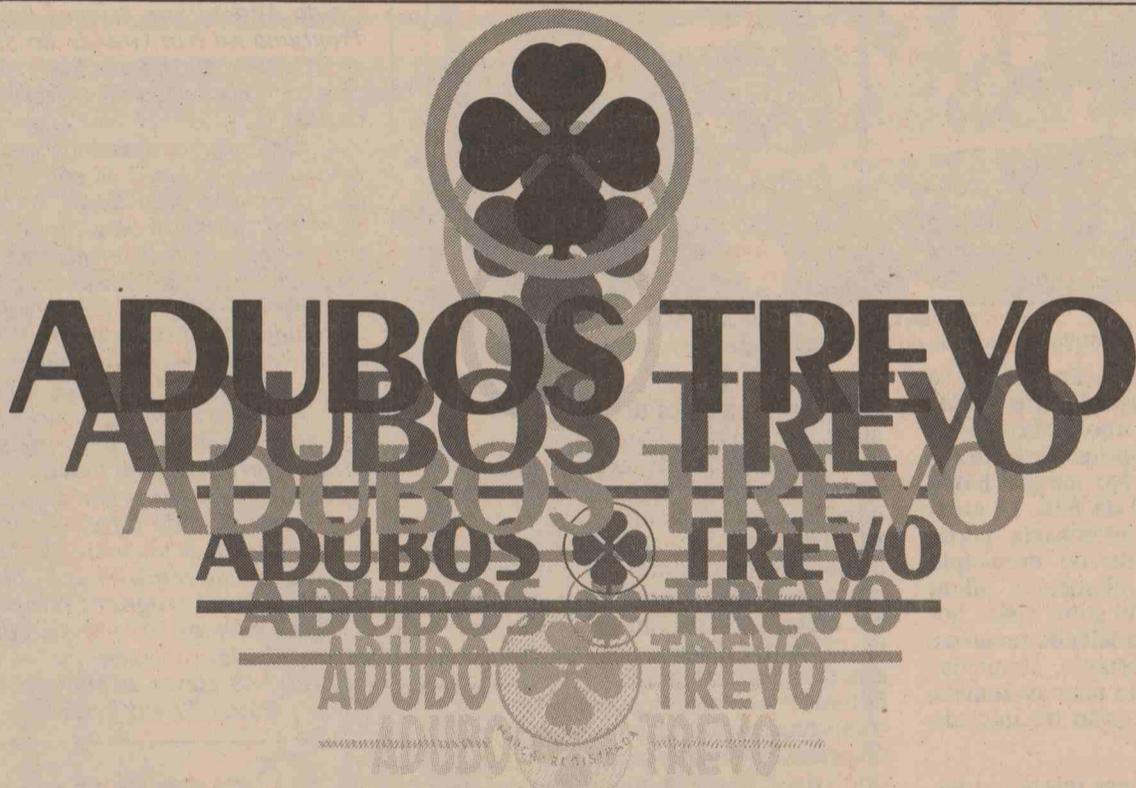
produzido pelo animal, embora não ocorram manifestações no seu aspecto.

Por ser de difícil observação, afeta muitos animais sem que o produtor perceba. Alguns autores consideram que uma em cada três vacas do rebanho leiteiro esteja infectada, provocando diminuição total

ou parcial do leite. "Através de métodos de prevenção poderia-se reduzir muito este índice, assinala Ivone, para quem esta situação não só elevaria a produção de leite como também a saúde do rebanho.

Procurando esclarecer melhor os produtores em relação a mastite, o departamento

técnico da Cotrijuí estará promovendo, de 21 de agosto a 30 de setembro, cursos falando sobre evidências, tratamento e redução da incidência da doença. Os cursos acontecerão nas comunidades do interior de Ijuí e as datas serão divulgadas através dos programas de rádio e dos freiteiros.

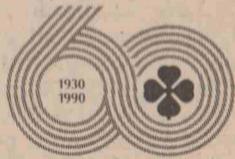


## Há 6 décadas trabalhando por uma maior produtividade na nossa agricultura.

Desde 1930, o trevo de quatro folhas tornou-se um símbolo de qualidade e confiança na agricultura. A tal ponto, que, hoje, ADUBOS TREVO S.A. é o maior fornecedor de fertilizantes e corretivos de solo do Brasil.

Essa liderança nacional é o resultado dos muitos anos de trabalho sério, investimentos de porte, pesquisa permanente de novas e melhores alternativas para solucionar os problemas do solo e do homem do campo.

Por isso tudo, ao completar 60 anos, ADUBOS TREVO se orgulha de ser uma empresa jovem, que associa confiabilidade, fruto da tradição de uma marca forte, a um processo de modernização tecnológica, que se traduz em segurança e maior produtividade para quem planta.



Segurança para quem planta.



O Programa Estadual de Microbacias não tem recebido a merecida atenção de parte de quem o considera ação prioritária: o governo. Os recursos aplicados nos projetos têm sido insuficientes e nem mesmo a microbacia piloto está em condições de representar um modelo para as demais. Os maiores investimentos têm sido feitos pelos agricultores

**MICROBACIAS**

**Poucos recursos**

Vontade política existe, mas os recursos estão escassos. Essa a tônica das discussões entre os pesquisadores, técnicos e extensionistas presentes à reunião da Comissão Estadual de Microbacias, referindo-se a situação em que se encontram os projetos iniciados e que, em sua maioria, tem tido muito mais a participação dos próprios agricultores do que do governo. No mesmo barco e navegando à mercê da falta de atenção, se encontra a microbacia piloto do Estado. Localizada no município de Vitor Graeff, a microbacia piloto do Rio Grande do Sul sofre ainda hoje as consequências da falta de recursos, não apresentando, portanto, condições de servir como modelo para as demais, apesar de sua implantação ter iniciado há dois anos atrás.



Na reunião da Comissão Estadual de Microbacias. A promessa de apoio do secretário da Agricultura, Marcos Palombini

As reclamações em relação a falta de recursos e de pessoal técnico para atuar junto aos projetos de microbacias, "uma prioridade eleita pelo próprio governo", aconteceu durante a Reunião da Comissão Estadual de Microbacias que aconteceu em Ijuí, no dia 3 de agosto, coordenada pelo Pró-Reitor de Extensão da Universidade de Ijuí, o professor Telmo Uriarte. A reunião aconteceu na Casa Típica do Centro Cultural Leto, localizado no Parque de Exposições Assis Brasil e integrou as festividades comemorativas ao Centenário do Município de Ijuí.

Além do Secretário da Agricultura, Marcos Palombini, o presidente da Comissão, de Vulmar Silveira Leite, presidente da Emater, também presentes representantes de outras entidades que integram o programa, como a Fecotri, a Ocergs, Embrapa, Banco do Brasil, Banrisul, as Universidades Federais do Rio Grande do Sul e de Santa

Maria, a Universidade de Ijuí, agricultores e representantes de prefeitos da região. A Comissão Estadual tem sob a sua responsabilidade a coordenação e a execução dos projetos de microbacias implantadas no Estado.

**LIMITADOS** - Ao fazer uma avaliação do andamento dos projetos de microbacias já implantados no Estado, o secretário executivo da Comissão, o agrônomo Tabajara Nunes Ferreira reforçou a necessidade da participação das prefeituras e dos próprios agricultores. "O comprometimento das prefeituras é indispensável para que os programas avancem", disse Ferreira advertindo de que os recursos do governo do Estado são limitados. "Os recursos que existem são suficientes apenas para que seja dado o primeiro passo", observou, criticando o governo federal, que até agora não liberou nenhuma verba para os projetos de microbacias.

O Governo do Estado está destinando, para o projeto de microbacias, Cr\$ 7,1 milhões. Este recurso visa o atendimento das necessidades de 103 municípios integrados no programa de microbacias. Mas 24 projetos já absorveram Cr\$ 5,6 milhões. Na região, foram investidos 1,5 milhão de BTN's no projeto de microbacias, sendo que 94,44 por cento deste volume representam recursos dos agricultores numa demonstração de que realmente acreditam na proposta. A Prefeitura Municipal participou com 3,43 por cento; o Estado com 1,33 por cento e o Governo Federal com apenas 0,57 por cento.

**A reclamação do produtor**

A falta de apoio oficial para a continuidade dos trabalhos de implantação de microbacias de Arroio Cipó foi o ponto alto da conversa dos agricultores do distrito de Floresta com o Secretário da Agricultura. Após o encerramento do Seminário de Citricultura, Marcos Palombini, acompanhado pelo presidente da Emater, Vulmar Silveira Leite, prefeito Valdir Heck e pelos demais integrantes da Comissão Estadual de Microbacias, visitou os projetos de Arroio Cipó, em Floresta e do Arroio Três Negrinhos, localizado na Linha 6 Oeste, Esquina Dutra.

Os agricultores do distrito de Floresta, liderados por Almir Bigolin, Eloi Sandro Copetti, Cláudio Eickoff e Juares da Rosa, colocaram a situação da microbacia de Arroio Cipó e criticaram

a falta de apoio oficial por parte do Governo Estadual, "o que tem impedido o avanço do projeto". Almir colocou a descapitalização dos agricultores como uma das razões que tem impedido maiores investimentos na microbacia. Além do apoio financeiro, os agricultores pediram a cedência de máquinas para que os trabalhos sejam realizados. O Secretário falou da deficiência do Estado em termos de maquinário, mas promete incluir Ijuí entre os municípios a terem máquinas cedida pelo Governo. Eles também querem mudas para o reflorestamento das propriedades envolvidas no projeto. "Mudas para reflorestamento tem de sobra no Estado", disse o Secretário, prometendo agilizar o envio de mudas para o município.

**FASE II DO PROGRAMA**

**Nova etapa**

"A Secretaria da agricultura procura caracterizar a importância do programa de Microbacias, fundamentalmente para que o Estado possa atingir seus objetivos como unidade produtora". A observação foi feita pelo Secretário da Agricultura, Marcos Palombini, durante o lançamento do Programa no Rio Grande do Sul ao final da reunião da Comissão Estadual de Microbacias. Para o Secretário, esta nova etapa do programa demonstra claramente a opção do Governo Estadual em relação aos projetos de microbacias.

Dentro dos objetivos do Estado, as microbacias devem se desenvolver em unidades capazes de congregar os produtores em todas as suas atividades, como conservação de solos, aumento de produtividade, diversificação das atividades agrícolas, meio ambiente, irrigação, entre outros. "A conservação do solo precisa ser alterada a curto prazo para não comprometer a sobrevivência dos agricultores", disse ainda Palombini prometendo intensificar o apoio aos projetos e, inclusive, cedendo máquinas do Departamento de Comando Mecanizado para as Prefeituras e agricultores interessados. "A meta é que os projetos de microbacias sejam adotados para reverter a situação atual do homem do campo."

A ausência do Governo Federal nos projetos de microbacias tem preocupado segundo o Secretário da Agricultura do Estado, com a questão das prioridades. "A prioridade do Governo, hoje, é combater a inflação", diz Palombini, "mas com os benefícios que a redução da inflação podem trazer aos agricultores, mas criticando a forma como ela vem sendo feita. "O Governo corre o risco de curar o paciente da inflação, mas pode matá-lo em consequência da dosagem de remédio aplicada", advertiu.

**AS METAS** - O programa atinge, atualmente, 103 municípios, onde foram desenvolvidos 161 projetos de microbacias hidrográficas. As 11.000 famílias envolvidas representam 221 mil hectares. Ainda para este ano, o programa pretende elevar o número de municípios para 150 e os projetos para 250, atingindo 20 mil famílias e uma área de 400 mil hectares.

**Consenso técnico**

"As microbacias representam hoje um consenso técnico na região, disse Rivaldo Dhein, agrônomo e pesquisador do Centro de Treinamento da Cotrijuí por ocasião da sua participação na Reunião da Comissão Estadual de Microbacias, destacando o pioneirismo do município em termos conservacionistas. Lembrou que ainda na década de 60, Ijuí criou a primeira Associação Conservacionista de Solos - a ACI - do país e, no início da década de 70 promoveu debates em torno do plantio direto. Em 1972, esta mesma ACI promoveu - com o patrocínio da Cotrijuí e da Imasa -, o primeiro Encontro Interdistrital de Práticas Mecanizadas para Conservação do Solo, onde o plantio direto foi o destaque.

Mas apesar do pioneirismo, o sistema não avançou como devia. Segundo Rivaldo, os fatores que contribuíram para o comprometimento do sistema na região, naquela ocasião, ficam por conta da presença de invasoras, da falta de equipamentos adequados e do uso de áreas inadequadas. "Por ser uma prática nova, os agricultores reservavam suas piores terras para o plantio direto",

observou, deixando claro que essa é uma das muitas práticas conservacionistas e que não pode ser considerada e nem dissociada do trabalho efetivo de microbacias.

Procurando demonstrar que o sistema de plantio direto precisa ser desenvolvido de um conjunto de medidas, entre estas o terraceamento, Rivaldo Dhein citou como exemplo os trabalhos de um trabalho realizado no município de Arroio Cipó. Este trabalho mostra que 95 por cento das perdas de solo podem ser evitadas unicamente com o plantio direto. As perdas de água, em caso de terraceamento, continuam sendo de 50 a 60 por cento. É a rugosidade superficial que impede quem vai reter esta água no solo. "o que o agricultor poderá obter com a adoção de um sistema de terraceamento que são, os benefícios apontados com a adoção desse conjunto de medidas: o plantio direto, cobertura do solo, terraceamento, entre outros - o pesquisador destacou a conservação de estradas, medida em que o processo se inverte. As águas passam a correr da estrada para a lavoura", assinalou.



Na microbacia de Arroio Cipó; a reclamação dos agricultores pela falta de apoio



# COTRIJORNAL

IJUÍ, AGOSTO DE 1990



## Caderno Técnico

# CULTURAS DE VERÃO

## Em busca da produtividade e do gerenciamento

Os preços dos produtos agrícolas, a situação do mercado, os elevados custos de produção e a escassez de dinheiro para investir na lavoura estão mudando o perfil da unidade produtiva. Hoje, mais do que nunca, a eficiência de poder tirar da terra alguma lucratividade ou até mesmo as mínimas condições de sobrevivência, está sendo deixada unicamente para ser administrada pelos próprios agricultores. Longe vai o tempo em que se produzia barato e se ganhava dinheiro com um mercado generoso. Hoje, a única luz que aparece no fundo do túnel se chama produtividade e gerenciamento. E quem não sair por esse caminho, corre o risco de ter de tomar um outro rumo na vida. E essa busca de uma maior produtividade não está resumida apenas a produção de grãos. No mesmo barco, a atividade animal.

Para complicar ainda mais a já tão complicada situação dos agricultores brasileiros, vem aí a tão falada integração do Cone Sul. Então, mais do que nunca, é hora de arrumar a casa e colocar a soja, o milho, o girassol, o leite e seus derivados e a carne bovina em condições de competir de igual para igual com os produtos argentinos, por exemplo. O Rio Grande do Sul vai ser a porta de entrada desses novos produtos que chegam ao Brasil em busca de um mercado sedento por qualidade. A conservação do solo é um outro desafio a ser incorporado ao sistema de produção de forma mais intensiva. O agricultor que realmente quiser aumentar a sua produtividade, vai ter que trabalhar muito em cima da manutenção e recuperação da fertilidade do seu solo. E isto só vai ocorrer quando ele conseguir eliminar a erosão das suas terras. "Terminar com a erosão já é uma forma de ganhar produtividade", costuma dizer o assessor da Diretoria Agrotécnica, o pesquisador João Miguel de Souza, apontando também a questão do gerenciamento da unidade produtiva como fundamental. O gerenciamento e a contabilidade agrícola — esta última tão falada no início dos anos 80 — é que vão ajudar o agricultor a melhor gerir a sua propriedade, racionalizando os custos de produção. Trabalhando com as contas na ponta do lápis, ele vai poder interferir no processo produtivo, tentando sempre um melhor desempenho para as suas atividades. Esses novos tempos estão a exigir essa nova postura e, cada vez mais o agricultor terá que saber o quanto custa plantar um hectare de soja, um hectare de milho ou quanto custa largar uma plantadeira na lavoura.

No meio deste caminho, a rotação de culturas a somar-se ao gerenciamento da unidade produtiva. É hora do produtor começar a combinar plantas de inverno com plantas de verão. Associar gramíneas com leguminosas. O resultado não está apenas na promoção da produção animal, mas vai aparecer também na recuperação dos solos. A diversidade de plantas ou a diversificação de culturas entra nesta questão de mão cheia. E, enquanto o governo não decide o destino dos agricultores brasileiros, os associados da Cotrijuí, podem, de qualquer forma, ir programando suas lavouras. À disposição, um leque de opções adequadas para serem cultivadas na região. Neste Caderno Técnico de Culturas de Verão as recomendações para a soja, o milho, o feijão, o arroz, o girassol e as forrageiras.

# SOJA

No que vai dar a próxima lavoura de soja, ninguém ainda se arrisca a profetizar. Envolto em "brumas" e em dívidas que ainda não foram saldadas, grande parte dos agricultores ainda não sabem que decisão tomar. Para continuar plantando é preciso dinheiro. E este, anda escasso. O tamanho da lavoura está nas mãos do novo governo. Mas de uma coisa ninguém mais duvida: o produtor vai ter que investir em produtividade, se quiser continuar no campo.



Soja: aumentar a produtividade e, uma questão de sobrevivência

## SEMENTE

### Tratamento é indispensável

"Para esta safra de verão é preciso considerar a semente de soja como um insumo estratégico, tendo em vista que mais da metade da produção de semente do Planalto do Rio Grande do Sul apresenta problemas com doenças". O alerta é do Supervisor da Área de Produção de Sementes da Cotrijuí/Pioneira, o engenheiro agrônomo Adão Acosta, preocupado com a qualidade da semente produzida no Estado, atacada, em sua maioria, pelas doenças *Cercospora*, *Fusarium* e *Phomopsis*.

Estas doenças detectadas nas sementes de soja produzidas neste verão — microrganismos patogênicos —, têm como causa o período chuvoso ocorrido durante a fase de maturação das variedades de todos os ciclos. "Além das doenças, que só são detectadas em laboratórios, as chuvas ocasionaram graves danos por unidade", explica melhor o agrônomo referindo-se aos problemas de enrugamento da semente e ao despreendimento do tegumento — casca. Nestas condições, a semente a campo poderá apresentar problemas de germinação ou de velocidade de emergência, "o que vai refletir no stand das lavouras, principalmente se a semeadura for realizada em solos com baixa temperatura, excesso ou falta de umidade" observa.

**TRATAMENTO DA SEMENTE** — É norma da Cotrijuí beneficiar apenas os melhores lotes de sementes. Só que neste ano, esse tipo de beneficiamento não é garantia de semente sadia e nem afasto a possibilidade de um replantio, "principalmente na época da semeadura o clima não ajudar", diz Acosta, apostando no tratamento da semente na forma do produtor garantir uma uniformidade na sua lavoura. "O tratamento da semente é que vai garantir a manutenção dos níveis de germinação e evitar a deterioração da semente no solo".

Os fungicidas recomendados para esse tratamento, segundo Acosta, são à base de Thiabendazole, Captan, Thiran entre outros. A dosagem recomendada deve ser misturada em 200 ml de água, quantidade suficiente para umedecer 50 quilos de semente. A inoculação deve ser feita logo após o tratamento. Acosta não recomenda a inoculação diretamente na caixa de semeadura. "Os fungicidas são agrotóxicos e como tal devem ser manejados", alerta sugerindo que sejam evitados, de qualquer forma, contatos diretos com o produto na pele ou a sua inalação. A recomendação é para que o produtor, ao manejar esses produtos, use luvas, avental e máscaras, "evitando o contato com o produto ou a ingestão de qualquer alimento ou bebida durante o tratamento das sementes".

**\* PREPARO DO SOLO**

No caso do plantio convencional, o preparo do solo fica por conta de uma aração ou subsolagem a uma profundidade de 17 a 20 centímetros e mais de duas passagens de nivelamento. Em caso de plantio direto, o procedimento é diferente, mas práticas adotadas anteriormente é que vão determinar, na verdade, o sucesso do sistema. O Airton de Jesus, engenheiro agrônomo da Cotrijuf, unidade de Ijuí, coloca em discussão uma série de questões que devem ser incorporadas à propriedade pelo produtor antes da adoção do sistema de plantio direto:

- identificação dos sulcos de erosão existentes no solo;
- conservação e manutenção do sistema de terraceamento;
- correção da acidez e fertilidade do solo;
- compactação do solo;
- distribuição, na colheita anterior, de forma uniforme, da resteva sobre o solo;
- aquisição ou adaptação de maquinários para plantio direto;
- evitar áreas infestadas por plantas daninhas de difícil ou elevado custo.

**\* CALAGEM**

A cultura da soja — para apresentar um desenvolvimento normal — necessita de um pH entre 5,5 e 6,5. Mas as maiores produtividades, no entanto têm sido alcançadas com um pH acima de 6. Em condições de pH inferior a essa faixa, o Airton recomenda a calagem total. Em caso de baixa acidez no solo, pode ser aplicado o calcário fúller na linha de semeadura, usando de 200 a 300 quilos por hectare. Outra recomendação do agrônomo: usar inoculante na semente antes do plantio. O inoculante fixa, de forma eficiente, o Nitrogênio do ar à planta, proporcionando uma certa economia ao produtor.

**\* ÉPOCA DE SEMEADURA**

A época de semeadura recomendada para as regiões Planalto, Missões e Alto Uruguai são as seguintes:

- precoce..... de 25 de outubro a 30 de novembro;
  - médio..... de 20 de outubro a 5 de dezembro;
  - tardias..... de 15 de outubro a 10 de dezembro;
  - tardias..... de 10 de outubro a 10 de dezembro
- Dentro dos períodos acima, existem, no entanto, épocas preferenciais.
- precoces..... de 1º de novembro a 25 de novembro;
  - médio..... de 1º de novembro a 30 de novembro;
  - tardias..... de 25 de outubro a 5 de dezembro;
  - tardias..... de 20 de outubro a 5 de dezembro

**\* ESPAÇAMENTO, DENSIDADE E PROFUNDIDADE**

Para as épocas recomendadas de semeadura, o Airton aconselha a utilização de espaçamento de 40 a 60 centímetros entre linhas. "Mas se houver atraso no plantio, o procedimento correto é reduzir os espaçamentos e aumentar a densidade de semeadura", adianta. A população de 400 mil plantas por hectare — ou 40 plantas por metro quadrado — é indicada para semeaduras realizadas dentro dos períodos recomendados. Para semeaduras atrasadas, a orientação técnica é de aumentar de 20 a 25 por cento o número de plantas por unidade de área. Assim, a soja deve semear 480 mil plantas por hectare. A pro-

fundidade de semeadura recomendada varia de 2,5 a 5 centímetros.

**\* ERVAS DANINHAS**

O controle das ervas daninhas nas lavouras de soja deve buscar não somente uma maior produtividade da cultura, mas também a conservação do solo e a preservação do seu potencial produtivo. O controle tanto pode ser mecânico como químico. O controle mecânico é feito com uma capinadeira, onde se consegue obter uma eficiência de 75 a 80 por cento. A época da capina varia entre 20 dias após a emergência das plantas e, no máximo, 35 dias.

No caso do controle químico, o máximo de eficiência só é alcançada quando os equipamentos de aplicação estiverem em perfeitas condições de uso, sem vazamento e com uniformidade de bicos na barra e, principalmente, bem calibrados. A orientação do Airton é para que sejam utilizados bicos leques — leves — 8003-8004 com 50 centímetros de altura do chão e 11003-11004, com 40 centímetros de altura ou similares, com vazão de 200 a 400 litros de água misturada ao produto por hectare. A dosagem do herbicida utilizado no controle dos inços deve levar em conta as espécies de plantas daninhas que estão infestando a lavoura e o tipo de solo da área a ser tratada. Na escolha do produto é importante o produtor buscar a orientação técnica, "principalmente em caso de lavouras feitas em sistema de plantio direto", aconselha o agrônomo.

**\* CONTROLE DE DOENÇAS**

O tratamento da semente de soja com fungicidas é recomendado nas seguintes situações:

- plantio realizado em solo com baixa disponibilidade hídrica;
- plantio em solos com baixa temperatura ou alto teor de umidade;
- quando por problema de disponibilidade de sementes, o agricultor utilizar sementes "padrão B" — semente com germinação de 70 a 80 por cento.

Em todas estas situações, as velocidades de germinação e de emergência da planta são reduzidas, com a semente ficando mais tempo no solo, "exposta aos microrganismos que podem causar seu apodrecimento", observa Airton. O fungicida serve para proteger essa semente contra esses possíveis problemas. Na operação "tratamento", as sementes devem ser umedecidas uniformemente com 200 a 400 ml de água — quantidade suficiente para tratar 50 quilos de sementes. Logo após o tratamento, efetuar a inoculação da semente.

Em área com problemas de **Cercospora Sojina** ou mancha olho-de-rã, recomenda-se o plantio de cultivares mais resistentes ao fungo como a BR-1, Paraná, Cobb, Santa Rosa, Davis, Ipagro 20, Ivorá, BR-6 e FT-2. Em áreas com infestação de nematóides, identificar as espécies ocorrentes e utilizar cultivares resistentes como a BR-6 e a Bragg. Para áreas que apresentem problemas com o tamanduá, o Airton recomenda a rotação de culturas ou a lavração e gradagem a uma profundidade suficiente para expor a praga aos seus inimigos naturais.

**\* CONTROLE DE PRAGAS**

No caso de infestação por lagartas, realizar o controle quando existirem 40 lagartas — maiores que 1,5 centímetro de comprimento por mostragem — ou então quando o desfolhamento médio da planta alcançar 30 por cento, "isso antes do florescimento". No período de floração, o controle tem que ser feito quando o desfolhamento chegar a 15 por cento.

Os percevejos só causam danos à soja quando uma determinada população ocorre entre o início de desenvolvimento das vagens e a maturação fisiológica da cultura. O controle, no entanto, só deve ocorrer quando forem encontrados, em média, quatro percevejos por amostragem em lavouras comerciais e dois em caso de lavouras para semente.

**O custo de usar as máquinas**

*A safra de verão está aí, batendo às portas. É hora de programar e orçar a lavoura. O gerenciamento da atividade agrícola é, hoje, fundamental. Nunca foi tão importante o produtor saber ao certo, o quanto está gastando nas suas atividades. Usar as máquinas, também implica em operacionalizar custos. A tabela abaixo dá uma idéia de quanto o produtor vai gastar para preparar a terra, semear, combater os inços e as pragas e fazer a colheita. Um lembrete: só no mês de agosto os combustíveis sofreram dois reajustes, elevando, assim, os custos de produção.*

**Variedades recomendadas para safra 89/90**

	Preferenciais	Toleradas
precoce	Paraná Ivorá IAS-5 CEP-16	Planalto BR-2
médio	BR-4 Bragg Davis IAS-4 CEP-12 BR-6 Ipagro-21 FT-2 RS-7	União
tardias	CEP-10 BR-8 BR-12 BR-1 CEP-20 RS-6	Ivaí Bossier
planalto	Cobb RS-5	Santa Rosa

**CUSTO DAS OPERAÇÕES DE MÁQUINAS EMITIDO EM 15.08.90 — DIRETORIA AGROTÉCNICA**

Máquina/Equipamento	Depreciação	Seguro	Manut./Reparos	Combustível	Custo H/T	Custo H/A	Custo H/E	Custo T/H	Ha/Hora	Custo/Ha
Trator 82 CV	198,05	1,75	139,80	127,80	467,40	0,00	0,00	467,40	0,00	0,00
Trator 77 CV	230,95	2,04	163,02	149,10	545,10	0,00	0,00	545,10	0,00	0,00
Trator 92 CV	256,19	2,26	180,84	170,40	609,69	0,00	0,00	609,69	0,00	0,00
Trator 85 CV	286,54	2,53	202,26	191,70	683,02	0,00	0,00	683,02	0,00	0,00
Trator 110 CV	331,93	2,93	234,30	255,60	824,75	0,00	0,00	824,75	0,00	0,00
Trator 118 CV	371,62	3,28	262,32	276,90	914,12	0,00	0,00	914,12	0,00	0,00
Automotriz 110 CV	964,80	9,05	723,60	298,20	0,00	1.995,65	0,00	1.965,65	0,90	2.217,39
Automotriz 123 CV	1.014,40	9,51	760,80	319,50	0,00	2.104,21	0,00	2.104,21	0,90	2.338,01
Arado 3 discos	61,25	0,24	27,22	0,00	0,00	0,00	88,71	698,40	0,48	1.455,00
Arado 4 discos	77,39	0,30	34,40	0,00	0,00	0,00	112,09	721,78	0,48	1.503,71
Grade aradora 16 discos	145,80	0,57	64,80	0,00	0,00	0,00	211,17	820,86	1,06	802,02
Grade aradora 22 discos	166,02	0,65	73,79	0,00	0,00	0,00	240,45	850,14	1,06	802,02
Grade niveladora 32 discos	103,32	0,40	45,92	0,00	0,00	0,00	149,64	759,38	1,59	477,57
Grade niveladora 36 discos	122,73	0,48	54,55	0,00	0,00	0,00	177,76	787,45	1,59	495,25
Subsolador P 5 pés	34,09	0,13	15,15	0,00	0,00	0,00	49,38	659,07	0,76	867,20
Subsolador — T 5 braços	52,74	0,21	23,44	0,00	0,00	0,00	76,38	686,07	0,32	2.143,97
Semeadeira adubadeira 13L	173,86	0,68	96,59	0,00	0,00	0,00	271,12	880,81	1,77	497,63
Semeadeira adubadeira 15L	189,71	0,74	105,39	0,00	0,00	0,00	295,84	905,53	1,77	511,60
Plantadeira — D 5 sulcos	213,92	0,83	118,85	0,00	0,00	0,00	333,60	943,29	0,93	1.014,29
Plantadeira — D 6 sulcos	233,42	0,91	129,68	0,00	0,00	0,00	364,00	973,69	0,93	1.046,98
Distribuidor calcário 1 T	85,16	0,33	47,31	0,00	0,00	0,00	132,81	742,50	0,93	798,39
Distribuidor calcário 5 T	105,58	0,41	58,66	0,00	0,00	0,00	164,65	774,34	1,55	449,57
Terraceador B estrita 2D	53,91	0,21	23,96	0,00	0,00	0,00	78,09	687,78	0,37	1.858,86
Terraceador Base Larga	86,04	0,33	38,24	0,00	0,00	0,00	124,61	734,31	0,22	3.337,77
Capinadeira mecânica 6 pés	34,50	0,13	15,33	0,00	0,00	0,00	49,96	659,65	1,24	531,98
Pulverizador Jacto 600 L	139,16	0,54	61,85	0,00	0,00	0,00	201,55	811,24	1,64	494,66
Pulverizador Jacto 2.000 L	219,24	0,85	97,44	0,00	0,00	0,00	317,53	927,22	1,64	565,38
Atomizador Jacto 400 L	99,20	0,39	44,09	0,00	0,00	0,00	143,68	753,37	1,64	459,37
Carreta agrícola 6 T	58,18	0,24	20,53	0,00	0,00	0,00	78,95	688,64	1,33	517,77

# FORRAGEIRAS



Milheto pode ser semeado de setembro a fevereiro

## MILHETO OU PASTO ITALIANO

É uma gramínea importantíssima na alimentação do gado leiteiro em função da sua palatabilidade, valor nutricional e capacidade de rebrote da planta. Adapta-se a vários tipos de solos, desde que  **muito bem adubados**. É uma planta exigente em fertilidade. Não tolera solos úmidos.

O milheto, também conhecido como pasto italiano, deve ser semeado a partir da metade do mês de setembro até fevereiro, com temperatura acima de 20°C. "Semeaduras muito no cedo, prejudicam a germinação", avisa Onairo Sanches, agrônomo e Supervisor da Área de Forrageiras da Cotrijuí na Pioneira. A semente deve ficar coberta por uma camada de 1 a 2 centímetros de solo, "levemente compactado para que propicie uma boa germinação". No plantio, utilizar 20 quilos de sementes por hectare. O solo deve ser bem preparado através do sistema convencional.

O primeiro pastejo pode ser feito ainda no cedo, "quando a planta atingir 15 centímetros de altura". O Onairo recomenda, principalmente neste primeiro pastejo, um pequeno ajuste na lotação de animais, tomando o cuidado de colocar apenas gado de porte menor, "para evitar prejuízos às plantas". Os próximos pastoreios só devem ocorrer quando as plantas atingirem de 30 a 40 centímetros de altura.

O plantio de milheto no final de fevereiro proporciona excelente forrageira para o outono, época de escassez de alimento. Na Regional Pioneira, o rendimento médio do milheto - na produção de sementes - tem andado ao redor de 800 quilos por hectare. O feijão miúdo é a leguminosa que oferece melhores condições para ser consorciada com o milheto. Usar no plantio em consórcio, 40 quilos de sementes de feijão miúdo por hectare.

## SORGO FORRAGEIRO

Outra gramínea anual com bom potencial produtivo e bastante resistente à seca. É uma forrageira que tanto pode ser semeada no cedo entre agosto e setembro -, como no tarde - janeiro e fevereiro -. Adapta-se muito bem a vários tipos de solo, menos naqueles que apresentarem excesso de umidade. No plantio a recomendação manda utilizar de 10 a 12 quilos de sementes por hectare. Mas se o plantio ocorrer em sistema de consórcio com o feijão miúdo, usar 40 quilos de sementes por hectare.

A exemplo do Sorgo Sudanense, o Sorgo Forrageiro também pode ser utilizado tanto para o corte como para pastoreio direto. Mas para qualquer uma das opções, a recomendação do Onairo Sanches é a mesma: só realizar o corte ou colocar gado em pastejo quando a planta tiver atingido de 50 a 60 centímetros de altura. Segundo o agrônomo, o rebrote novo da planta possui um princípio tóxico, "que pode ser prejudicial aos animais".

## TEOSINTO OU DENTE DE BURRO

O teosinto é uma gramínea anual muito parecida com o milho e tanto pode ser utilizada para o corte como para pastoreio direto na alimentação do gado. É uma forrageira que não se adapta em solos encharcados. A sementeira pode ocorrer a partir de agosto, desde que não haja mais riscos de geadas. Como apresen-

ta a possibilidade de germinar com temperaturas mais baixas, pode ser semeado antes do milheto. "Mas é uma forrageira sensível ao frio, morrendo com as geadas", informa o Onairo Sanches.

No plantio de teosinto ou dente de burro, utilizar 40 quilos de sementes por hectare. Ele também oferece a possibilidade de ser consorciado com o feijão miúdo. Neste caso, usar também, 40 quilos de semente de feijão miúdo por hectare.

É uma forrageira adequada ao corte. Não suporta muito bem o pastoreio direto. Pode ser pastejada ou cortada 20 centímetros acima do solo, "quando a planta alcançar de 40 a 50 centímetros de altura".

## CAPIM BERMUDA

Gramínea perene resistente ao pastoreio e ao pisoteio, produzindo grande quantidade de forragem de excelente palatabilidade e qualidade quando bem manejada. Desenvolve-se bem no verão e é resistente à seca e adapta-se muito bem a vários tipos de solos, desde os pedregosos aos argilosos.

A implantação de uma área de capim bermuda acontece através de mudas a serem plantadas num espaçamento de 0,5 metros por 1 metro. O plantio pode ocorrer durante todo o verão, preferindo, no entanto, períodos com mais chuvas.

É uma gramínea para ser utilizada em pastejo direto - também pode ser usada como feno - intercalado com os períodos de utilização, deixar períodos de descanso, para que a produção de massa verde seja ainda maior.

Os 180 mil hectares cultivados com forrageiras neste inverno e os 15 mil hectares do verão anterior demonstram que as forrageiras cultivadas se transformaram em alternativas eficientes para baratear os custos de produção tanto da pecuária leiteira como da de corte. "Do ponto de vista da alimentação bovina, as forrageiras continuam sendo a principal fonte de nutrientes com os menores custos", costuma dizer o agrônomo e Supervisor da Área de Forrageiras da Cotrijuí/Pioneira, Onairo Sanches, pretendendo um avanço maior na área. Para quem vai continuar plantando forrageiras neste verão ou pretende ampliar a área, as principais cultivares e as recomendações técnicas.

## GRAMÍNEAS

Capim sudão ou Sorgo Sudanense Gramínea anual com bom potencial produtivo. É mais resistente à seca do que o milheto. Esta forrageira não se adapta em solos encharcados. O plantio pode ocorrer no período de agosto a fevereiro, utilizando-se em torno de 20 a 25 quilos de sementes por hectare. Quando do semeado em consórcio com o feijão miúdo utilizar apenas 15 quilos de sementes do capim Sudão por hectare. No caso do feijão miúdo usar 40 quilos de sementes por hectare.

O Capim Sudão ou Sorgo Sudanense tanto pode ser utilizado para corte como para pastoreio direto, estabelecendo-se bem mais rapidamente que o milheto, principalmente na época do inverno.

## CAPIM ELEFANTE

Mais uma gramínea de excelentes condições de utilização na região e que vem tendo de uns anos para cá, o reconhecimento dos produtores em função do seu grande potencial de produção de massa, da sua alta resistência à seca e da sua capacidade de adaptação a mais diversos tipos de solos, "desde que bem drenados", avisa Onairo Sanches. Qualquer uma das seis cultivares perfeitamente adaptadas para a região - Cameroon, Marckeron, Turialba, Taiwan, Mercker ou HB-534 - são exigentes em adubação. "O ideal, lembra o agrônomo, é que se faça adubação orgânica química de duas a três vezes ao ano."

A proposta do departamento técnico da Cotrijuí é que os capins elefantes possam ser utilizados também para o pastoreio e não apenas como forragem verde cortada. O primeiro corte só deve acontecer quando a planta tiver atingido, no máximo, 1,5 metros de altura. A recomendação técnica manda deixar em torno de 40 centímetros de altura do pasto para favorecer a brotação.

Até alguns anos atrás, o estabelecimento dos capins elefantes era uma das limitações da sua expansão na região. Superada essa fase via multiplicação de mudas que tanto vem ocorrendo via Centro de Treinamento da Cotrijuí como via produtor, os capins ganham, hoje, maiores espaços nas propriedades da região. Para o plantio, é aconselhável usar mudas com no mínimo seis meses de idade, cortadas de maneira que cada talo tenha de três a cinco gemas. O espaçamento é de 1 x 1 metro. O plantio deve acontecer a partir de setembro e outubro.

## LEGUMINOSAS

### \* FEIJÃO DE PORCO

Bom opção para o verão, o feijão de porco sendo apontado pela pesquisa como uma das melhores leguminosas para corte. Requirer bem drenado, corrigido e adubado. A época de plantio começa em setembro, estendendo-se até dezembro, na base de 60 a 80 quilos de semente por hectare. O corte deve ser feito quando a planta tiver atingido de 40 a 50 centímetros de altura, "tomando o cuidado de deixar uma resteva de 15 centímetros".

### \* FEIJÃO MIÚDO

Leguminosa anual de verão, muito rica em proteínas. Não tolera solos encharcados, exigindo solos corrigidos e adubados. A época de plantio vai de setembro a novembro, utilizando-se para corte de 70 quilos de semente por hectare. O feijão pode ser consorciado com o milheto, o tremoço e o Bordo Sudão. É considerada uma excelente opção na lavoura de soja, principalmente quando o propósito é a produção de sementes, "onipresente", diz Onairo Sanches.

### \* ALFAFA

Famosa pelas suas qualidades, a alfafa é considerada a forrageira mais ricamente produtiva. É a toa que leva o título de "rainha das forrageiras" em função do alto valor nutritivo de sua matéria seca. É uma forrageira bastante exigente em termos de fertilidade, necessitando de solos ricos em matéria orgânica. Requer solos profundos e bem drenados, muito bem corrigidos e adubados. Um alfafal bem conduzido pode produzir 10 toneladas de feno por hectare durante o ano e mais 300 quilos de sementes. A época de plantio, no entanto, a produção de sementes vai variando em torno de 150 quilos por hectare. A melhor época de semeadura vai de abril a setembro, utilizando-se para tanto, 15 quilos de sementes por hectare, plantadas 25 a 30 centímetros entre linhas, tomando o cuidado de colocar 100 sementes por metro linear. No caso da alfafa ser uma leguminosa perene, é muito importante o uso de inoculante na semente.

Os maiores rendimentos da alfafa têm sido obtidos com corte realizados quando 10 por cento das plantas estiverem em florescimento. O corte deve ser feito a uma altura de oito centímetros do solo, o que vai acelerar o rebrote das plantas.

### \* CROTALÁRIA

É uma leguminosa anual muito boa para o corte. Pouco exigente em termos de solo, mas requer os melhores resultados, no entanto, têm sido obtidos quando estabelecida em solos corrigidos e adubados. A melhor época de plantio vai de setembro a dezembro, com 20 a 30 quilos de semente por hectare. Produz muito bem quando manejada em cortes, que só devem ser feitos quando a planta alcançar 80 centímetros de altura, tomando o cuidado de deixar 30 centímetros de resteva.

### \* GUANDU OU FEIJÃO GUANDU

O feijão Guandu é uma leguminosa perene de boa produtividade e qualidade. Requer solos bem drenados, adubados e corrigidos. A melhor época de plantio vai de setembro a dezembro, utilizando-se de 15 a 20 quilos de sementes por hectare. O corte deve ocorrer quando a planta atingir 80 centímetros de altura, deixando uma resteva de 30 centímetros de altura.

### \* ADUBAÇÃO

As forrageiras retiram mais nutrientes do solo do que as culturas para grãos, razão pela qual é necessário uma boa adubação, sempre levando em conta a recomendação da análise do

# MILHO

*O milho já foi cultura marginalizada, já virou moda e já voltou novamente à condição de cultura marginalizada. Teve uma época em que ameaçou se transformar na cultura dos anos 80, mas não emplacou. A situação da cultura no Estado é delicada. O Rio Grande do Sul produziu 3,9 milhões de toneladas em 89/90 mas, para atender a demanda do consumo interno, terá de importar mais 400 mil toneladas. A região não nega o valor do milho, ainda hoje a cultura "número 1" de qualquer propriedade que se preze. Em muito ainda vale aquela velha citação: quem tem milho em casa, tem carne, leite e ovos*

### \* ÁREA DE CULTIVO

Para o plantio do milho, o produtor deve dar preferência para áreas que no inverno anterior tenham sido cultivadas com alguma leguminosa. A rotação de culturas com a ervilhaca e o tremoço, por exemplo, tem proporcionado grandes benefícios para o milho. Já em áreas anteriormente cultivadas com aveia, o milho não tem apresentado os mesmos resultados obtidos em áreas onde houve rotação com leguminosas.

### \* O PREPARO DO SOLO

O sistema radicular do milho é exigente em oxigênio, por esta razão seu cultivo exige um bom preparo do solo, "o que possibilita uma melhor distribuição e contato das sementes com a terra, resultando, inclusive, uma lavoura mais uniforme", explica o engenheiro agrônomo do Centro de Treinamento da Cotrijuí, Luiz Volney de Mattos Viau. Esse preparo do solo, segundo o pesquisador do CTC, deve constituir-se na aplicação de práticas que visem melhorar as relações soja-ar-água. Um bom relacionamento desses três itens vai permitir um aumento na porosidade e na capacidade de armazenamento e circulação do ar e da água no solo.

A técnica de plantio direto pode ser empregada no cultivo do milho. "Entretanto, avisa Volney, essa técnica deve ser feita em solos com boa fertilidade e, principalmente, em áreas com rotação de culturas. "O cultivo do milho direto em restevas do girassol é recomendado, devido a grande demanda evaporativa que ocorre em dezembro, o que seria aumentado pelo cultivo convencional.

### \* ÁREA DE CULTIVO

O conhecimento das quantidades de nutrientes extraídos pelo milho permite estimar as taxas que serão exportadas pela colheita de grãos. A produção de seis toneladas de grãos de milho por hectare, vai retirar do solo 162 quilos de nitrogênio, 78 quilos de fósforo e 132 quilos de potássio. Para o desenvolvimento de uma lavoura de alto padrão técnico, o pesquisador do CTC recomenda a análise do solo como procedimento eficaz. Mas para uma lavoura com bom desenvolvimento, a recomendação da pesquisa é a utilização de 400 quilos por hectare de fórmula para o milho e, no mínimo, 150 quilos por hectare de uréia em cobertura.

A aplicação de nitrogênio em cobertura deverá ser feita em duas etapas: aos 30 e 45 dias após seu plantio. A incorporação de nitrogênio em cobertura proporciona maior eficiência na sua utilização. "Esta é uma prática que poderá ser feita com o mesmo equipamento utilizado na capina", observa. A absorção do nitrogênio acontece de forma mais intensa antes do pendramento do milho, "por esta razão o Volney recomenda a sua aplicação durante ou após este estágio de desenvolvimento da planta.

### \* ÉPOCA DE PLANTIO

A Região Pioneira da Cotrijuí está inserida na área preferencial para cultivo de milho. Seu

plantio pode ocorrer de agosto a dezembro, mas plantio no início de setembro parece ter a preferência da maioria dos agricultores da região. "O produtor não pode esquecer que normalmente em dezembro ocorre um déficit de umidade, fato este que jamais deve coincidir com a floração do milho.

### \* CULTIVARES RECOMENDADAS

Recomenda-se o plantio de híbridos da classificação semi-duros ou duros, indicados pela pesquisa oficial.

### \* SISTEMA DE PLANTIO, DENSIDADE E ESPAÇAMENTO

O plantio pode ser feito com plantadeira mecanizada, de tração animal ou manual, "desde que atenda a necessidade de 50.000 plantas por hectare. "Para atingir esta população, o produtor deverá semear de 5 a 6 sementes por metro linear, com um espaçamento de 0,80 centímetros a um metro entre linhas.

### \* CONTROLE DE PLANTAS DANINHAS

O milho é uma cultura bastante sensível à competição de plantas daninhas desde a germinação até os 60 dias. Este é o chamado período crítico, "razão pela qual o controle deverá ser feito através da capina manual, mecanizada ou com o emprego de herbicidas específicos", explica o agrônomo.

### \* CONTROLE DE PRAGAS

A lagarta-do-cartucho é considerada uma das principais pragas do milho, podendo ocorrer durante todo o estágio de crescimento da cultura. Se o ataque for intenso, o Volney recomenda o controle químico. Para maior eficiência do inseticida, fazer a aplicação com bico tipo leque, "pois ele ajuda a depositar melhor o produto no cartucho do milho", explica melhor o pesquisador do CTC.

### \* COLHEITA

A colheita do milho pode começar a partir da manutenção fisiológica dos grãos, "fase esta que ocorre quando, no ponto de junção dos grãos com o sabugo, formar um ponto preto", observa. Mas a recomendação do agrônomo vai acompanhada de um alerta: se o grão for colhido neste período, terá que passar por uma secagem natural ou artificial.

### \* ARMAZENAMENTO

Segundo informações dos técnicos da Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul, são muito grande as perdas de milho devido a armazenamento inadequado. Calcula-se que das 3,5 milhões de toneladas produzidas em média no Estado, 20 por cento são perdidas devido ao ataque de pragas nos grãos armazenados. "O milho que fica na propriedade deve ser protegido de carunchos, traças e ratos", recomenda Volney.

O feijão precisa sair do atoleiro em que se meteu. Continuar produzindo pouco mais de 600 quilos por hectare é insistir no mesmo erro que já puxou a cultura 50 anos para trás. Um novo perfil da cultura no Estado está nas mãos do governo que precisa acenar com melhores peços mínimos e maior volume de recursos oficiais e dos próprios produtores na medida em que incorporarem ao feijoeiro a tecnologia recomendada pela pesquisa



Foto: Jorge Heck

Feijão: uma cultura abandonada pelo governo e pelos produtores

# FEIJÃO

A pesquisa vem recomendando para o Rio Grande do Sul o plantio de cultivares como a Macanudo, Pampa, FT-120, Capixaba Precoce, Embasc 201, Guateian, Rio Tibagi, Carioca, Tahyú, e a Iraí. Apenas a Carioca, a Tahyú e a Iraí são as cultivares de feijão de cor.

A produtividade alcançada pelas cultivares e linhagens incluídas no Ensaio Estadual podem ser melhor analisadas na tabela abaixo. "Pelos resultados, destaca Roberto Carbonera, agrônomo e pesquisador do Centro de Treinamento da Cotrijuí, podemos observar que cinco linhagens produziram melhor que a cultivar Macanudo, a melhor testemunha. Em 11 locais de ensaios, ela alcançou uma produtividade média de 1.659 quilos por hectare. Em seguida aparecem as cultivares FT-120, com 1.621 quilos por hectare; a Carioca com 1.555 quilos por hectare; a Guateian, com 1.518 e a Pampa com 1.469 quilos por hectare.

A cultivar Macanudo só passou a ser recomendada pela pesquisa em 1989, razão pela qual, sua disponibilidade de sementes ainda é muito pequena. Mas uma outra cultivar, a FT-120, que também apresentou boa produtividade, dispõe de um razoável volume de sementes. "A qualidade da semente é muito importante na hora da implantação de qualquer cultivo", observa Carbonera.

## ESCOLHA DA ÁREA

O feijão, assim como as demais culturas, responde muito bem em áreas com boa fertilidade e protegidas dos ventos frios, de preferência em

exposição para o norte. Procurar implantar as lavouras em áreas boas, que ofereçam condições de cultivo de qualquer cultura. A rotação de culturas, principalmente com gramíneas, também ajuda no desempenho do feijoeiro.

### \* O PREPARO DO SOLO

O feijoeiro não tolera excesso de umidade, mas é, também, bastante suscetível a falta de chuvas. Razão pela qual seu plantio deve ocorrer em solos arejados e com adequado suprimento de água. O sistema de cultivo tanto pode ser o convencional como plantio direto, sempre tomando o cuidado de evitar o excesso de operações de preparo sobre a terra. Para solos de pedregulho, muito comum na região de Tenente Portela, com limites de declividade, profundidade de drenagem, o Carbonera aconselha o produtor a manter ou incorporar a resteva da cultura anterior.

### \* ADUBAÇÃO

A cultura do feijoeiro necessita de quantidades razoáveis de Nitrogênio, Fósforo, Potássio, Cálcio, Magnésio e micronutrientes. A cultura requer também solos próximos a neutros - solos sem acidez. A adubação adequada deve levar em consideração o resultado da análise do solo. O uso de inoculante na semente vem sendo recomendado pela pesquisa com um alerta: não misturar nitrogênio na semente, pois ela inibe a ação do Rhizobium. "O nitrogênio só deve ser usado em cobertura aplicado três semanas após a emergência das plantas", avisa o pesquisador, informando, por outro lado, que a Cotrijuí dispõe de inoculantes para o feijoeiro.

### SEMEADURA

A recomendação da época de semeadura é baseada nas regiões agroecológicas do Estado. Para a região, área de atuação da Cotrijuí, Pioneira, a melhor época de semeadura se estende de 25 de agosto a 10 de outubro, "sendo o mês de setembro o preferido". A experiência de lavouras cultivadas na região tem mostrado que os melhores resultados têm sido obtidos em lavouras semeadas no início do mês de setembro", diz o pesquisador.

É na semeadura do feijoeiro que começa a ser definido o rendimento da lavoura. A densidade ideal é aquela que permite obter de 200 a 250 mil plantas por hectare. Esta densidade equivale a 20/25 plantas por metro quadrado, em cultivo solteiro. Para chegar a esta densidade, a pesquisa recomenda semear de 12 a 15 sementes por metro quadrado, usando um espaçamento de 50 centímetros. "Com esta densidade de semeadura, explica, utiliza-se em torno de 50 quilos de sementes para formar um hectare de lavoura.

### CONSÓRCIO

O feijoeiro, por apresentar um ciclo curto e certa tolerância à competição por luz, é um planta extremamente ajustada a consórcios, "desde que sua fase reprodutiva não coincida com a da cultura consorciada". O ideal, segundo a pesquisa, é o consórcio de feijão com milho, com seme-

adura simultânea, apresentando população de 35 mil plantas de feijão por hectare e 180 mil plantas de milho dentro da mesma área. O consórcio deve constar de uma fileira simples de milho intercalado por duas fileiras de feijão, com espaçamento de 1,20 metros entre plantas de milho e 0,40 centímetros entre fileiras de feijão. Mas as últimas recomendações da pesquisa, tiradas da XXIII Reunião Técnica Anual do Feijão, é particularmente aceitável a consorciação com soja e cana-de-açúcar. No caso da cana-de-açúcar, o consórcio só deve acontecer no momento da implantação da lavoura de cana, desde que as linhas sejam espaçadas em 1,20 metros entre-linhas, intercaladas por três linhas de feijão.

### DOENÇAS

A antracnose, o crestamento bacteriano e a ferrugem são as principais doenças que causam danos ao feijoeiro. Os dados de pesquisa recomendam o uso de fungicida para o controle destas doenças. A adoção de algumas medidas preventivas, no entanto, poderiam evitar os danos. Entre as medidas preventivas, o Carbonera cita a limpeza dos restos culturais não decompostos, o uso de sementes selecionadas e a adoção do sistema de rotação de culturas. Variedades tolerantes também ajudam no controle das doenças.

### PRAGAS

A vaquinha verde, a cigarrinha e a mosca branca são as pragas que mais visitam o feijoeiro, causando enormes transtornos pela frequência à lavoura e prejuízos ao bolso do agricultor. Para se ter uma idéia dos prejuízos que as pragas podem causar à lavoura, duas vaquinhas por planta, na primeira semana de emergência, ocasionam perdas de até 70 por cento na produção. Cuidados e amostragens de períodos de lavoura evitam perdas maiores no feijoeiro.

### INVASORAS

O uso de espaçamentos adequados permite o controle das capinas manuais ou mecânicas. A primeira capina deve ocorrer 10 dias após a emergência das plantas e a segunda 30 dias depois. Também é possível usar algum tipo de herbicida, desde que aplicado sob recomendação técnica.

### COLHEITA

A questão da colheita mecânica tem causado muita dor de cabeça na própria pesquisa que tem trabalhado em cima de cultivares adaptadas a este sistema. As cultivares FT-120 e a Pampa são as que vêm apresentando condições de serem colhidas com automotriz. Mas como a maioria das lavouras de feijão ocupam pequenas áreas, o ideal, segundo o Carbonera, é que a colheita seja feita com trilha estacionária, "procurando evitar ou evitar as perdas". Só proceder à colheita mecanizada se a barra de corte e o rolão forem substituídos por um cilindro de dentes que recolhe as plantas enleiradas. Este sistema reduz as perdas e os danos mecânicos.

A colheita do feijoeiro deve ocorrer quando as vagens estiverem secando, "apresentando a característica da variedade". Em razão da característica natural, o feijão pode ser colhido com as vagens ainda verdes.

ENSAIO ESTADUAL DE FEIJÃO — 1989/1990

Cultivar	Médias	Análises	Conjunta
	Produtividade	%	
	Kh/ha	%	Estande
CNF 5488	1905	114,8	77
CNF 5491	1805	108,8	80
CNF 5490	1785	107,6	79
LM 30074	1697	102,2	79
LM 30063	1667	100,5	78
MACANUDO (T)	1659	100,0	80
LM 21135	1654	99,7	68
FT 83-120 (T)	1621	37,7	79
CNF 0480	1621	97,7	79
CNF 3975	1610	97,0	80
LM 21132	1596	96,2	78
FT 85-206*	1557	101,1	77
CARIOCA (T) *	1555	100,0	89
FT 85-163	1553	93,6	81
FT 85-113	1552	93,5	76
FT 85-47	1545	93,1	78
GUATEIAN 6662 (T)	1518	91,5	75
FT 85-309	1513	91,2	79
FT 85-10 *	1505	96,8	81
PAMPA (T)	1469	88,5	79
FT 85-22	1446	87,1	81
82 B VAN 39	1436	86,5	69
CF 810307	1435	86,5	77
PRETO 132	1410	85,0	75
LM 10364	1394	84,0	74
TAHYU (T) *	1387	89,2	77
CAPIXABA PRECOCE (T)	1386	83,5	78
EMPASC - 201 (T)	1372	82,6	77
RIO TIBAGI (T)	1358	81,8	78
IRAÍ (T):	1316	84,6	75

T — Testemunho

# ARROZ



Arroz: na dependência de água, de melhores preços e de terras para a expansão da lavoura

*Crise afeta a tecnologia das lavouras. Escassez de água e arrendamentos limitam a expansão da cultura no município*

A principal cultura de verão no município de Dom Pedrito, é o arroz. Em cima dessa plantação, a cada ano, as esperanças de cerca de 300 lavoureiros que cultivam, em média, 25 mil hectares por safra, na área do município.

O regime de exploração das lavouras, segundo revela o Instituto Rio Grandense do Arroz, dá-se em cima de 10 por cento de terras próprias, e restantes 90 por cento em terras arrendadas. A estratificação dos produtores, ainda segundo o estudo, em levantamento feito em 1986, era a seguinte:

Lavouras de até 9 ha .....	21
Lavouras de 9 a 25 ha .....	42
Lavouras de 25 a 50 ha .....	67
Lavouras de 50 a 100 ha .....	81
Lavouras de 100 a 200 ha .....	45
Lavouras de 200 a 400 ha .....	16
Lavouras acima de 400 ha .....	01

De 1986 para cá, com variáveis até bem acenadas, os espaços têm sido reduzidos até de forma brusca, como ocorreu na safra de 1989/90, devido à escassez de água para irrigação das lavouras. A expectativa neste ano é de que as várzeas destinadas à orizicultura venham a ser ocupadas em toda a extensão, deixando para trás muitas frustradas.

## \* VARIÁVEIS

Em anos normais as colheitas no município são alcançadas até três milhões de sacos de 50 quilos - com casca -, significando um rendimento médio de 5,0 a 5.500 quilos por hectare. As variedades mais cultivadas são o Irga 409, BR-Irga, Buebelle e Agulhas. A irrigação é oriunda de açudes, na grande maioria do espaço cultivado.

## \* PREPARO E SEMEADURA

Conforme já foi dito, 90 por cento dos lavoureiros são arrendatários. Eles recebem as áreas em agosto, sem muito tempo para a drenagem. Isso que se faz necessário um bom equipamento mecânico para o preparo do solo e seguimento do plantio.

A sementeira inicia nos primeiros dias de

outubro. A adubação de base é feita em 60 por cento das lavouras, com 200 quilos de fertilizante por hectare. Segundo o Irga, a composição mais usada no município é a fórmula 2-20-20. Há controle de inços pós-emergentes, com o herbicida Propanil. Estas lavouras recebem um posterior repasse com Ordran. No geral, a lavoura arroseira de Dom Pedrito recebe uma boa tecnologia. Aliás, o mesmo ocorre em toda a lavoura irrigada gaúcha.

## \* ERVAS DANINHAS

Um problema dos mais sérios e preocupantes é relacionado com os inços. A razão principal é o cultivo prolongado de arroz, como uma só cultura, sempre nas mesmas áreas. O arroz vermelho também tem aparecido com muita frequência nas lavouras, exigindo combate sistemático. E uma das práticas para combatê-lo é o plantio direto, que alguns lavoureiros estão adotando.

## \* ADUBAÇÃO

Há um bom número de produtores que usa adubação de cobertura na base de 50 quilos/hectare de uréia. Nesses casos, é muito usado o avião, que pode pulverizar grandes extensões.

## \* ÁGUA

Mas há um fator limitante, que vem travando a evolução da cultura do arroz no município. É a carência de água para irrigação das lavouras. Em anos normais, de reserva de água e boa precipitação pluviométrica, o município tem condições de plantar até 25 mil hectares. Como já foi dito nesta reportagem, as reservas hídricas são concentradas em açudes, a maioria de pequena profundidade e, conseqüentemente, com grandes espelhos de água, o que provoca elevada filtração solar, notadamente no verão, exatamente quando a planta, em fase de formação do grão, necessita de maiores volumes líquidos.

E nem se pode argumentar que o município seja desprovido de água. Ao contrário, segundo os técnicos em hidrologia - existem estudos a respeito - o território pedritense é dos melhores dotados de toda a região da Campanha, em poten-

cial de água. O que falta - dizem, é construir algumas barragens para preservar a água nos períodos de abundância, para usá-la na escassez.

Nos períodos mais críticos de ausência de água para irrigação das lavouras de arroz, retornam as discussões e apelos pela construção de barragens, que constam do levantamento feito pelo técnico Fredolino Bourscheid, que há mais de 20 anos mapeou os baixos e vales de encosta do município, identificando as potencialidades hídricas locais, que diz, serem imensas.

Partindo do princípio básico e fundamental de que sem água não se consegue produzir arroz de irrigação, e que, no mínimo 95 por cento da lavoura arroseira do Rio Grande do Sul é por esse processo, conclui-se, facilmente, que se faz necessário investir mais em infra-estrutura de irrigação. E Dom Pedrito, mais do que qualquer outro município do mapeamento orizícola rio-grandense, merece atenção especial de quem tenha poder de solucioná-lo.

Sua lavoura está estacionária no limite de 25 mil hectares, quando o território do município, bastante plano, portanto, com grandes extensões de várzeas, tem espaço para triplicar a área de cultura dessa planta. Pelo estudo hidrológico feito no Plano Bourscheid, com a construção de apenas uma barragem - a do Bento Rengo - o município passaria a ter reservas de água para duplicar a área cultivada com o cereal, que passaria, então, para 50 mil hectares a cada safra.

## \* ARRENDAMENTO

Outro problema sofrido pela maioria dos orizicultores é o custo dos arrendamentos. Segundo o Instituto Rio Grandense do Arroz, num documento lançado há um ano, sob o título "A Lavoura Orizícola do Rio Grande do Sul - Características, Problemas e Desafios", o regime de exploração das terras dá-se em lavouras arrendadas. Pelo estudo, 90 por cento das lavouras são arrendadas, a um custo médio, terra e água, de cerca de 30 por cento do valor da produção colhida.

Essa proporção de arrendatários e o custo, são muito altos. A média, no Estado, é de 60 por cento arrendatários e 40 por cento por plantio em terra própria, conforme revela o Irga.

## \* EMPOBRECIMENTO DO PRODUTOR

Muitos dos problemas sentidos pelos orizicultores são debatidos em congressos da classe, formando um verdadeiro rosário de queixas e lamentações. Ainda no recente congresso realizado em Bagé, eles foram relatados em plenário e entregues em documento especial para o ministro Antônio Cabrera, da Agricultura. Mas poucos manifestam a esperança de que venham as soluções sugeridas.

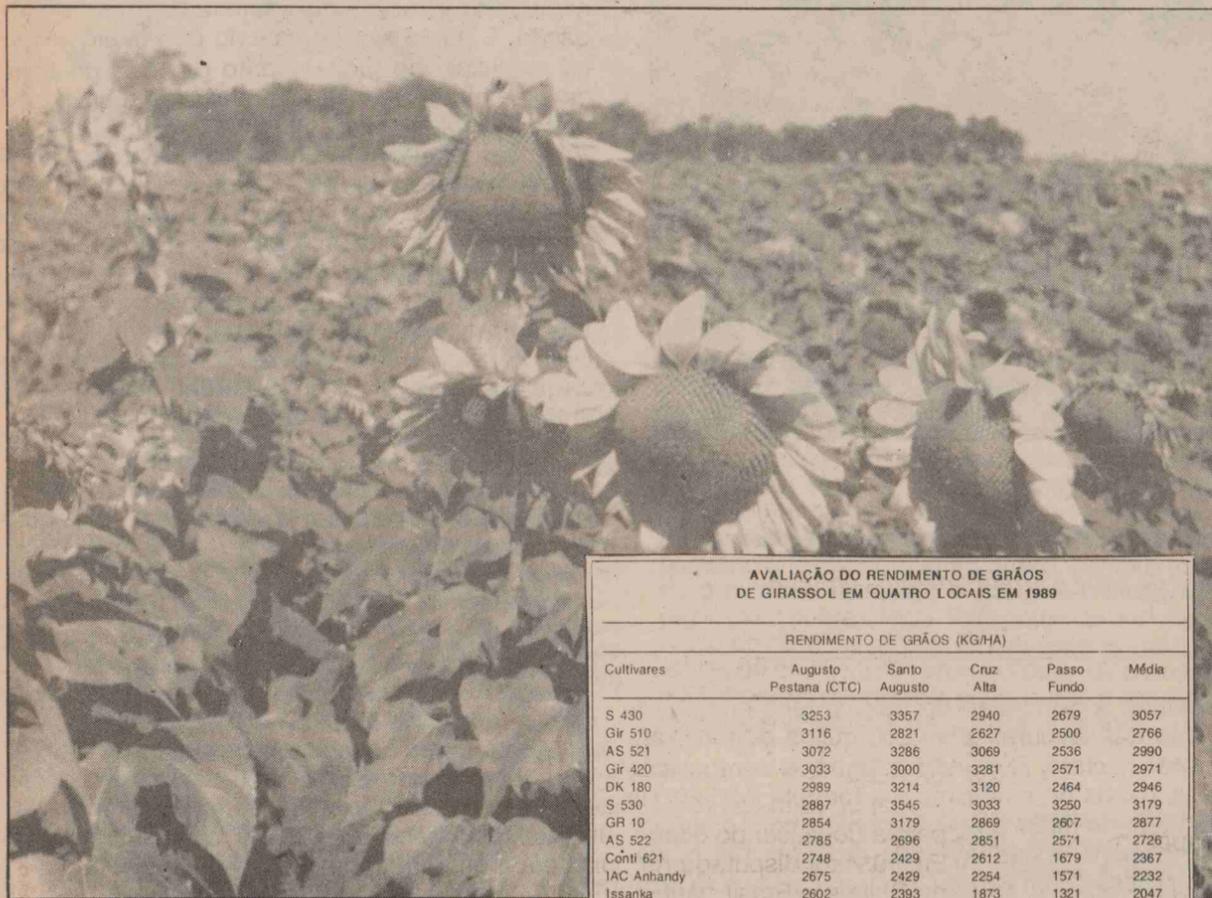
Os problemas da orizicultura são antigos, diz o vice-presidente da Associação dos Agricultores do município, Ricardo Pilecco. Mas ele afirma que há cerca de cinco anos, vêm piorando. Diz que é cada vez mais difícil manter o parque de máquinas em condições de operação na lavoura. Já nem se pensa em renovar com máquinas novas, o que é impossível, mas nem as revisões mecânicas se consegue fazer, diz.

É voz corrente no município, que neste ano, apesar de estarmos às vésperas do plantio de mais uma safra, não foi vendida nenhuma máquina. E existem quatro firmas revendedoras na cidade. E comentam que no ano passado, apenas duas máquinas foram vendidas.

Essa situação de estagnação se reflete em todos os demais segmentos econômicos e sociais do município, onde o arroz, depois da pecuária, se caracteriza como o carro chefe da economia local. As esperanças hoje estão sendo depositadas no clima e no governo. O clima, até aqui, inspira confiança. Quanto ao governo, cujos recursos para plantar, dependem dele, só o futuro irá confirmar.

Enquanto isso, os produtores esperam, com visível nervosismo, e olham para a Cotrijuí, que têm estado a seu lado em todos os momentos, sejam nas boas como nas más safras.

# GIRASSOL



Girassol: planta melífera, capaz de produzir de 20 a 40 quilos de mel por hectare

AVALIAÇÃO DO RENDIMENTO DE GRÃOS DE GIRASSOL EM QUATRO LOCAIS EM 1989

Cultivares	RENDIMENTO DE GRÃOS (KG/HA)				Média
	Augusto Pestana (CTC)	Santo Augusto	Cruz Alta	Passo Fundo	
S 430	3253	3357	2940	2679	3057
Gir 510	3116	2821	2627	2500	2766
AS 521	3072	3286	3069	2536	2990
Gir 420	3033	3000	3281	2571	2971
DK 180	2989	3214	3120	2464	2946
S 530	2887	3545	3033	3250	3179
GR 10	2854	3179	2869	2607	2877
AS 522	2785	2696	2851	2571	2726
Conti 621	2748	2429	2612	1679	2367
IAC Anhandy	2675	2429	2254	1571	2232
Issanka	2602	2393	1873	1321	2047
Conti 711	2116	2286	2171	1714	2072
Média	2844	2886	2725	2289	2686
Época de plantio	16,8,89	12,8,89	22,8,89	12,8,89	- 0 -

O girassol é uma planta anual, com adaptação a diferentes tipos de clima e solo. Apresenta resistência ao frio e a períodos de seca. Apesar de ser uma cultura de primavera/verão, no Rio Grande do Sul pode ser cultivado numa grande amplitude de época de semeadura que se estende de agosto até janeiro.

Excesso de chuvas e de dias nublados no período do florescimento podem causar perdas de produção. Temperaturas mais baixas provocam alongamento do ciclo. Já o plantio no tarde reduz seu ciclo. O girassol requer solos férteis, profundos e com boa drenagem. É uma cultura conhecida por apresentar resistência a seca, "mas em dois períodos - da formação da inflorescência até o início do florescimento e do final do florescimento até a maturação fisiológica - a falta d'água pode acarretar decréscimo na produção", informa o agrônomo e pesquisador do Centro de Treinamento da Cotrijuí, Luiz Volney de Matos Viau. É uma planta bastante sensível à acidez do solo e resistente à alcalinidade.

## \* PREPARO DO SOLO

O girassol tem um sistema radicular que apresenta baixa capacidade de penetração no solo. Mas se as raízes não encontrarem obstáculos pela frente, podem explorar o solo em profundidades superiores a 100 centímetros. "O preparo do solo deve ser o convencional, contando de aração e gradagens", explica melhor o gerente do CTC.

## \* CALAGEM

Planta bastante sensível à acidez do solo. Em solos ácidos ocorre má germinação, entortamento da raiz e mau desenvolvimento das raízes secundárias. Esses problemas vão influir no desenvolvimento da planta e no rendimento dos grãos.

## \* ADUBAÇÃO MINERAL

A recomendação dos nutrientes para a cultura do girassol fica, a exemplo das demais culturas, na dependência do resultado da análise do solo. "O nitrogênio é um dos nutrientes de grande importância para o desenvolvimento da cultura", observa Volney. Resultados de pesquisa em Latossolo Roxo, feitos em Londrina e conduzidos durante três anos, indicam como mais eficiente a aplicação de 40 quilos por hectare de nitrogênio, "sendo 1/3 na semeadura e 2/3 aplicados 50 dias após a germinação", explica. Quanto ao fósforo e ao potássio, as dosagens mais eficientes foram de 40 quilos e 60 quilos respectivamente.

Exigente em boro, a recomendação aconselha a aplicação de um quilo por hectare. A deficiência de boro provoca enrugamento, clorose intertornal, bronzeamento e redução do tamanho das folhas. Reduz também o porte das plantas.

## \* SEMEADURA

A desuniformidade do tamanho e a forma do grão são aspectos que dificultam a semeadura do girassol. A semente deve ficar coberta com, no máximo, uma camada de 5 centímetros de terra. A densidade ideal de semeadura situa-se ao redor de 50 mil plantas por hectare. A quantidade de semente utilizada varia de 4 a 5 quilos por hectare e o espaçamento entre fileiras de 70 a 100 centímetros.

A distância entre plantas na linha deverá ficar de acordo com o espaçamento e a densidade. Para densidade de 50 mil plantas por hectare, o espaçamento, entre fileiras deve ser de 70 centímetros e a distância entre plantas na linha deverá ser de 28,5 centímetros, "isso para o caso de semeadura mecanizada", avisa Volney. No plantio por saraquá, utilizar de 2 a 3 sementes por cova.

O girassol é uma planta nativa da América do Norte e se encontra entre as cinco principais culturas oleaginosas do mundo. Rússia, Estados Unidos e Argentina são os maiores produtores contribuindo com 60 por cento da produção mundial. É uma cultura que poderia muito bem fazer parte do sistema de produção dos agricultores gaúchos

## \* ÉPOCA DE SEMEADURA

No Rio Grande do Sul o girassol pode ser semeado de agosto a janeiro. Mas resultados de pesquisa indicam que o rendimento de grãos diminui à medida que se retarda a época de semeadura. "O período de semeadura também influencia no teor de óleo no grão", observa o agrônomo. As semeaduras de agosto e setembro são as que têm propiciado os maiores teores de óleo. Além de propiciar melhores condições de crescimento e desenvolvimento da planta, a semeadura no cedo determina menor incidência de moléstias e de pragas e menor probabilidade de ocorrência de períodos com deficiência hídrica durante o ciclo da planta.

## \* CULTIVARES RECOMENDADAS

A Cotrijuí irá conduzir lavouras com os híbridos DK 180 e Conti 711. Mas em face do comprometimento de variedades de polinização aberta CTC - 22 e 23 - a Cotrijuí dispõe de sementes de outros genótipos "que deverão ser cultivados pelos agricultores.

## \* TRATOS CULTURAIS

O girassol é uma planta que necessita permanecer livre das ervas daninhas pelo menos por cerca de 40 dias após o plantio. Trabalhos conduzidos pelo CEP/Fecotrigo indicam que a melhor resposta no rendimento de grãos foi alcançada quando o controle de ervas daninhas aconteceu até 20 dias após a emergência das plantas.

## \* ROTAÇÃO DE CULTURAS

Por ser uma planta bastante suscetível a doenças, o girassol não deve ser cultivado na mesma área em intervalos menores que quatro anos. As melhores culturas para a rotação, segundo Volney, são os cereais. Devido a coincidência das doenças, a pesquisa não recomenda o cultivo do girassol após a soja ou vice-versa. "Os cultivos anteriores de plantas leguminosas ocasionam um efeito negativo pelo demasiado crescimento e pela menor resistência às doenças", avisa o agrônomo, sugerindo o plantio, após o girassol, de espécies de raízes superficiais para o melhor aproveitamento dos nutrientes. O milho é uma boa espécie para a rotação com o girassol.

## \* PRAGAS E DOENÇAS

Vários são os insetos pragas que atacam o girassol. Considerando o resultado de trabalhos de pesquisa, lavouras com desfolhamento de 25 por cento, em estágio vegetativo, não requerem controle. A preocupação maior deve acontecer no período de floração.

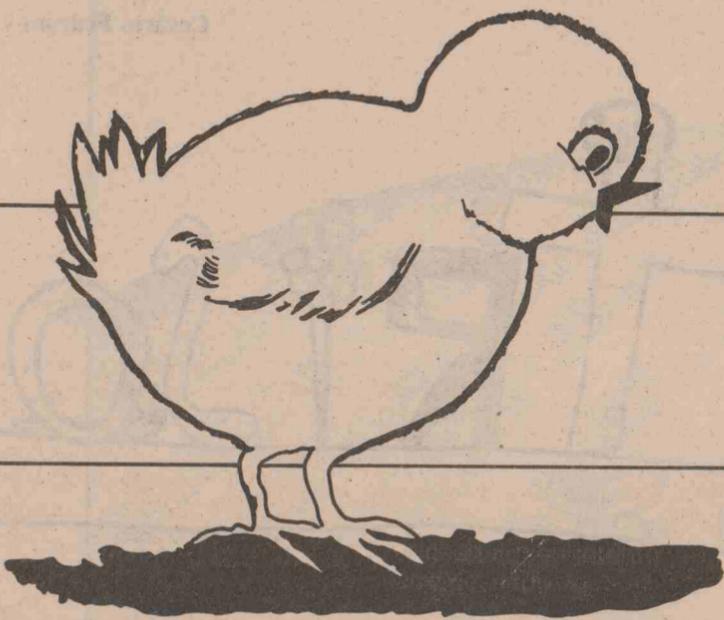
O girassol também é atacado por várias moléstias. Em São Paulo o grande problema tem sido a Alternaria e no Paraná a Sclerotinia. Muitas doenças podem ser evitadas desde o plantio de sementes saudáveis; evitar plantios sucessivos com leguminosas; tratamentos químicos nas sementes; rotação de culturas e plantio de cultivares resistentes.

## \* COLHEITA

O ideal é fazer a colheita do girassol quando a umidade dos grãos atingir 14 por cento. A cultura está no ponto de colheita quando os capítulos se tornarem de coloração marrom, as flores caírem e as folhas da base e do meio da planta estiverem secas. A colheita tanto pode ser manual ou mecânica.

# Cotrisol

Elaboração e datilografia: Mariluz da Silva Lucchese



## Pintinho conta- até-dez

de MARGARET FRISKEY  
Ed. Melhoramentos  
(adaptação)

Pintinho saiu pelo mundo.  
Pintinho andou, andou até que,  
cansado, adormeceu.  
Quando acordou sentiu sede e quis beber.  
Mas Pintinho esqueceu como devia fazer para beber!  
Pintinho encontrou **uma vaca**.  
"Como bebe a senhora, Dona Vaca?" perguntou  
Pintinho. "Eu entro no rio com água até os joelhos e bebo", disse a vaca.  
Pintinho entrou no rio com água até os joelhos.  
"Mas isso não é lugar para mim!" exclamou o  
Pintinho.  
Pintinho encontrou **dois elefantes**.  
Eles estavam chupando água com as trombas.  
Pintinho experimentou chupar a água com o  
bico.  
Mas assim ele não podia respirar!  
Pintinho encontrou **três camelos**.  
"Vocês como bebem?" perguntou Pintinho.  
"Nós bebemos muito, mas poucas vezes",  
dizeram os camelos. E foram andando.  
Pintinho encontrou **quatro cavalinhos**.  
"Vocês como bebem?" quis saber Pintinho.  
"Nós chupamos a água com os beiços", disseram  
os cavalinhos.  
Pintinho experimentou chupar a água com o bico.  
Mas dessa forma não conseguia beber.  
Pintinho encontrou **cinco porcos**.  
Eles estavam com as cabeças na água  
até as orelhas.  
Pintinho também pôs a cabeça até os ouvidos.

Mas não conseguiu beber.  
Pintinho encontrou **seis sapos**.  
"Como bebem vocês?" perguntou Pintinho.  
"Nós bebemos assim..." e fizeram para ele ver.  
Pintinho experimentou, mas não conseguiu  
imitar os sapos.  
"Deve haver um meio melhor para beber",  
pensou Pintinho.  
E continuou andando.  
Pintinho encontrou **sete macacos**.  
Eles estavam bebendo água em xícaras.  
Mas Pintinho não podia segurar uma xícara!  
Pintinho encontrou **oito gatinhos**.  
"Como bebem vocês?" perguntou Pintinho.  
Mas os gatinhos estavam brincando com um  
novelo de lã e não responderam.  
Pintinho quis fazer como eles, mas embaraçou-se  
todo na lã!  
Pintinho encontrou **nove cachorrinhos**.  
Estes estavam brigando por causa de um  
sapato velho.  
Pintinho continuou andando, andando.  
"Eu preciso lembrar como as galinhas bebem!"  
disse Pintinho.  
Pintinho encontrou **dez raposas**.  
"Como bebem vocês?" perguntou Pintinho.  
"Para que precisamos beber se temos frango  
para jantar?" responderam as raposas.  
Pintinho assustado, correu para casa.  
Lá havia, debaixo de uma torneira, um balde  
de água.  
"Eu vou experimentar mais uma vez", resolveu

Pintinho.  
Nisto, um pingo de água caiu-lhe na cabeça.  
Pintinho levantou a cabeça e disse: "Mas... que  
é isso?!"  
Um outro pingo caiu e rolou pela garganta de  
Pintinho.  
"Mas sim, naturalmente", disse Pintinho. "Eu  
preciso levantar a cabeça e deixar a água  
correr pela garganta.  
É este o modo pelo qual as galinhas bebem!"

## EDITORIAL

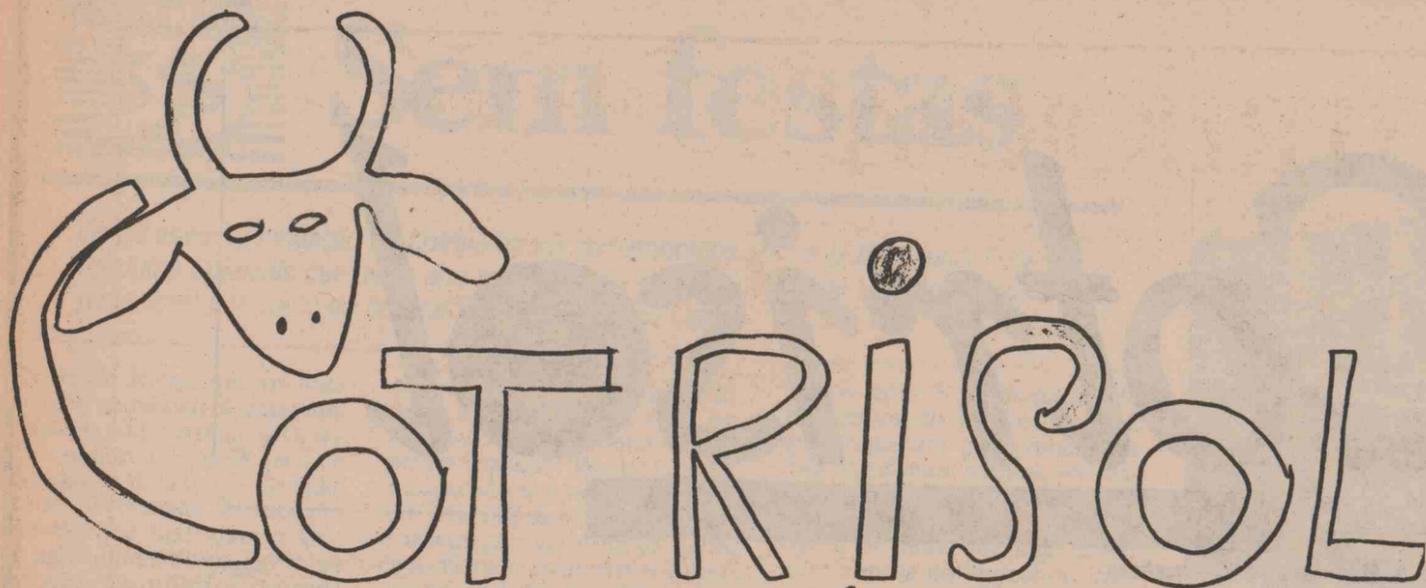
Criançada, depois de uns dias de férias retornamos às aulas, não é?

Isso aí, agora aproveitem o Cotrisol e levem para a escola as sugestões que ele está trazendo no passatempo, cantigas folclóricas, brincadeiras e curiosidades.

A história do mês conta sobre a forma dos pintinhos beberem água e na página do leitor... não vou dizer nada, leiam as produções bonitas que vieram de Augusto Pestana.

Na edição de agosto o tema será folclore; quem tiver brincadeiras, quadrinhos, é só enviar até o dia 20.

Um beijo  
Mariluz



Sandra Schneider.

### A abelha

A abelha é um bichinho muito perigoso. A gente chegando perto ou ela pode tomar um ferrão e não sem querer. Mas ela tem um outro lado que é um melzinho muito gostoso. A abelhinha trabalha muito para o mel, ela anda sugando de flor em flor. O difícil é melar, temos que deixar tontas de fumaça, para poder pegar as meladas.

Cesário Pedroni - 1ª série

### Meu sapato

Meu sapato é feito de couro. Fico pensando como apareceu. Primeiro os trabalhadores criaram um boi. Depois cuidaram do boi e ele foi crescendo até ficar grande. Depois de grande, mataram o boi que tinham criado. Tiraram o couro e levaram para o supermercado. Do supermercado levaram para a indústria. Na indústria tiraram o pelo e fizeram o sapato. Depois mais os meus pais compraram este sapato para mim.

Josenara Desbessel - 3ª série  
E.M. de 1º Grau Humberto de Campos



Adilar Barbosa

### A derrubada de árvores

O ar está muito poluído por causa e por culpa do homem. Ele destrói a natureza. Isso a gente não deve fazer porque o ar é um bem que todos os seres vivos necessitam. As árvores são úteis por várias coisas. Para o ar, sombra, frutos, chás e para enfeitar os lugares. Eu gostaria que as pessoas plantassem mais árvores, não desmatassem tanto, porque nós e todos os seres vivos precisamos do ar. Sem ele ninguém vive.

Éder Juarez Schunemann - E.M. Barão do Triunfo

### A localidade da Esquina Gaúcha

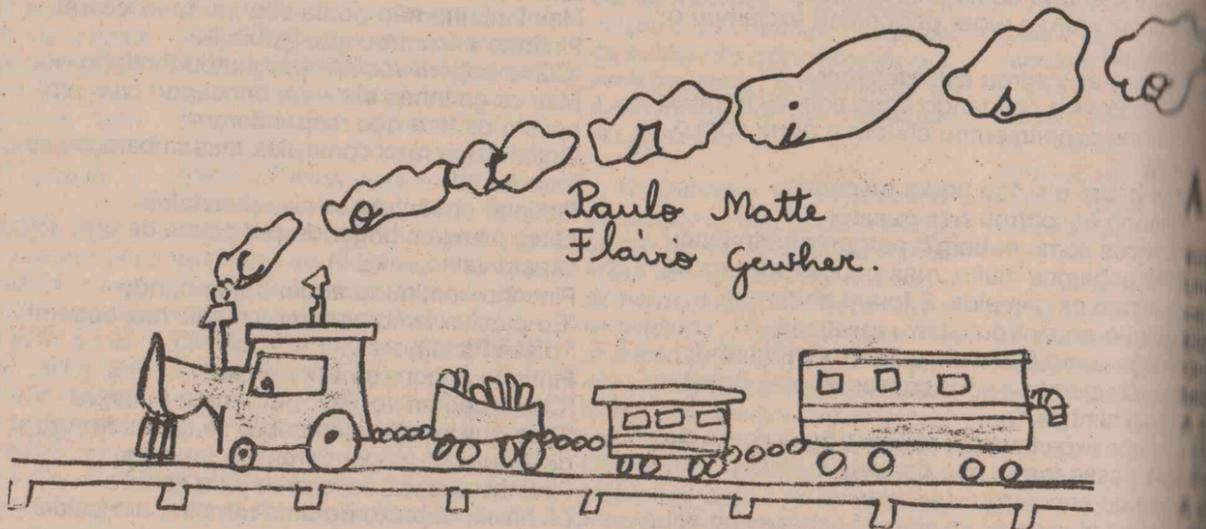
Nós moramos na localidade de Esquina Gaúcha. Esquina Gaúcha pertence ao município de Augusto Pestana. Na nossa localidade tem uma escola, casas, uma telefônica, um salão de baile com bolicho, um campo de futebol, um cemitério, uma fábrica de cachaça. O nome de nossa escola é Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Coelho Neto. A maioria dos moradores de Esquina Gaúcha são agricultores. Eles plantam trigo, soja, milho, aveia e outros produtos. As localidades vizinhas da Esquina Gaúcha são: Vila Rosário, Rincão Seco, Rincão dos Müller.

Alunos da 2ª série.

### Festa de São João

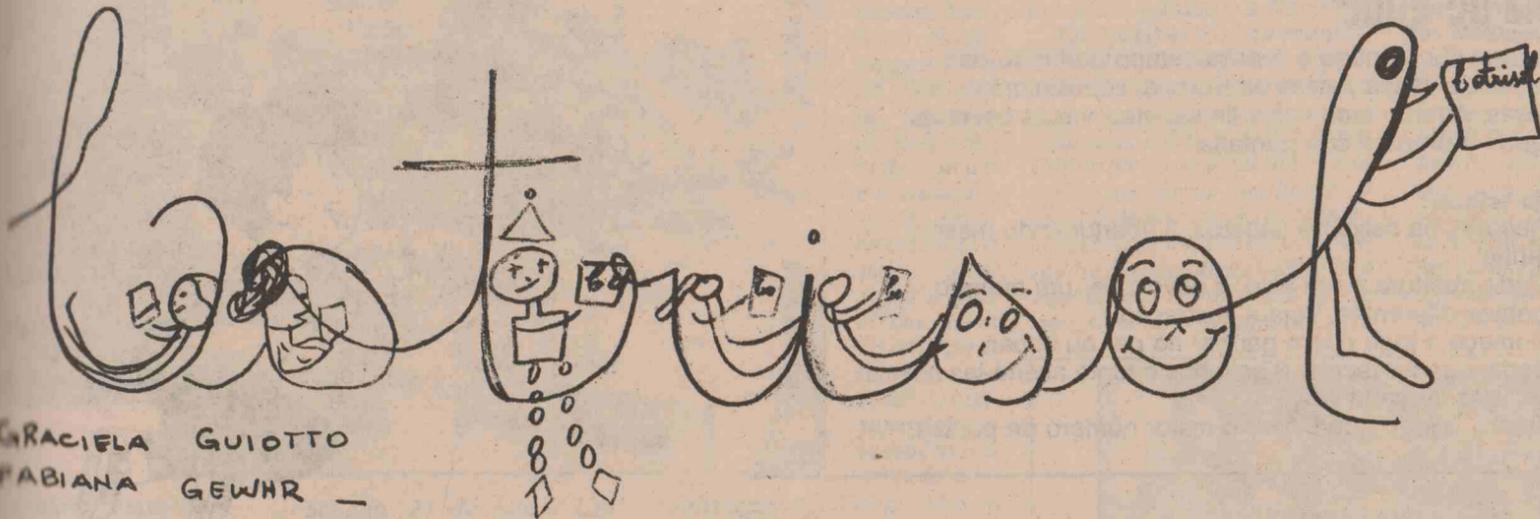
Antigamente as festas de São João eram muito divertidas. Os vizinhos se reuniram para preparar os quitutes: batata-doce, rapadura, pinhão, quentão, bolo de milho, pipoca, etc... Faziam uma armação de madeira com um mastro onde colocavam a imagem de São João, bordada num pano. Acendiam a fogueira e deixavam queimar até formar brasas. O pessoal não tinha medo de se queimar, passavam de pés descalços bradando: "Viva São João". A cinza da fogueira era guardada para proteger a casa das tempestades.

Flávia Jardim - E.M. Humberto de Campos



Paulo Matte  
Flávia Gewher.

# Página do Leitor



GRACIELA GUIOTTO  
FABIANA GEWHR -  
AUGUSTO PESTANA.

## As Copas do Mundo

A primeira Copa do Mundo foi realizada em 1930, no Uruguai. O próprio Uruguai ganhou este campeonato e a taça de ouro maciço criada pelo artesão Abel Lefleur que passou a ser chamada Copas Jules Rimet.

Pela regra, a Copa do Mundo seria disputada a cada 4 anos. Em 1934 foi disputada na Itália e a própria Itália ganhou. Em 1938 foi disputada na França e a Itália ganhou, ficando bi-campeã. No período de 1938 a 1950 não houve Copa do Mundo por causa da II Guerra Mundial.

Em 1950 foi disputada no Brasil e teve um final triste com os brasileiros perdendo para os uruguaios em pleno Maracanã, que foi construído para a Copa, sendo o maior estádio do mundo, com 200.000 lugares. Em 1954 foi disputada na Suíça e a Alemanha ganhou. Em 1962 foi no Chile e o Brasil ganhou. Em 1966 foi na Inglaterra e a própria Inglaterra ganhou. Em 1970 foi disputada no México e o Brasil ganhou, ficando tri-campeão. Em 1974 foi disputada na Alemanha, que ganhou. Em 1978 foi na Argentina e a própria Argentina ganhou. Em 1982 foi disputada na Espanha e a Itália ganhou, ficando tri-campeã. Em 1986 foi disputada no México e quem ganhou foi a Argentina. Um país para ganhar a Copa do Mundo precisa ganhar 7 jogos. Neste ano a Copa foi na Itália e quem ganhou foi a Alemanha, ficando portanto tri-campeã como o Brasil e a Itália.

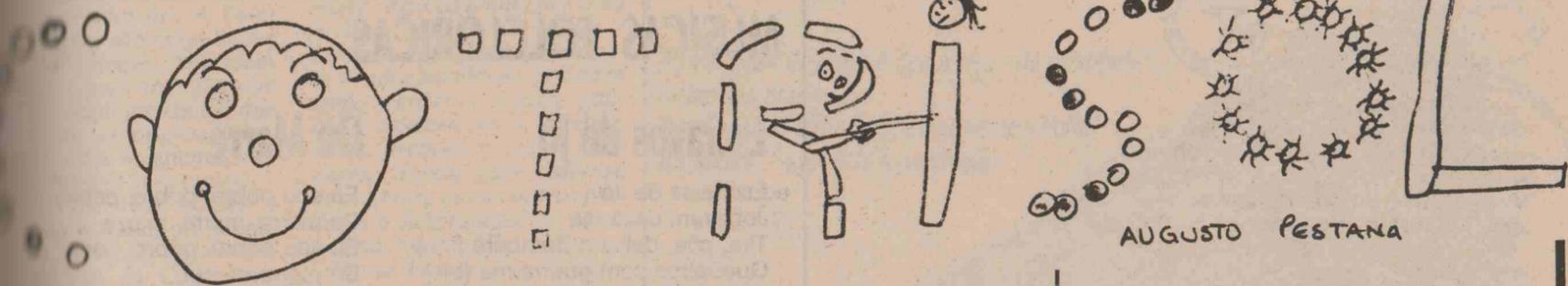
Odirlei Bernardi - E.M. Dr. Augusto Pestana.

## Ceifa da soja

Uma manhã, quando meu pai, o Vilmar e o Elemar colheram a soja do colégio e daí fui chamar o meu pai para que viessem almoçar e foram colher de novo. Eu fui a mão a fazer o serviço da casa. Mamãe foi descansar e depois fui com ela para a roça. Quando o Vilmar foi descarregar a soja no carretão, papai me chamou e eu queria andar de ceifa. Mas não, mas papai pediu para mim subir na ceifa e daí eu tive que descer da ceifa para tirar uma pedra que estava lá. Daí eu subi de novo na ceifa e me sentei na escada. Quando o Vilmar foi levantar para mexer a soja que ia cair na graneleira, papai me chamou e eu fui com ele. Quando o Vilmar me chamou para ir embora. Fui junto.

Augusto Pestana - E.M. Dr. Augusto Pestana

DÁRIO JOSÉ DESSOY - FÁBIO GEWEHR



AUGUSTO PESTANA

Uma sementinha. Ela era muito contente e andava sempre feliz. Quando ela foi para a casa de uma amiga e a amiga ficou muito contente por vê-la. Elas gritaram... Quando a sementinha enxergava árvores com frutas, tinha que comer e então ela ficava feliz. Quando ela falou a árvore. Ela perguntou: - Você quer algumas frutas?

- Como são gostosas as suas frutas.

A árvore falou:  
- Você acha mesmo?  
- Claro.

A árvore e a sementinha ficaram tão amigas, mas tão amigas que fizeram uma casa para morar juntas.

A casa quando ficou pronta, ficou tão bonita que todos queriam morar nela.

E as duas ficaram juntas e felizes para sempre.

Zenaide Goergen - 4ª série  
E.M. 1º Grau Inc. Dário Veloso

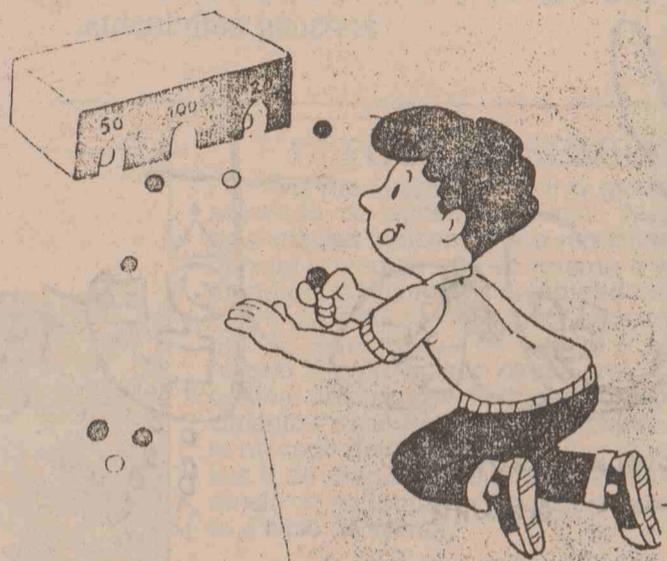
# Passatempo

## Bola de gude

Este jogo superantigo é o passatempo preferido das crianças de vários países da Europa, especialmente as inglesas. Arrume uma caixa de sapatos, várias bolinhas de gude e prepare sua pontaria.

### Como brincar:

- 1 - Recorte, na caixa de sapatos, 3 aberturas do mesmo tamanho.
- 2 - Cada abertura é um alvo, e deve valer um número de pontos diferentes. Veja a ilustração.
- 3 - Começa o jogo quem ganhar no par ou ímpar.
- 4 - Cada jogador recebe 3 bolinhas e tenta acertá-las nos alvos, uma de cada vez.
- 5 - Ganha o jogo quem fizer o maior número de pontos.

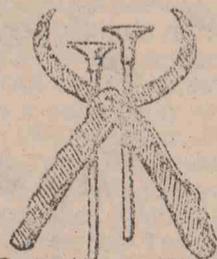


## Curiosidade

### Como é que a mosca pode caminhar no teto?

Você conhece aquelas "flechas de pressão", constituídas de um cabo fino, tendo à ponta uma borracha com formato semelhante ao do desentupidor de pia? Pois bem, ao atirar uma dessas flechas (ou ventosas) de encontro à parede, elas ficam presas. Isso ocorre porque, com a pressão do choque, o ar que havia entre a borracha da flecha e a parede, foi eliminado. Assim, não havendo mais ar no interior da borracha, toda pressão é exercida pelo ar que a circunda, e é essa pressão externa que provoca a adesão da flecha à parede.

Experimente. Consiga uma dessas flechas e comprove o que dissemos.



R. Ens., Porto Alegre, 19(144): out. 1977.

## Batata quente - 6/7 anos

**Material:** Um lenço, no qual se dará um nó, será a "batata quente".  
**Formação:** Crianças sentadas em círculo, ficando um dos jogadores de pé, no meio da roda.

**Desenvolvimento:** Uma criança atirará a "batata quente" à outra que, por sua vez, deverá arremessá-la novamente, sem demora. Enquanto isso, o jogador do centro tudo fará para pegar a "batata quente". Quando conseguir seu intento, trocará de lugar com o jogador que a tiver arremessado.



## MÚSICAS FOLCLÓRICAS

### Escravos de Jó

Escravos de Jó  
Jogavam caxangá  
Tira, põe, deixa o Zamberê ficar  
Guerreiros com guerreiros (bis)  
Fazem zig-zig-zá  
Escravos de Jó.

### De Marré

Eu sou pobre, pobre, pobre  
De marré, marré, marré  
Eu sou pobre, pobre, pobre  
De marré de ci.

Eu sou rico, rico, rico  
De marré, marré, marré  
Eu sou rico, rico, rico  
De marré de ci.

Dai-me uma de vossas filhas  
De marré, marré, marré  
Dai-me uma de vossas filhas  
De marré de ci.

Escolhei a que quiser  
De marré, marré, marré  
Escolhei a que quiser  
De marré de ci.

## Alfabeto animado - 8/9 anos

\* **Preparação:** Crianças sentadas em círculos, compostos de oito a dez jogadores cada um, sendo destacado um chefe em cada grupo.

\* **Desenvolvimento:** Dado o sinal de início, os capitães começam a dizer, rapidamente, o alfabeto. Ao terminarem, seus vizinhos da direita fazem o mesmo e assim sucessivamente. Até todos terem dito o alfabeto. Quem errar deverá recomençar do ponto em que cometeu a falta. A vitória caberá ao grupo que primeiro terminar, sem saltar letras ou jogadores.